CLASSICOS

PORTUGUEZES.

TOMO I.

CAMÕES.

I.

F. Gérard del.t Bd. Roger sculp.t

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIS DE CAMÕES,

CORRECTAS E EMENDADAS

PELO CUIDADO E DILIGENCIA

DE

J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro.

TOMO PRIMEIRO.

LISBOA.

ACHA-SE TAMBEM EM PARIZ,

NA LIVRARIA EUROPEA DE BAUDRY.

3, quai Malaquais, près le pont des Arts

—

1843

PROLOGO.

Salteado pela morte o eximio poeta Virgilio antes de haver pôsto a última lima á sua Eneida, a Tucca e Varo, ou Vario (que nisto não concordão os autores) encommendou Augusto que, revendo aquella immortal obra, corrigissem quanto julgassem vício de penna, mas nenhuma cousa accrescentassem ou ommittisem do que o autor escrevêra. E vivendo nesse tempo e frequentando a sua côrte Horacio, poeta não menos insigne no seu genero, lhe não quiz confiar tão melindroso trabalho; ou porque, differindo os dous genios um do outro essencialmente no estilo e gôsto, lhe não desfigurasse os pensamentos e imagens, revestindo-os de outra côr; ou porque, não se podendo saber ao certo depois quaes e quantas havião sido as emendas, não viesse a fama deste a diminuir a daquelle. E nem por isso foi censurado aquelle judicioso monarcha; antes mereceo os louvores de toda a posteridade: sendo assim que as obras dos summos escriptores nem por outros igualmente summos, nem

por ignorantes e idiotas se devem rever e corrigir; mas sim por homens doutos e de fino tacto.

Se taes houvessem sido os editores dos nossos classicos, não tiveramos o desgôsto e mágoa de ver hoje seus escriptos assim desfigurados e corruptos. E, por cúmulo de desgraça, os que mais tem experimentado os estragos da ignorancia, são os do mais insigne de todos, o grande e immortal Camões; mormente o seu poema dos Lusiadas; monumento que nenhuma outra nação, antiga ou moderna, se póde jactar de possuir; não porque em muitas dellas não tenha havido grandes e abalisados poetas epicos, mas pela grandeza da acção, e porque nenhum desses poetas, qualquer que fosse o seu genio e merecimento, reunio em si em tão eminente grao, como o nosso, todos os dotes e requisitos de um summo e verdadeiro escriptor: grandeza de engenho, viveza de imaginação, veia inesgotavel, profunda erudição em todo genero de lettras, impulso natural e proprio, e sobretudo amor da verdade, estima de si mesmo, e independencia e constancia d'alma, superior a toda a fortuna. Pois a tanto chegou a ignorancia e audacia dos editores, que sôbre haverem conservado muitos e mui grosseiros erros das primeiras edições, que devêrão emendar, não so corrompêrão ainda em muitos lugares o texto, mas até (cousa inaudita!) viciárão o mesmo titulo da obra.

Em 1572 sahio pela primeira vez á luz, impresso em Lisboa, na officina de Antonio Gonçalves, este divino poema; mas tão desfigurado, que nesse mesmo anno se julgou necessario fazer segunda edição: na qual se emendárão alguns erros de pouca monta, conservando-se os de maior importancia, e se commettêrão outros de novo: e n'uma e n'outra os pontos e virgulas se achão semeados ao acaso, de sorte que mais servem de embaraço, que de esclarecimento ao sentido.

Cousa he certamente estranha e dura de crer, que fazendo-se duas edições, vivendo ainda o poeta e residindo no mesmo lugar onde se imprimia a sua obra, não puzesse elle toda a sua diligencia e cuidado em que esta sahisse com toda a perfeição possivel; e que depois de a ver tão viciada na primeira, se contentasse na segunda apenas com substituir uma ou outra palavra, e corrigir leves faltas, deixando outras de tão grave consequencia, como em seu lugar veremos. Mas, ou fosse que o poeta vendesse ou désse o seu manuscripto, ou que o desgôsto em que vivia lhe fizesse até desprezar a fama posthuma, o certo he que, por falta de cuidado na revisão das provas, sahio a sua obra tão estragada e corrupta nas primeiras edições. E tantas forão as que sôbre estas se fizerão dentro e fóra do reino, que affirma Faria e Sousa, escriptor digno de toda a fe, e diligente in-

vestigador das cousas do poeta, que, sommando as de que pôde alcançar notícia até ao anno de 1639 em que escrevia, achára que a cada tres annos vinha a corresponder uma edição. Quasi com igual intervallo tem ellas continuado até hoje. Porém desgraçadamente, se exceptuarmos a que em Lisboa se fez na officina de Pedro Crasbeek em 1609 por Domingos Fernandes, dedicada a Dom Rodrigo da Cunha, e a que em Madrid nos deo o mesmo Faria em 1639, acompanhada dos seus mui estimaveis commentos; nas quaes alguns erros se emendárão; todas as mais não tem servido senão de perpetuar vicios antigos e introduzir outros novos, com grave detrimento da reputação e fama de tão egregio escriptor. Poisque tendo o seu poema sido vertido em todas as lingoas cultas da Europa com todas essas imperfeições, se lançárão á conta do poeta as faltas dos editores. Mas tal he o merecimento desta producção divina, que com todas essas máculas, e não obstante as flores da poesia murcharem entre as mãos do traductor, se aprecia justamente a obra, e se rendem a seu autor os cultos de admiração e respeito devidos aos grandes genios.

Mas de todos os editores nenhum, em nossa opinião, fez maior injúria ao nosso poeta, que Dom Jose Maria de Sousa. Na magnifica edição que este Snr. mandou fazer em Paris, na typographia de

Fermino Didot para ornar as principaes bibliothecas da Europa e brindar os seus amigos, não sabemos nós dizer, se mais para admirar sejão os prodigios do buril e a delicadeza e perfeição do typo, se para lastimar os despiedados estragos que o illustre editor fez no texto. Admirando, mas não entendendo a Camões, e deixando-se levar da sua cega preoccupação a favor da primeira edição, não so reproduzio os mais dos erros, que na segunda se havião emendado, mas até para accommodar o texto á sua absurda intelligencia, o desfigurou em alguns lugares com monstruosos e deslocados parenthesis, rejeitando a verdadeira lição que n'outros, evidentemente corruptos, se havia restituido: e isto sem dar outra razão, que a de que assim se lia nessa primeira edição, que elle contra o voto dos que o tem nesta materia, reputava pela mais correcta, por isso que indubitavelmente havia sido feita sôbre o manuscripto do poeta: como se os compositores não podessem alterar o que estava escripto, ou como se taes descuidos, e tão manifestos vicios de penna no proprio manuscripto se encontrassem, ahi mesmo se não devessem corrigir.

Nós damos os devidos louvores ao Snr. Sousa, que sem dúvida se fez credor da gratidão e estima de todos os Portuguezes em haver consagrado á memória do immortal cantor da nossa passada glória tão pomposo monumento. Mas, fallando das edições

vestigador das cousas do poeta, que, sommando as de que pôde alcançar notícia até ao anno de 1639 em que escrevia, achára que a cada tres annos vinha a corresponder uma edição. Quasi com igual intervallo tem ellas continuado até hoje. Porém desgraçadamente, se exceptuarmos a que em Lisboa se fez na officina de Pedro Crasbeek em 1609 por Domingos Fernandes, dedicada a Dom Rodrigo da Cunha, e a que em Madrid nos deo o mesmo Faria em 1639, acompanhada dos seus mui estimaveis commentos; nas quaes alguns erros se emendárão; todas as mais não tem servido senão de perpetuar vicios antigos e introduzir outros novos, com grave detrimento da reputação e fama de tão egregio escriptor. Poisque tendo o seu poema sido vertido em todas as lingoas cultas da Europa com todas essas imperfeições, se lançárão á conta do poeta as faltas dos editores. Mas tal he o merecimento desta producção divina, que com todas essas máculas, e não obstante as flores da poesia murcharem entre as mãos do traductor, se aprecia justamente a obra, e se rendem a seu autor os cultos de admiração e respeito devidos aos grandes genios.

Mas de todos os editores nenhum, em nossa opinião, fez maior injúria ao nosso poeta, que Dom Jose Maria de Sousa. Na magnifica edição que este Snr. mandou fazer em Paris, na typographia de

Fermino Didot para ornar as principaes bibliothecas da Europa e brindar os seus amigos, não sabemos nós dizer, se mais para admirar sejão os prodigios do buril e a delicadeza e perfeição do typo, se para lastimar os despiedados estragos que o illustre editor fez no texto. Admirando, mas não entendendo a Camões, e deixando-se levar da sua cega preoccupação a favor da primeira edição, não so reproduzio os mais dos erros, que na segunda se havião emendado, mas até para accommodar o texto á sua absurda intelligencia, o desfigurou em alguns lugares com monstruosos e deslocados parenthesis, rejeitando a verdadeira lição que n'outros, evidentemente corruptos, se havia restituido: e isto sem dar outra razão, que a de que assim se lia nessa primeira edição, que elle contra o voto dos que o tem nesta materia, reputava pela mais correcta, por isso que indubitavelmente havia sido feita sôbre o manuscripto do poeta: como se os compositores não podessem alterar o que estava escripto, ou como se taes descuidos, e tão manifestos vicios de penna no proprio manuscripto se encontrassem, ahi mesmo se não devessem corrigir.

Nós damos os devidos louvores ao Snr. Sousa, que sem dúvida se fez credor da gratidão e estima de todos os Portuguezes em haver consagrado á memória do immortal cantor da nossa passada glória tão pomposo monumento. Mas, fallando das edições

vestigador das cousas do poeta, que, sommando as de que pôde alcançar notícia até ao anno de 1639 em que escrevia, achára que a cada tres annos vinha a corresponder uma edição. Quasi com igual intervallo tem ellas continuado até hoje. Porém desgraçadamente, se exceptuarmos a que em Lisboa se fez na officina de Pedro Crasbeek em 1609 por Domingos Fernandes, dedicada a Dom Rodrigo da Cunha, e a que em Madrid nos deo o mesmo Faria em 1639, acompanhada dos seus mui estimaveis commentos; nas quaes alguns erros se emendárão; todas as mais não tem servido senão de perpetuar vicios antigos e introduzir outros novos, com grave detrimento da reputação e fama de tão egregio escriptor. Poisque tendo o seu poema sido vertido em todas as lingoas cultas da Europa com todas essas imperfeições, se lançárão á conta do poeta as faltas dos editores. Mas tal he o merecimento desta producção divina, que com todas essas máculas, e não obstante as flores da poesia murcharem entre as mãos do traductor, se aprecia justamente a obra, e se rendem a seu autor os cultos de admiração e respeito devidos aos grandes genios.

Mas de todos os editores nenhum, em nossa opinião, fez maior injúria ao nosso poeta, que Dom Jose Maria de Sousa. Na magnifica edição que este Snr. mandou fazer em Paris, na typographia de

Fermino Didot para ornar as principaes bibliothecas da Europa e brindar os seus amigos, não sabemos nós dizer, se mais para admirar sejão os prodigios do buril e a delicadeza e perfeição do typo, se para lastimar os despiedados estragos que o illustre editor fez no texto. Admirando, mas não entendendo a Camões, e deixando-se levar da sua cega preoccupação a favor da primeira edição, não so reproduzio os mais dos erros, que na segunda se havião emendado, mas até para accommodar o texto á sua absurda intelligencia, o desfigurou em alguns lugares com monstruosos e deslocados parenthesis, rejeitando a verdadeira lição que n'outros, evidentemente corruptos, se havia restituido: e isto sem dar outra razão, que a de que assim se lia nessa primeira edição, que elle contra o voto dos que o tem nesta materia, reputava pela mais correcta, por isso que indubitavelmente havia sido feita sôbre o manuscripto do poeta: como se os compositores não podessem alterar o que estava escripto, ou como se taes descuidos, e tão manifestos vicios de penna no proprio manuscripto se encontrassem, ahi mesmo se não devessem corrigir.

Nós damos os devidos louvores ao Snr. Sousa, que sem dúvida se fez credor da gratidão e estima de todos os Portuguezes em haver consagrado á memória do immortal cantor da nossa passada glória tão pomposo monumento. Mas, fallando das edições

vestigador das cousas do poeta, que, sommando as de que pôde alcançar notícia até ao anno de 1639 em que escrevia, achára que a cada tres annos vinha a corresponder uma edição. Quasi com igual intervallo tem ellas continuado até hoje. Porém desgraçadamente, se exceptuarmos a que em Lisboa se fez na officina de Pedro Crasbeek em 1609 por Domingos Fernandes, dedicada a Dom Rodrigo da Cunha, e a que em Madrid nos deo o mesmo Faria em 1639, acompanhada dos seus mui estimaveis commentos; nas quaes alguns erros se emendárão; todas as mais não tem servido senão de perpetuar vicios antigos e introduzir outros novos, com grave detrimento da reputação e fama de tão egregio escriptor. Poisque tendo o seu poema sido vertido em todas as lingoas cultas da Europa com todas essas imperfeições, se lançárão á conta do poeta as faltas dos editores. Mas tal he o merecimento desta producção divina, que com todas essas máculas, e não obstante as flores da poesia murcharem entre as mãos do traductor, se aprecia justamente a obra, e se rendem a seu autor os cultos de admiração e respeito devidos aos grandes genios.

Mas de todos os editores nenhum, em nossa opinião, fez maior injúria ao nosso poeta, que Dom Jose Maria de Sousa. Na magnifica edição que este Snr. mandou fazer em Paris, na typographia de

Fermino Didot para ornar as principaes bibliothecas da Europa e brindar os seus amigos, não sabemos nós dizer, se mais para admirar sejão os prodigios do buril e a delicadeza e perfeição do typo, se para lastimar os despiedados estragos que o illustre editor fez no texto. Admirando, mas não entendendo a Camões, e deixando-se levar da sua cega preoccupação a favor da primeira edição, não so reproduzio os mais dos erros, que na segunda se havião emendado, mas até para accommodar o texto á sua absurda intelligencia, o desfigurou em alguns lugares com monstruosos e deslocados parenthesis, rejeitando a verdadeira lição que n'outros, evidentemente corruptos, se havia restituido: e isto sem dar outra razão, que a de que assim se lia nessa primeira edição, que elle contra o voto dos que o tem nesta materia, reputava pela mais correcta, por isso que indubitavelmente havia sido feita sôbre o manuscripto do poeta: como se os compositores não podessem alterar o que estava escripto, ou como se taes descuidos, e tão manifestos vicios de penna no proprio manuscripto se encontrassem, ahi mesmo se não devessem corrigir.

Nós damos os devidos louvores ao Snr. Sousa, que sem dúvida se fez credor da gratidão e estima de todos os Portuguezes em haver consagrado á memória do immortal cantor da nossa passada glória tão pomposo monumento. Mas, fallando das edições

vestigador das cousas do poeta, que, sommando as de que pôde alcançar notícia até ao anno de 1639 em que escrevia, achára que a cada tres annos vinha a corresponder uma edição. Quasi com igual intervallo tem ellas continuado até hoje. Porém desgraçadamente, se exceptuarmos a que em Lisboa se fez na officina de Pedro Crasbeek em 1609 por Domingos Fernandes, dedicada a Dom Rodrigo da Cunha, e a que em Madrid nos deo o mesmo Faria em 1639, acompanhada dos seus mui estimaveis commentos; nas quaes alguns erros se emendárão; todas as mais não tem servido senão de perpetuar vicios antigos e introduzir outros novos, com grave detrimento da reputação e fama de tão egregio escriptor. Poisque tendo o seu poema sido vertido em todas as lingoas cultas da Europa com todas essas imperfeições, se lançárão á conta do poeta as faltas dos editores. Mas tal he o merecimento desta producção divina, que com todas essas máculas, e não obstante as flores da poesia murcharem entre as mãos do traductor, se aprecia justamente a obra, e se rendem a seu autor os cultos de admiração e respeito devidos aos grandes genios.

Mas de todos os editores nenhum, em nossa opinião, fez maior injúria ao nosso poeta, que Dom Jose Maria de Sousa. Na magnifica edição que este Snr. mandou fazer em Paris, na typographia de

Fermino Didot para ornar as principaes bibliothecas da Europa e brindar os seus amigos, não sabemos nós dizer, se mais para admirar sejão os prodigios do buril e a delicadeza e perfeição do typo, se para lastimar os despiedados estragos que o illustre editor fez no texto. Admirando, mas não entendendo a Camões, e deixando-se levar da sua cega preoccupação a favor da primeira edição, não so reproduzio os mais dos erros, que na segunda se havião emendado, mas até para accommodar o texto á sua absurda intelligencia, o desfigurou em alguns lugares com monstruosos e deslocados parenthesis, rejeitando a verdadeira lição que n'outros, evidentemente corruptos, se havia restituido: e isto sem dar outra razão, que a de que assim se lia nessa primeira edição, que elle contra o voto dos que o tem nesta materia, reputava pela mais correcta, por isso que indubitavelmente havia sido feita sôbre o manuscripto do poeta: como se os compositores não podessem alterar o que estava escripto, ou como se taes descuidos, e tão manifestos vicios de penna no proprio manuscripto se encontrassem, ahi mesmo se não devessem corrigir.

Nós damos os devidos louvores ao Snr. Sousa, que sem dúvida se fez credor da gratidão e estima de todos os Portuguezes em haver consagrado á memória do immortal cantor da nossa passada glória tão pomposo monumento. Mas, fallando das edições

que deste poema se tem feito, nem podiamos deixar de fazer menção da sua, visto ser a mais notavel, nem depois de a mencionarmos dissimular seus defeitos, quando delles tão grave damno resulta á gloria do poeta que pretendemos revindicar: mormente quando, além dessa esplendida edição, consentio o dito Snr. se fizesse outra mais ordinaria para se vender ao público, propagando assim mais largamente os seus erros.

Quando, por morte dos grandes escriptores, passão as suas obras a ser propriedade pública, aos litteratos, como guardas naturaes e sentinellas que ficão sendo desses thesouros nacionaes, pertence o vigiar que mão profana os não contamine e deslustre, e restitui-los á sua primitiva pureza, quando se achem corrompidos. Por isso, ainda que na republica das Lettras nenhum vulto fazemos, comtudo, vendo assim desfigurado o maior brazão da nossa litteratura e gloria nacional, e que os a quem mais tocava acudir pola honra do poeta e da nação, se descuidavão; ja em 1826, estando então em Paris, na mesma typographia de Didot haviamos dado princípio a uma edição das obras completas de Camões; mas, como por impedimentos que occorrêrão, sendo o principal havermos outra vez sido chamados ao serviço da Nação, fossemos obrigados a abrir mão da empresa; agora que a fortuna nos consente algum repouso, e a amizade nos proporciona os meios necessarios, vamos pôr em prática o que ha tanto desejavamos.

Como porém nenhum capricho ou vaidade nos move a emprehender esta edição, não será ella rica, mas decente, que possa ter lugar em qualquer bibliotheca, commoda, que possa chegar ás mãos de todos, e sôbre tudo expurgada e limpa de erros; que nisto, e não em gravuras e outros adornos vãos, consiste o merecimento de uma edição. Para o que, rejeitando a primeira de 1572, preferida pelo Snr. Sousa, adoptaremos a segunda do mesmo anno, como menos viciosa. Mas, seguindo o exemplo de Lipsio, Gronovio, Drakemborch e outros homens doutos, que expurgando os antigos classicos dos vicios dos amanuenses e editores, nos derão a verdadeira lição de Livio, Tacito e outros autores, faremos nos lugares corruptos aquellas necessarias emendas, que um longo e aturado estudo sôbre uma obra, que desde nossos primeiros annos tem feito as nossas delicias, nos autoriza a fazer: as quaes serão por nós justificadas com solidas e evidentes razões tiradas do mesmo texto. E confiamos na fôrça da verdade, que por todo o leitor intelligente sejão recebidas e tidas como verdadeira e genuina lição.

Agora, expostas as causas que nos movêrão a emprehender este trabalho, e o fim que nos propuzemos, razão parece dizermos tambem alguma cousa do merecimento da obra. E pois, concordando todos sôbre as suas grandes e inimitaveis bellezas, parece que alguns duvidão da sua regularidade, nos esforçaremos

principalmente em fazer ver que neste poema se achão rigorosamente guardadas todas as regras e preceitos, bebidos por Homero no profundo estudo da natureza, e por Aristoteles estabelecidos depois em theoria.

He o poema Heroico, ou Epopeia (segundo a doutrina deste autor) *a imitação de uma acção illustre, narrada em verso hendecasilabo para com a admiração e deleite excitar os homens, e com especialidade os principes á prática das grandes virtudes.* A acção ha de ser

Uma e simples, isto he, de um só heroe, e que se não possa dividir em outras acções.

Illustre, assim pela clareza do heroe, como por seu proprio esplendor.

Perfeita, que nada falte para o seu complemento, nem se lhe possa acrescentar.

De certa grandeza ou vulto, isto he, nem tão extensa que se não possa alcançar com a memoria, nem tão curta que se não possão enxergar as partes de que se compõe. Porque (para nos servirmos do mesmo exemplo de Aristoteles) se tomarmos para objecto da nossa observação um animal de dez mil estadios de comprimento, um só de seus membros nos encherá toda a vista de sorte, que não poderemos fazer ideia do todo; e se tomarmos um mosquito, não poderemos distinguir suas partes e feições com a agudeza dos olhos.

A epopeia consta de cinco partes, a saber, acção, fabula, costumes, sentença, e dicção.

A acção he a materia do poema: a fabula, a sua contextura e fórma; e consta de partes ou essenciaes, como são *exordio*, *nexo*, *e solução*, ou não essenciaes; como são os *episodios*.

No *exordio* se contem a proposição da acção, a invocação, e a dedicatoria, se a ha.

Nexo he o encadeamento dos successos desde aquella parte da acção, donde o poeta começa a sua narração, até ao ponto em que a empresa principia á pender para a felicidade ou infelicidade.

Solução, he tudo o mais que se segue desde esse ponto até ao fim da acção.

Por *costumes* se entendem os caracteres das diversas personagens que no poema figurão.

Por *sentença* a conveniencia dos pensamentos.

Dicção, he a escolha e collocação das palavras; e nella se comprehende o metro.

Uma e simples he a acção dos **Lusiadas**; e em ser grande e illustre se avantaja muito a quantas se tem tratado: porque a da Iliada he o incéndio de Troia occasionado pelo roubo de ũa mulher; a da Eneida a passagem de Eneas á Italia e a fundação da cidade de Lavinio; a da Hierusalem libertada o sepulcro de Christo recobrado pelos cavalleiros da

Cruzada; e a dos Lusiadas he a descoberta da India oriental, feita por Vasco da Gama, *por mares nunca dantes navegados*, e a Fé de Christo levada áquellas regiões remotas; acção muito mais illustre e de muito mor proveito a todo o genero humano, ou se olhe pelo lado religioso, ou pelo commercial e politico; e tanto mais gloriosa aos Portuguezes, quanto sem o astrolabio por elles inventado e a bussola applicada á navegação se tornava uma tal empresa absolutamente impossivel. Além de que, da ruina de Troia nenhum bem se seguio á humanidade; a vinda de Eneas á Italia só podia interessar os Romanos, que delle quizerão deduzir a origem do fundador da sua cidade e imperio; e esse mesmo imperio acabou sem delle nos ficar mais que a memória; e o sepulcro de Christo tornou a cahir em poder dos barbaros Mahometanos, como necessariamente havia de succeder, porque para se manter e conservar seria mister ou exterminar de todo os sectarios de Mafoma, ou consumir toda a Christandade em o guardar e defender. Mas as vantagens, que a todo o genero humano resultárão da descoberta da India, e da sciencia da navegação estabelecida e levada pelos Portuguezes á sua última perfeição, existem e existirão eternamente, porque não ha fôrça humana, que as possa destruir.

Mas se a acção em si mesma he grande e maravilhosa, certo que o não he menos o engenho e arte

com que o nosso poeta imaginou e conduzio a sua fábula. Porque, tendo elle em vista erguer um padrão eterno á gloria da sua patria, immortalizando não só esta, mas todas as mais façanhas de seus concidadãos (como elle mesmo expressamente diz, Canto V, Est. 100.

> Porque o fraterno amor e puro gôsto
> De dar a todo o Lusitano feito
> Seu louvor, he somente o presupposto
> Das Tagides gentis e seu respeito)

depois de haver medido as suas fôrças, de tal maneira traçou o plano da sua obra, que, cantando a acção principal do descobrimento da India, viesse ao mesmo tempo a cantar tudo quanto os Portuguezes havião feito digno de memória nas quatro partes do mundo. Para o que, mui judiciosamente rejeitando Polyphemos, Sirenas, magas Circes, Calypsos namoradas, encantamentos e outras ficções desta natureza, que não podem interessar o Leitor, senão pela arte com que são contadas, todos os seus episodios tirou da história Portugueza: pondo na boca do heroe a narração de tudo o succedido até á sua partida do Tejo; na do Adamastor a predicção dos naufragios e desastres de nossas frotas naquella paragem do cabo da Boa Esperança; na de Velloso a singular aventura dos doze de Inglaterra; na de Paulo da Gama a exposição de alguns factos avulsos de nossa história

antiga e moderna, na explicação, que faz ao Catual, das figuras pintadas nas bandeiras e tapeçaria com que se adornou a Capitaina para o receber: e finalmente no canto prophetico da Nympha, e na prática de Tethys com o heroe, na Ilha dos Amores, a relação das nossas futuras descobertas e conquistas. Com o que não só conseguio, com admiravel felicidade, o grandioso fim que se propuzera, mas ainda levar a palma a todos o epicos antigos e modernos em misturar o util com o agradavel.

E porque assim concebeo e traçou a fábula do seu poema, o entitulou — **Os Lusiadas** — isto he: Os filhos de Luso; titulo, que perfeitamente lhe quadra. E pela mesma razão, e não (como pretende Severim de Faria) por seguir a Apollonio Rhodio no seu poema dos Argonautas, disse na proposição:

As armas e os Barões assinalados,

continuando a mencionar todos os Reis e Capitães, que illustrárão o nome Portuguez, dilatárão o imperio, e n'Africa e n'Asia propagárão a Fé de Christo; não obstante não ser costume dos poetas incluir na proposição o que só entra na fábula como episodio. No que mui bem andou o nosso poeta, porque, sendo o seu presupposto fazer um poema regular e uma perfeita história, o que nesta admiravel composição he episodio, como poema, vem a ser parte essencial, como história.

Deve advertir-se tambem, que n'um poema onde figurão tantos e tão distinctos heroes, merecedor cada um delles de uma epopeia por cada uma das acções que obrárão, sería como faltar á veneração devida a tão altas personagens antepor-lhes Vasco da Gama, postoque heroe tambem illustre e egregio. E por sem dúvida temos que os que nisto censurárão o poeta, se o houvessem entendido, em vez de o reprehender, o louvárão. Muito mais quando o exordio não he parte tão essencial da fábula, que alguns se não persuadão (e dessa opinião he o judicioso Boileau *) que um poema epico mui bem póde subsistir sem elle.

Tambem na invocação principal mui advertidamente se affastou o nosso poeta do trilho dos outros epicos, dirigindo-se ás Nymphas de Tejo, por não julgar proprio n'um poema eminentemente nacional invocar as divindades fabulosas da Grecia, e porque n'um trabalho por amor da patria unicamente emprehendido, só o mesmo amor da patria o poderia ajudar.

Na dedicatoria, visto não ser parte essencial da fábula, não temos que observar, senão que neste genero he a melhor cousa que até hoje se tem escripto. Nella a cada palavra respira a dignidade, a nobreza d'alma, e a independencia do poeta.

* Un poëme subsistira fort bien sans exorde.

Reflexions sur Longin.

Na escolha dos episodios e maneira de os introduzir e ligar com a principal acção, se mostrou o nosso Camões mui superior ao poeta Latino. Os deste quasi todos são imitados de Homero: os de Camões quasi todos de sua propria invenção: em Virgilio se nota que muitas vezes estas acções accessorias fazem desapparecer a principal: em Camões todas servem ao desenvolvimento della, e a fazem sobresahir. Tão perfeito he o nexo entre todas as partes deste poema, que nenhuma dellas se póde transpor ou separar, sem que o todo se resinta e desfigure. Isto nega M. de Voltaire; mas por meio da seguinte analise faremos ver que M. de Voltaire ou não entendeo a obra que censurava, ou não disse o que entendia.

Começa o poeta, á imitação de Virgilio, appresentando os seus Argonautas navegando com vento próspero entre a costa da Ethiopia e a ilha de São-Lourenço. Jupiter chama os deoses a concelho para deliberar sôbre a sorte desta expedição, de que depende o destino de todo o Oriente. Oppõe-se Baccho á empresa dos Portuguezes; Venus e Marte a favorecem. Chega a frota a Moçambique. Baccho, ardendo em ira, depois de uma breve falla comsigo mesmo, em tudo semelhante á de Juno em o 1º l. da

Eneida, desce á terra, e tomando a figura de um mouro conhecido naquella ilha e mui valido do Xeque ou governador della, o induz a machinar a destruição dos navegantes. Descobrem os Portuguezes e castigão a traição; e passão a Quiloa, onde lhes estão preparados novos laços. Venus com ventos contrarios desvia as naos do porto. Não tendo podido entrar, se derigem a Mombaça, onde os esperava igual sorte. Venus, descendo outra vez do Olympo, com o auxilio das Nereidas, lhes impede a entrada da barra; e vai interceder a Jupiter polos Portuguezes: este para a consolar lhe abre os arcanos dos Fados, e envia Mercurio á terra, para que tenha apparelhado um porto seguro, onde as naos se possão abrigar e prover do necessario. Mercurio, comprida a ordem de Jupiter, avisa em sonhos ao Capitão, que fuja daquellas praias crueis, e lhe ensina o porto a que deve dirigir-se. Entra o Gama em Melinde, onde he benignamente recebido. Expede um mensageiro ao Rei pedindo auxilio para a viagem, e desculpando-se de não sahir logo a terra, por lhe ser defendido no regimento que trazia. Vem o rei visitar as naos, e o Capitão sahe a recebê-lo no seu batel. Segue-se uma breve prática entre elles, na qual o poeta com muita arte dispõe o leitor para o longo e admiravel episodio, que vai ter lugar nos Cantos 3º e 4º, em que elle divinamente descreve as várias regiões

e povos da Europa, e relata as façanhas dos Reis e Capitães Portuguezes; as causas que os movêrão o emprehender tão espantosa navegação; e o que nella passou até entrar em seu porto. (Aqui estranha Voltaire severamente a Camões fallar ao rei de Melinde em Ulysses e Eneas, *como se um barbaro Africano das costas de Zanguebar* (diz elle) *podesse ter noticia do seu Homero e do seu Virgilio.* Mas muito mais he de estranhar em Voltaire o ignorar que este paiz era povoado de mouros Arabes; que esta era a lingoa que alli se fallava; e que nella se achão traduzidas as obras de Homero e de Virgilio.) Prosegue o heroe a sua navegação; e, estando ja quasi á vista da terra que buscava, Baccho, vendo frustrados todos os seus esforços, e que não podia mover as divindades celestes, acceso em raiva desce ao palacio de Neptuno; encarece-lhe as causas da sua vinda, e lhe pede que, antes de as declarar, mande chamar todos os deoses do mar. Neptuno ordena logo a Tritão, que chame os deoses marinhos; e, reunido o concelho, Baccho lhes expõe a commum injúria feita pelos Portuguezes; e os persuade e exhorta a tomar della vingança. Manda-se recado a Eolo da parte de Neptuno, que solte a furia dos ventos. Prosegue entretanto a frota seu caminho; e, rendido ja o quarto da prima, Velloso, para divertir os companheiros e affugentar o somno, lhes conta o caso dos doze de

Inglaterra. Sobrevem a tempestade, que o poeta maravilhosamente descreve: e os marinheiros desesperão da salvação. Vinha apontando a estrella da manhãa; quando Venus que a conduzia, vendo lá do Olimpo as naos quasi sossobradas pela furia dos ventos e das ondas, conhece os ardis e traições de Baccho; e, baixando rapidamente ao mar, chama as filhas de Nereo, manda-lhes que enfeitem seus cabellos com grinaldas de rosas, e parte com ellas a applacar os Ventos. Cessa a tormenta; e avistão os navegantes a terra que buscavão. Chega finalmente o heroe a Calecut, onde encontra um mouro de Barbaria, que espantado de acção tamanha, se affeiçoa aos Portuguezes, e o informa dos ritos e costumes daquelles povos. Appresenta-se ao Samorim ou Imperador, e lhe dá a embaixada de seu Rei: e, em quanto este consulta os haruspices sôbre o vinda dos estrangeiros, vem o seu Catual ou regedor a bordo da Capitaina; e maravilhado das figuras que via pintadas nas bandeiras, pergunta que personagens são aquellas. Paulo da Gama satisfaz a sua curiosidade, declarando-lhe os nomes e contando algumas façanhas dos principaes herões Portuguezes. Baccho faz os seus ultimos esforços por destruir os navegantes; mas o heroe, alcançado o grande fim da sua missão, escapando aos laços que se lhe ordião, se faz á vela para a sua patria. Venus, para premiar seus trabalhos e fadigas,

lhe tem apparelhada, na volta, uma ilha fluctuante, a mais deliciosa que se póde imaginar, com toda a sorte de deleites; onde desembarcando os Portuguezes para fazerem aguada, são recebidos e agasalhados, o heroe por Tethys, os mais pelas Nereidas, que para esse fim os estavão aguardando: e, depois de um esplendido banquete, durante o qual ouvem no canto prophetico de uma Serea as façanhas que os Portuguezes havião de obrar na India, Tethys, dando ao heroe a sua mão, lhe entrega o imperio dos mares, e o conduz a um alto monte, onde lhe mostra em um globo as nossas futuras descobertas e conquistas. Parte dalli o heroe, e chega em fim a Lisboa.

Veja agora o leitor intelligente onde está aqui a falta de nexo. Se este era (como diz Mr. de Voltaire) o maior deffeito deste poema, segue-se que não ha poema, que mais perfeito seja, ou menos deffeituoso.

A *solução* começa no ponto em que o heroe, vencidos todos os obstaculos que se oppunhão á sua partida, se faz na volta de Lisboa.

E com a sua chegada de tal maneira fica terminada a acção, que nada se lhe póde acrescentar: bem differente nisto da Iliada e da Eneida; porque áquella ainda se poderia ajuntar o retorno dos Gregos a seus lares, e a esta julgou Mapheo Vigesio dever addicionar um decimo terceiro livro em que tratava do funeral de Turno, e do casamento e apotheose de Eneas.

Quanto aos costumes, ou caracteres, he sem dúvida que quanto mais variados forem, tanto maior prazer darão ao leitor. Mas, como a variadade delles depende do numero das personagens actoras, e este da natureza da acção; o que primeiro se deve observar, he se os que o poeta introduzio, estão bem descriptos e sustentados; depois se a natureza da acção admittiria mais ou menos, que os introduzidos pelo poeta. E nem porque uma acção foi praticada por maior numero de individuos, se ha de ter por mais epica; nem por mais perfeito um poema, só por ter mais caracteres; porque a grandeza de uma acção se ha de medir pela utilidade que della resulta aos homens, e pelos obstaculos vencidos; e a perfeição de um poema, nesta parte, consiste em que os caracteres sejão bem desempenhados, e não sejão mais nem menos que os que a acção póde soffrer. Por exemplo, a acção da Eneida em grandeza e utilidade he tão superior á da Iliada, quanto he maior e mais louvavel cousa o fundar, que o destruir; mas porque foi executada tamsomente por Eneas com alguns Troianos fugitivos, não offereceo tão largo campo a Virgilio para variar seus caracteres, como a Homero a da Iliada, em que tiverão parte todos os Reis e povos da Grecia. E se os dous poetas trocassem os assumptos, viria talvez Virgilio a ser nesta parte o que foi Homero; e vice versa. Por isso quando os dous poemas em tudo o mais

fossem iguaes, não diriamos que Homero foi maior poeta, que Virgilio. E se a acção da Eneida não soffre a mesma variedade de caracteres, que a da Iliada, a dos Lusiadas ainda soffre menos, que a da Eneida; porque Eneas passou á Italia com vinte naos e grande numero de Troianos, entre os quaes algumas personagens de grande nome; e Vasco da Gama fez a sua descoberta com apenas tres naos e 148 Portuguezes, todos seus subordinados e com grande distancia inferiores. E a ser tratada por outro poeta ou de outra maneira, ficaria talvez demasiado nua e sêcca. Mas o extraordinario engenho de Camões lhe subministrou o meio não só de vencer esta difficuldade, mas até de ornar o seu poema com tantos e tão diversos caracteres, que nesta parte lhe não faz vantagem a mesma Iliada: nem tão pouco no bom desempenho delles, porque nenhum outro poeta sabia melhor, que o nosso, os deveres de um cidadão para com a sua patria, e as partes que deve ter um Rei, um capitão, um magistrado; e

> Qui didicit, patriae quid debeat, et quid amicis:
> Quo sit amore parens, quo frater amandus et hospes:
> Quod sit conscripti, quod judicis officium: quae
> Partes in bellum missi ducis: ille profecto
> Reddere personae scit convenientia cuique.

Na sentença, isto he na conveniencia dos pensamentos, se mostrou igualmente superior o nosso Camões:

tudo no seu poema he perfeitamente adaptado ás pessoas, aos tempos e ás circunstancias, e filho da situação do ánimo.

E na dicção não cede ao mesmo Virgilio; porque ou se considerem as palavras cada uma de per si, ou tomadas juntamente, se encontrará sempre e em summo grao propriedade, clareza, doçura, polidez, elegancia, e harmonia; e se verá com quanto discernimento e arte soube o poeta evitar esses dous escolhos, onde ordinariamente naufragão ainda os maiores genios — a inchação e a baixeza.

Temos, ao que nos parece, demonstrado que neste poema se achão rigorosamente observadas todas as leis da epopeia. Mas, como o ser exempto de deffeitos não seja mais que um merecimento mediocre, e *Mediocribus esse poetis Non homines, non Di, non concessere columnae,* nos cumpriria tambem extensamente fallar das suas bellezas; mas se uma a uma as fossemos a notar e fazer sentir, nos seria mister escrever um grosso volume. E assim nos limitaremos unicamente a dizer: que a pintura de Venus intercedendo a Jupiter polos navegantes; a descripção das batalhas; os amores e tragico fim de Ignez de Castro; o sonho de Dom Manoel; a despedida da praia de Belem e a exclamação do velho; a ficção do Adamastor; a descripção do palacio de Neptuno e o concelho dos deoses marinhos; o episodio dos doze

de Inglaterra; Venus apparecendo no ceo juntamente com a sua estrella, e baixando ao mar para applacar os ventos; a mimosa falla de Erithya a Boreas; e finalmente a ilha dos Amores, são bellezas taes, que, quando muitas outras de primeira ordem não houvesse neste poema, bastarião para dar a Camões assento no Parnaso a par de Homero.

Nas comparações, e na arte de representar vivamente aos olhos e aos ouvidos os objectos que descreve, nenhum outro poeta o iguala. Emfim quem ler esta producção divina, e for capaz de sentir e apreciar suas bellezas, se verá a cada passo irresistivelmente assaltado de differentes affectos. Que este he o mais certo signal do verdadeiro sublime, abalarnos o coração, e deixar n'alma um vestigio que nada póde apagar.

E se pela utilidade quizermos julgar da obra, tudo quanto neste genero se tem escripto lhe fica mui inferior. Porque não ha poeta que mais severamente reprehenda o vicio, que mais accenda nos animos o amor da patria e da virtude, nem que mais altamente os incite a emprehender grandes cousas. Nenhum descreveo melhor as partes que deve ter um bom Rei, um bom capitão, conselheiro, ecclesiastico, ou magistrado: nenhum mostrou mais inteireza e independencia d'alma; pois, vivendo no centro da miseria, nunca, por agradar a quem quer que fosse, atraiçoou a

verdade; nem se propoz outro fim, que o de ser util aos homens e agradar a si mesmo.

Mas, porque em tudo corresse a sorte dos grandes homens, com todas estas bellezas, com todas estas virtudes, com toda esta perfeição de estilo, a ignorancia, a malignidade e inveja, que vivo o perseguírão, ainda depois de morto não cessárão de lhe inquietar as cinzas, pretendendo offuscar-lhe a gloria com seu bafo pestilente. Nós não nos occuparemos em refutar algumas críticas, tão injustas como ineptas, que homens obscuros lhe tem feito. Mas o grande nome de M. de Voltaire nos obriga a dizer alguma cousa á cêrca do juizo que este escriptor fez do nosso poeta.

No seu *Ensaio sobre a poesia epica*, Artigo — Camões — depois de relatar algumas circunstancias da vida do poeta absolutamente falsas, como que nascêra em Hespanha e acompanhára a Vasco da Gama na sua expedição, passa a tratar do poema, e começando pelo titulo, diz que o poeta lhe dera o de *Lusiada*, *que*, segundo a sua interpretação, *significa Portugaida; titulo que pouca relação tem com o assumpto:* o que tambem não he exacto, porque o poeta entitulou a sua obra — Os Lusiadas; titulo que perfeitamente lhe convem, como ja fizemos ver. Traduz as tres primeiras Estancias, como quem da lingoa Portugueza não tinha maior conhecimento, que da vida do poeta; e faz uma breve exposição do plano

do poema. Louva com enthusiasmo o bello episodio de Ignez de Castro, dizendo: *Il y a peu d'endroits dans Virgile plus attendrissants et mieux écrits. La simplicité du poëme* (continua elle) *est rehaussée par des fictions aussi neuves que le sujet. En voici une qui, j'ose le dire, doit réussir dans tous les temps et chez toutes les nations.* Aqui faz uma descripção do Adamastor, em que desfigura inteiramente a grandiosa imagem do poeta, e acaba exclamando: *Cela est grand en tout pays sans doute.*

Daqui se arremessa de um salto á ilha dos Amores, que elle chama *encantada;* e he nesta admiravel ficção, neste bello e ridente quadro de poesia descriptiva, que M. de Voltaire mais despiedadamente descarrega os golpes da sua injusta censura, dizendo, entre outras expressões que nos peja de repetir: *C'est là que Venus aidée des conseils du Pere eternel et secondée en même temps des fleches de Cupidon, rend les Néréides amoureuses des Portugais.* E não vio M. de Voltaire que este padre eterno não he aqui a primeira pessoa da Trindade, mas sim aquelle mesmo padre, a quem no Canto segundo a deosa intercedeo polos navegantes.

Le principal but des Portugais aprés l'établissement de leur commerce (prosegue M. de Voltaire) *est la propagation de la foi, et Venus se charge du*

succès de l'entreprise. A parler serieusement (Fez bem M. de Voltaire em tornar ao serio, porque nem taes chocarrices convem á dignidade de um escriptor, nem um poeta como Camões se deita a baixo com risadas), *un merveilleux si absurde défigure tout l'ouvrage.* M. de Voltaire na sua Henriada não se melhorou nesta parte, porque, propondo-se a rejeitar os ornamentos poeticos recebidos e consagrados desde a mais remota antiguidade, não só transportou para a epopeia o maravilhoso dos poemas heroe-comicos, personificando os vicios e virtudes debaixo de seus proprios nomes, e matando assim a allegoria, que he a alma da fábula, e destruindo toda a illusão (porque, se o valor vier dizer a um guerreiro que accommetta o inimigo, e o medo que fuja, todo o leitor se rirá) nos appresenta entre o ceo e o inferno o templo de Cupido. Qual sera maior absurdo?

Acrescenta M. de Voltaire: *J'apprends qu'un traducteur du Camouens prétend que dans ce poëme Venus signifie la sainte Vierge, et que Mars est évidemment Jésus-Christ. A la bonne heure, je ne m'y oppose pas; mais j'avoue que je ne m'en serais pas apperçu.* Mas que tem Camões com o seu traductor? Nisto claramente confessa M. de Voltaire que não sabia Portuguez, porque alias não teria necessidade de recorrer a traducções para entender a allegoria do poeta, quando elle mesmo a

explica pela boca de Tethys no Canto X. Estancias 83 e 84, onde diz que por Jupiter se entende a Santa Providencia, e por Venus, Marte, Baccho &c. os espiritos ou anjos bons e maos por que Deos governa o mundo.

E conclue a sua censura dizendo: *Mais de tous les défauts de ce poëme le plus grand est le peu de liaison dans toutes ses parties; il resemble au voyage dont il est le sujet.*

Assim que toda a critica de M. de Voltaire assenta sôbre o titulo da obra, sôbre o emprêgo das divindades fabulosas, ou mithologia poetica, n'um assumpto que elle mesmo reconhece não ser puramente Christão, e sôbre a falta de nexo entre todas as partes do poema.

Quanto ao titulo e á falta de nexo julgamos ter respondido; e quanto á mithologia, responderá por nós um dos mais insignes escriptores seus compatriotas, o judicioso Boileau, de quem o mesmo Voltaire diz que quasi sempre teve razão. A este respeito diz elle na sua arte poetica, Canto III.

C'est donc bien vainement que nos auteurs déçus
Bannissant de leur vers ces ornements reçus,
Pensent faire agir Dieu, ses saints et ses prophetes,
Comme ces dieux éclos du cerveau des poëtes;
Mettent à chaque pas le lecteur en enfer;
N'offrent rien qu' Astaroth, Belzébuth, Lucifer.
De la foi d'un chrétien les mysteres terribles
D'ornements égayés ne sont point susceptibles;

L'évangile à l'esprit n'offre de tous côtés
Que pénitence à faire et tourments mérités;
Et de vos fictions le mélange coupable
Même a ses vérités donne l'air de la fable.
Et quel sujet enfin à présenter aux yeux
Que le diable tousjours hurlant contre les cieux,
Qui de votre héros veut rabaisser la gloire,
Et souvent avec Dieu balance la victoire!
Le Tasse, dira-t-on, l'a fait avec succès.
Je ne veux point ici lui faire le procès:
Mais, quoique notre siecle à sa gloire publie,
Il n'eût point de son livre illustré l'Italie,
Si son sage héros, toujours en oraison,
N'eût fait que mettre enfin Satan à la raison;
Et si Renaud, Argant, Tancrede et sa maîtresse
N'eussent de son sujet égayé la tristesse.
Ce n'est pas que j'approuve, en un sujet chrétien
Un auteur follement idolâtre et païen.
Mais, dans une profane et riante peinture,
De n'oser de la fable employer la figure;
De chasser les tritons de l'empire des eaux;
D'ôtter à Pan sa flûte, aux Parques leurs ciseaux;
D'empêcher que Caron, dans la fatale barque,
Ainsi que le berger ne passe le monarque:
C'est d'un scrupule vain s'alarmer sottement,
Et vouloir aux lecteurs plaire sans agrément.
Bientôt ils défendront de peindre la Prudence,
De donner à Thémis ni bandeau ni balance,
De figurer aux yeux la Guerre au front d'airain,
Ou le Temps qui s'enfuit un horloge à la main;
Et par-tout des discours, comme une idolâtrie,
Dans leur faux zele iront chasser l'allégorie.
Laissons les applaudir de leur pieuse erreur.
Mais pour nous, bannissons une vaine terreur;
Et, fabuleux chrétiens, n'allons point, dans nos songes,
Du Dieu de vérité faire un Dieu de mensonges.

E finalmente quanto ao pêso que devemos dar á sua critica em geral, não podemos mostrar-nos mais imparciaes, que submettendo esta causa ao juizo do mesmo M. de Voltaire.

No mesmo ja citado Ensaio, interpondo o seu juizo sôbre a contenda de M. de la Motte com Madame Dacier á cêrca de Homero, diz elle (e diz muito bem) que M. de la Motte, por sua ignorancia da lingoa Grega, não podia sentir os bellezas do autor que censurava; e acrescenta: *Qu'on ne croie point connaître les poëtes par les traductions; ce serait vouloir appercevoir le coloris d'un tableau dans une estampe. Les traductions augmentent les fautes d'un ouvrage et en gâtent les beautés:* e, sendo cousa certa e provada, que M. de Voltaire ainda ignorava mais a lingoa Portugueza, que M. de la Motte a Grega, e que para fazer o seu juizo sôbre Camões se servio da traducção Ingleza de Fanshaw, a mais infiel e desprezivel de quantas traducções se tem feito; elle mesmo se declara incompetente juiz nesta materia, e por sua propria boca nos diz que não façamos caso algum da sua censura, e deixemos o grande Camões na pacifica posse do terceiro lugar que entre os poetas epicos occupa no Parnaso ha mais de duzentos e sessenta annos; pois que esse lugar lhe pertence por antiguidade, e ninguem por merecimento lho póde disputar.

Isto, quanto ás censuras. Agora quanto aos louvores com que os mais insignes escriptores, assim naturaes como estrangeiros, tem exaltado o nosso poeta, não sendo possivel transcrevê-los aqui todos, nos limitaremos somente a offerecer a nossos leitores o juizo dos dous mais principaes; e estes sejão, dos estranhos Torquato Tasso, dos naturaes, o mais insigne dos nossos poetas lyricos, o bom Filinto Elisio.

TASSO A CAMÕES.

SONETO.

Vasco, le cui felici ardite antenne
Incontro al sol, che ne riporta il giorno,
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Dov'egli par che di cader accenne;
  Non più di te per aspro mar sostenne
Quel, che fece al Ciclopo ultraggio e scorno;
Né chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno,
Né dié più bel subieto a colte penne.
  Ed or quella del colto e buon Luigi
Tant' oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lungi.
  Ond' a quelli, a cui s'alza il nostro Polo,
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama giunge.

FILINTO ELISIO A CAMÕES.

ODE.

Estro filho de Apollo, quando desces
Do verde Pindo, sôbre accesas nuvens,
    Impetuoso assaltas
    Inopinado engenho,
E chamma impetuosa, insana furia
Levantas n'alma digna do teu vôo.

Tu á morada Olympia arrebataste
O cantor Grego, pae da heroica tuba,
Que Achilles iracundo
Trôa, quando affadiga
O anhelante Heitor, longo dos muros
Da emmudecida Troya descórada.

Tu lhe déste ousadia, com que olhasse
Fito a fito o tremendo Soberano
Dos Deoses e dos Homens,
Que só co'um sôbre-cenho
(Quando a cholera as faces lhe roxêa)
Abala os Ceos e a Terra, empóla os mares.

E lhe déste o pincel, com que arriscado
Pinta a Jove, e o trisulco raio iroso,
Que a mão de ardor lhe cora
Ao arremessá-lo ás gentes: —
E os fuzis vingativos da cadeia,
Que suspende e castiga o error de Juno.

Ao epico pregão do Ausonio Povo
Da trompa argentea os aros enrolaste,
Quando cantou sonoro
Accolhidos na Italia
Os Troyanos Penates fugitivos,
E da alta Roma os triumphantes muros.

Pintaste-lhe o Furor impio, sentado
Sôbre as armas crueis, e atraz das costas
Retorcidos os pulsos
Com cem laços de bronze,
No templo, afferrolhado, de Mavorte,
Bramando horrendo co'a sanguinea boca.

Abriste-lhe a caverna da Sibylla,
E as propheticas folhas do Futuro,

Pejadas de successos,
Que as entranhas dos Fados
Sem ordem, sem conselho descompunhão,
Ao capricho dos ventos revoando.

Tu a Pindaro, a Alceo, ao Venusino
Subiste em tuas azas enflammadas
Ao concelho das Musas,
Onde avidos gostárão
O almo licor da reservada veia,
Que em divino transmuda o canto humano.

Franqueaste-lhe alli pródigas chaves
Dos thesouros que encerra a Natureza;
E o fusco véo rasgando
Que lhes cobria a mente,
O trilho que conduz da Terra ao Olympo,
Ao colloquio dos Numes, lhe apontaste.

Assim Camões, por Ti enfurecido,
Ao cume do Parnaso se avizinha;
E os Delphicos loureiros,
Quando elle sobe, acurvão
Ao novo Homero os orgulhosos topes;
E arredão larga estrada ao Vate egregio.

Calliope a mão lhe dá; e ás doutas grutas
(Do rapido talento asylo) o guia,
Onde a sublime trama
Da Iliada sonora,
Palpando as chordas da epica harmonia,
Cantára Apollo, e transcrevêra Homero.

Alli subio Camões; alli a Musa
A boca e vozes do immortal alumno
Banhou de poesia;
E co'as irmãas que invoca,

Co' as tres Graças, que tudo afformozeão,
Enchem do Vate o peito, dadivosas.

Eis chega ao sabio côro o Ausonio Cysne
Comedido, e das faces ressumbrando
Assomos de Celeste:
E tanto se affeiçôa
Do valído das Musas Tagitanas,
Que por alumno e confidente o acceita.

Das reconditas minas da Memoria,
A seu pedido, as ricas veias abre,
Que Camões enthesoura:
Tambem lhe rega o engenho
Co'o epico arcano, em limpidas correntes,
Que manárão nos novos Argonautas.

Entôa o forte Gama, avassallando
Os mares não-trilhados de outros lenhos,
Impavido affrontando
O conflicto das ondas,
Que o Thyoneo contra elle accapellava,
Ajudado do improvido Neptuno.

Sobrevem Sapho, e canta de Ignez linda
A ternura fiel, tragico termo
De viçosos amores.
Ambição crua e cega,
Cubiça de mal-firme valimento,
Tu lhe enterras no peito o frio ferro!

Homero inchando á tuba o bronzeo ventre
Mais alto resoava, e tinha em fogo
A vista rutilante
Quando lançava as vozes
Do Adamastor membrudo, e arduas vinganças
Do quebrado segredo de seus mares.

Como sentiste do animo o alvoróto,
Absorto Vate, quando o intimo seio
Os sons te revolvião
Daquella voz valente,
Tonante voz, encêrro de prodigios,
Voz, de que assim se uffana a Natureza!

Como ja n'alta mente as côres punha
Nos quadros dos Lusiadas illustres!
Aqui se ateia a briga
Dos doze de Inglaterra:
Além, da água que sorve, engrossa a nuvem,
E o pé que tem no mar, a si recolhe.

Quanto se ergue entre estupidos humanos
Quem ao nascer sortio um peito altivo
Capaz de inclyta empresa!
Mais que hómem he um Nume.
Os parabens te dou, oh Lusa patria:
Tambem os tomo, de dever-te o berço.

Oh prole de Japéto, a tudo ousada,
De ser do barro vosso me gratulo,
Quando contemplo a chamma
Que em vós prendeo celeste,
Luzir no engenho, disferir no esfôrço
Brasão e assombro das futuras eras!

Logo Tyrteo, para as feroces guerras
O prendou co'o clarim agudo e forte,
Que a côr ao gesto muda;
E nelle os tons lhe ensaia,
Com que reconte as asperas batalhas
De Nuno fero, e do pugnaz Pacheco.

Eis no carro, que as alvas pombas tirão,
Lhe entrega agradecida a meiga Venus

(Do mimoso regaço)
Quadros de Idalia e Chypre,
As fontes e arvoredos namorados,
Com que elle adorne a ilha dos Amores.

Os olhos para a esphera erguei celeste:
Como raia vermelha no oriente!
Do centro escapa um lume
Que de ouro reluzente
Vai as nuvens cobrindo... Um Deos radioso
Com placido semblante á terra desce.

Pelo cinto do lucido horizonte
Melodias dolcisonas se espalhão;
Alados Hymnos vôão
Flammigeros em tôrno
Da verde-laurea fronte; as alvas azas
Dos Zephyros na lyra ferem vozes.

Mas ja o providente Apollo abrindo
O fatidico seio do futuro,
Movido do ardimento
Do generoso Vate,
Põe nelle os olhos, de esplendor trajados,
E estas aladas vozes lhe dirige:

"Feliz mancebo, que a veréda pizas
"Dos dous Cysnes que além de todos prezo,
"Não desmaies, ao veres
"Os sustos, os despenhos
"Que ameação na senda alcantilada
"O laurifero Pindo, temeroso.

"Com meu raio facundo, e nunca-incerto
"Quero teu guia ser na epica lida:
"E serás celebrado
"Na esteira perigosa

"Que, intrepido em rasgá-la aos teus, a estranhos,
"De não murchandas flores esmaltares.

"Mas estro adquire gloria, e não thesouros.
"Morrerás pobre, tendo submettido
"Mais riscos, mais trabalhos
"Que o Gama, a quem dás nome.
"Aos vates que só põe na fama o fito
"Serás pharol de náufrago penedo.

"O mesmo Fado desastroso empunha
"Irado raio, em damno dos que venhão
"Por estas broncas fragas;
"E absortos na harmonia
"Dos sonorosos teus ousados versos,
"Te imitarão na lyra e na desgraça.

"Coridon, Coridon, que improba estrella
"Te dá nome immortal, fonte de invejas?
"Pelos sallões das honras
"Te arremessa ás masmorras,
"Onde os annos consumes, que devêrão
"Ser de ampla gloria e louros assombrados.

"Lá vai, de atroz calumnia perseguido,
"Correr mares, trilhar estranhas terras
"O candido Filinto,
"Que tanto tinha a peito
"O seu Camões grandiloquo, a quem lia
"Com gôsto, com respeito ás Musas grato.

"Lá, comtigo abraçado em seu destêrro,
"Em ti bebe a corrente nobre e pura,
"Com que os seus versos banha.
"Ainda, ausente, brada
"Ás novas aguias da soberba Elysia,
"Que o teu canto e dicção tomem por norte.

"Mas, em quanto te escuda e te defende,
"Lavra contra elle settas a Ignorancia;
"E dos seus bens e fama
"Põe opimo despôjo
"Nos altares da Inveja e da Calumnia:
"Iniquo galardão de haver-te amado!"

Porém a mais evidente prova do reconhecido merecimento deste poema, he o fervor com que todas as nações cultas da Europa o tem procurado apropriar a si, vertendo-o cada uma no seu idioma; poisque em Hespanhol sabemos de trez traducções; em Francez temos notícia de quatro; outras tantas se contão em Italiano, sendo a ultima a de Bricolani, impressa em París em 1826, obra mui estimavel pela sua fidelidade e elegancia; na lingoa Ingleza duas; outras tantas na Alemãa; uma na Dinamarqueza; outra na Sueca: e até na Moscovita ha traduzidos os episodios de Ignez de Castro e Adamastor. Das lingoas mortas, tambem se acha vertido na Latina e na Hebraica. E assim se póde dizer de Camões que, igualmente com Homero e Virgilio, tem por limites á sua fama os confins da Terra.

OS

LUSIADAS.

OS LUSIADAS.

CANTO PRIMEIRO.

I.

As Armas e os Barões assinalados,
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passárão ainda além da Taprobana;
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificárão
Novo Reino, que tanto sublimárão:

II.

E tambem as memórias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andárão devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

III.

Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizerão;
Calle-se de Alexandro e de Trajano
A fama das victórias que tiverão;
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedecêrão:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente;
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente;
Dai-me agora hum som alto e sublimado,
Hum estylo grandiloquo e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenhão inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me huma furia grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no Universo;
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao Mundo por Deos, que todo o mande,
Para do Mundo a Deos dar parte grande:

VII.

Vós tenro e novo ramo florecente
De huma árvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea ou Christianissima chamada
(Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria ja passada;
Na qual vos deo por armas e deixou
As que elle para si na Cruz tomou):

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto Imperio
O sol logo em nascendo vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do Hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco Oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio:

IX.

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo;
Que ja se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo:
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno:
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi, vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois Senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do Mundo Rei, se de tal gente.

XI.

Ouvi, que não vereis com vãas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodamonte, e o vão Rogeiro;
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois se a trôco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria,
E aquelle, que a seu Reino a segurança
Deixou co'a grande e próspera victoria;
Outro Joanne, invicto Cavalleiro,
O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos Reinos lá da Aurora
Se fizerão por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora;
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

XV.

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do Reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o pêso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos e feitos singulares
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tẽe o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado;
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado.
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tẽe para vós por dote aparelhado;
Que affeiçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous Avôs as almas cá famosas,
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas.
Em vós esperão ver-se renovada
Sua memoria e obras valerosas;
E lá vos tẽe lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejão,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejão:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejão
Que são vistos de vós no mar irado;
E costumai-vos ja a ser invocado.

XIX.

Ja no largo Oceano navegavão,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravão,
Das naos as velas concavas inchando;
De branca escuma os mares se mostravão
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Prótheo são cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntão em concílio glorioso
Sôbre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o crystallino ceo formoso
Vem pela Via Lactea juntamente,
Convocados da parte de Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixão dos sete ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o ceo, a terra e o mar irado.
Alli se achárão juntos n'hum momento
Os que habitão o Arcturo congelado,
E os que o Austro tẽe, e as partes onde
A aurora nasce, e o claro sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo e soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornára hum corpo humano;
Com huma c'roa e sceptro rutilante
De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavão
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavão:
Precedem os antiguos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavão;
Quando Jupiter alto assi dizendo
C'hum tom de voz começa, grave e horrendo:

XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero Polo e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como he dos fados grandes certo intento
Que por ella se esqueção os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

XXV.

Ja lhe foi (bem o vistes) concedido
Com poder tão singelo e tão pequeno
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhano tão temido,
Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
Assi que sempre em fim com fama e gloria
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançárão,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se affamárão.
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantárão
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vêdes bem que, commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a fôrça, a mais se atreve;
Que havendo tanto ja que as partes vendo
Onde o dia he comprido e onde breve,
Inclinão seu proposito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ser quebrada,
Que tenhão longos tempos o govêrno
Do mar que vê do sol a roxa entrada.
Nas aguas tẽe passado o duro Inverno,
A gente vem perdida e trabalhada:
Ja parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tẽe passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas e ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejão, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos;
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa róta.

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando e recebendo.
O Padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos Fados que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha,
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.

XXXII.

Vê que ja teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou Fortuna ou Caso
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem água do Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
D'agua do esquecimento, se lá chegão
Os fortes Portuguezes que navegão.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana
Por quantas qualidades via nella
Da antigua tão amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostrárão na terra Tingitana,
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê qu'he a Latina.

XXXIV.

Estas causas movião Cytherea;
E mais porque das Parcas claro entende
Què ha de ser celebrada a clara dea
Onde a gente belligera se estende.
Assi que hum pela infamia que arrecea,
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero ou Boreas na espessura
De sylvestre arvoredo abastecida
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto e braveza desmedida:
Brama toda a montanha, o som murmura;
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado
Entr'os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia;
Ou porque o amor ántiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
D'entre os deoses em pé se levantava:
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho e irado:

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer, se poz diante
De Jupiter, armado, forte e duro:
E dando huma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro,
O Ceo tremeo, e Apollo de torvado
Hum pouco a luz perdeo como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro Hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeção vituperio,
Como ha ja tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois es Juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

XXXIX.

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado.
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tẽes tomada,
Não tornes por detraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso;
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Ja lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o sol ardente
Queimava então os deoses que Typheo
Co'o temor grande em peixes converteo.

XLIII.

Tão brandamente os ventos os levavão,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar e os tempos se mostravão
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontorio Prasso ja passavão,
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cérca e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos batéis, que vem daquella
Qne mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça, e de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente será esta? (em si dizião)
Que costumes, que Lei, que Rei terião?

XLVI.

As embarcações erão, na maneira,
Mui veloces, estreitas e compridas;
As velas, com que vem, erão de esteira
De humas folhas de palma, bem tecidas:
A gente da côr era verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao Mundo deo, de ousado e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampethusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinhão vestidos
De várias côres; brancos e listrados;
Huns trazem de redor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos;
Por armas tem adargas e terçados;
Com toucas na cabeça: e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co' os pannos e co' os braços acenavão
Ás gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas ja as proas ligeiras se inclinavão
Para que junto ás Ilhas amainassem:
A gente e marinheiros trabalhavão,
Como se aqui os trabalhos se acabassem:
Tomão vélas; amaina-se a vêrga alta;
Da áncora o mar ferido em cima salta.

XLIX.

Não erão ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas ja subia:
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia:
As mesas manda pôr em continente:
Do licor que Lieo prantado havia
Enchem vasos de vidro, e do que deitão,
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

L.

Comendo alegremente perguntavão,
Pela Arabica lingua, donde vinhão;
Quem erão; de que terra; que buscavão;
Ou que partes do mar corrido tinhão.
Os fortes Lusitanos lhe tornavão
As discretas respostas que convinhão:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antarctico e Callisto,
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos ceos e terras temos visto:
De hum Rei potente somos, taõ amado,
Tão querido de todos e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feios Phocas se navega.
Mas ja razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra he esta que habitais;
Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII.

Somos (hum dos das Ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, lei, e nação;
Que os proprios são aquelles que criou
A Natura sem lei e sem razão.
Nós temos a lei certa que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do Mundo o senhorio;
A mãe Hebrea teve, e o pae Gentio.

LIV.

Esta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
E, por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala:
E, porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha Moçambique.

LV.

E ja que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refrêsco, e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batéis com toda a companhia:
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas agoas encerrou
Co' o carro de crystal o claro dia;
Dando cargo á irmãa, que alumiasse
O largo Mundo, em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada;
E como os que na errada seita crêrão,
Tanto por todo o Mundo se estendêrão.

LVIII.

Da Lua os claros raios rutilavão
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os Ceos acompanhavão,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavão
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada;
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O Regedor das Ilhas que partia.

LX.

Partia, alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refrêsco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vierão, e por ordem do destino
O Imperio tomárão a Constantino.

LXI.

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito ja trazia;
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

LXII.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe dizia,
Se por ventura vinhão de Turquia.

LXIII.

E mais lhe diz tambem que ver deseja
Os livros de sua Lei, perceito ou Fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê.
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavão,
Quando co'os inimigos pelejavão.

LXIV.

Responde o valeroso Capitão
Por hum que a lingua escura bem sabía:
Dar-te-hei, Senhor illustre, relação
De mi, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia,
Mas sou da forte Europa bellicosa:
Busco as terras da India tão famosa.

LXV.

A Lei tenho daquelle a cujo Imperio
Obedece o visibil e invisibil;
Aquelle que creou todo o Hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil;
Que padeceo deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e insoffribil,
E que do ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao ceo.

LXVI.

Deste Deos Homem, alto e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tẽes dito,
Cumprido esse desejo te seria;
Como amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas seguras;
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras;
Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas:
Porque o generoso ánimo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto póde: e com razão;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX.

Porém disto que o Mauro aqui notou,
E de tudo o que vio com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas com risonho e ledo fingimento,
Trata-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitão
Por quem podesse á India ser levado:
Diz-lhe, que largo premio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro com tenção
De peito venenoso e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade
Que o Filho de David nos ensinou!
Oh segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
Áquelles de quem foste tanto amigo!

LXXII.

Partio-se nisto em fim co' a companhia
Das naos o falso Mouro, despedido
Com enganosa e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortárão os batéis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra, do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E, em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV.

Está do fado ja determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas
Hajão os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas.
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV.

Ja quizerão os Deoses que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo somettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte.
Mas ha-se de soffrer que o fado désse
A tão poucos tamanho esfôrço e arte,
Que eu co' o grão Macedonio, e co' o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Não será assi; porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII.

Isto dizendo, irado e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a fórma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo:
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
De hum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co' o Xeque mui valído.

LXXVIII.

E, entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz como erão gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas.
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Forão por estes homens que passavão,
Que com pactos de paz sempre ancoravão.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tẽe destruido
Com roubos, com incendios violentos;
E trazem ja de longe engano ordido
Contra nós, e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei que tẽe determinado
De vir por água a terra muito cedo
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado
Esperá-lo em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI.

E, se inda não ficarem deste feito
Destruidos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano e tão prudente,
Que os leve aonde sejão destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio e velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho,
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano
Mouro, que por piloto á nao lhe mande,
Sagaz, astuto e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande.
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas e mares com elle ande,
Que se daqui 'scapar, que lá diante
Va cahir donde nunca se levante.

LXXXIV.

Ja o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheios accendido,
Quando Gama co' os seus determinava
De vir por agua á terra apercebido:
A gente nos batéis se concertava,
Como se fosse o engano ja sabido;
Mas póde suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes polo piloto necessario;
E foi-lhe respondido em som de guerra:
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres batéis sómente que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavão pela praia
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e setta ervada,
Esperão que a guerreira gente saia,
Outros muitos ja postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põe huns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andão pela ribeira, alva, arenosa
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co' a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andarlh' os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer póde que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada;
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata e põe por terra.

LXXXIX.

Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria:
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria:
Ja foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC.

Não se contenta a gente Portugueza;
Mas seguindo a victoria estrue e mata:
A povoação sem muro, e sem defeza
Esbombardêa, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro ja lhe peza;
Que bem cuidou comprá-la mais barata:
Ja blasphema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem fôrça, de covarde e de apressado,
A pedra, o pao, e o canto arremessando:
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Ja a Ilha, e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado:
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a Ilha em tôrno cérca, em pouco espaço.

XCII.

Huns vão nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombão as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente.
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornão victoriosos para a armada
Co' o despôjo da guerra e rica prêsa;
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia nem defesa.
Ficava a Maura gente, magoada,
No odio antigo mais que nunca accesa:
E, vendo sem vingança tanto dano,
Sómente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

XCV.

O Capitão, que ja lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado;
Que tempo concertado, e ventos tinha
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi delle alegremente agasalhado;
E, respondendo ao mensageiro, attento,
As vélas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, e costas que passava.

XCVII.

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
De morte ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais, co' o falso pensamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antiguo christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda e pede;
Que a ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em podêr e fôrças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quiloa; mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a deosa em Cythera celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levárão por fôrça por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Erão Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava:
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava:
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava:
Mas, não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia:
Huma cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria;
Regida por hum rei d'antigua idade:
Mombaça he o nome da ilha e da cidade.

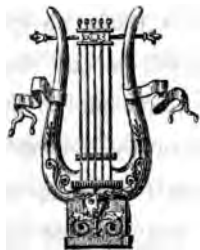
CIV.

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De podêr ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera;
Eis vem batéis da terra com recado
Do rei, que ja sabia a gente que era;
Que Baccho muito d'antes o avisára,
Na fórma d'outro Mouro que tomára.

CV.

O recado que trazem he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos erão de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que naõ se arme e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

OS LUSIADAS.

CANTO SEGUNDO.

I.

Ja neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos Nocturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegárão
Ás naos, que pouco havia que ancorárão.

II.

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tẽes de Neptuno o reino e salsa via;
O rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tẽe tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III.

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra tu, com toda a armada.
E porque do caminho trabalhoso
Traras a gente debil e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la;
Que a natureza obriga a desejá-la.

IV.

E se buscando vás mercadoria
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V.

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do rei agradecendo;
E diz que, porque o sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo;
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado;
Que a mais por tal Senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte, do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta phantasia:
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

VII.

E de alguns que trazia condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A cidade e podêr, e porque vejão
Os Christãos, que só tanto ver desejão.

VIII.

E por estes ao rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda;
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Ja a companhia perfida e nefanda
Das naos se despedia, e o mar cortava:
Forão com gestos ledos e fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E despois que ao rei apresentárão
Co' o recado os presentes que trazião,
A cidade corrêrão, e notárão
Muito menos daquillo que querião;
Que os Mouros cautelosos se guardárão
De lhe mostrarem tudo o que pedião;
Que onde reina a malícia está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mãis; que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava em huma casa da cidade
Com rosto humano, e hábito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

XI.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura:
A candida pombinha debuxada
Sobre a unica Phenix Virgem pura.
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahírão
De fogo, várias linguas referírão.

XII.

Aqui os dous companheiros, conduzidos
Onde com este engano Baccho estava,
Põe em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui forão de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do sol forão no mundo, e n'hum momento
Appareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV.

Tornão da terra os Mouros co' o recado
Do rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o rei mostrou sincero amigo:
E, sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra vírão
Sacras aras, e sacerdote santo;
Que alli se agasalhárão e dormírão,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto:
E que no rei e gentes não sentírão
Senão contentamento e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'hũa mostra tão clara e tão perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subião;
Que levemente hum ánimo se fia
De mostras que tão certas parecião.
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que trazião:
Alegres vinhão todos, porque crem,
Que a prêsa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente aparelhavão
Armas e munições, que como vissem
Que no rio os navios ancoravão,
Nelles ousadamente se subissem.
E com esta traição determinavão,
Que os de Luso de todo destruissem;
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinhão feito.

XVIII.

As âncoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinão para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Vôa do ceo ao mar como huma setta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das águas o podêr lhe obedecia;
E, propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Ja na água erguendo vão, com grande pressa,
Co'as argenteas caudas branca escuma;
Doto co'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da água crespa em fôrça suma:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dióne furiosa:
Não sente quem a leva o doce pêso,
De soberbo com carga tão formosa.
Ja chegão perto donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa:
Repartem-se e rodeião nesse instante
As naos ligeiras, que hião por diante.

XXII.

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra estão de geito
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte nao forçando;
Outras em derredor levando-a estavão,
E da barra inimiga a desviavão.

XXIII.

Quaes para a cova as próvidas formigas
Levando o pêso grande accommodado,
As fôrças exercitão, de inimigas
Do inimigo inverno congelado:
Alli são seus trabalhos e fadigas,
Alli mostrão vigor nunca esperado:
Taes andavão as Nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Mareião velas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo e a outro atravessando.
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.

XXV.

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha.
Não sabem a razão de furia tanta;
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidão que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI.

Ei-los subitamente se lançavão
A seus batéis veloces que trazião:
Outros em cima o mar alevantavão,
Saltando na agua, a nado se acolhião.
D'hum bordo e d'outro subito saltavão;
Que o medo os compellia do que vião;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
Daqui e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naos guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce e chara,
A âncora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente.
E vendo sem constraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a nao passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX.

Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
Oh milagre clarissimo e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca fôrça humana?

XXXI.

Bem nos mostra a Divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não póde ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvas, perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos ja agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos;
Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
De entre as Nymphas se vai, que saudosas
Ficárão desta subita partida.
Ja penetra as estrellas luminosas;
Ja na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre se moveo.

XXXIV.

E, como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o Ceo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos onde faz seu filho o ninho
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano
Na selva Idea ja se apresentára.
Se a víra o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o matárão;
Que primeiro desejos o acabárão.

XXXVI.

Os crespos fios d'ouro se esparzião
Pelo collo, que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammas lhe sahião,
Onde o menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavão
Desejos, que como hera se enrolavão.

XXXVII.

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Ja se sentem no ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante
Co'o riso huma tristeza misturada;
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa, e se ri n'hum mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada:
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil, e amoroso,
Postoque a algum contrário lhe pezasse.
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina;
Assentarei em fim que fui mofina.

XL.

Este povo que he meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo!
Por elle a ti rogando, chóro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois, porque o amo he maltratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E nisto de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' o orvalho fica a fresca rosa:
Callada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedíra a falla piedosa;
Torna a segui-la; e indo por diante,
Lha atalha o poderoso e grão Tonante:

XLII.

E destas brandas mostras commovido,
Que movêrão de hum tigre o peito duro,
Co' o vulto alegre, qual do ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que dalli, se só se achára,
Outro novo Cupido se gerára.

XLIII.

E co' o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o chôro lhe accrescenta;
Por lhe pôr em socêgo o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV.

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos e duros
Delles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da India, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente sobjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis este que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII.

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente,
Em que vão descançar da longa via
As naos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não podêr resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e sobjugado:
Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas settas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Alli se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo.
Do Mouro alli verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao ceo blasphema.

LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co' os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e à toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca fôrça e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo e insolente,
Que cithara jamais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome e gloria.

LIII.

Nunca com Marte instructo e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civís Accias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bàctra Scythico, e robusto
A victoria trazia e prêza rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica;

LIV.

Como vereis o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando.
E, sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até ao longinquo China navegando,
E ás ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esfôrço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano;
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrará o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacifico porto e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E, para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Ja pelo ar o Cylleneo voava;
Com as azas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Dos infernos, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galero costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga
Co' o rumor famosissimo e preclaro:
Ja Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

LIX.

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as naos estavão temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga e terras suspeitosas.
Porque mui pouco val esfôrço e arte
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, e siso,
Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado;
E as estrellas no ceo, co' a luz alheia,
Tinhão o largo mundo allumiado;
E só co' o somno a gente se recreia:
O Capitão illustre, ja cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos vigiava:

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano;
Fuge, que o vento e o Ceo te favorece,
Sereno o tempo têes e o Oceano,
E outro Rei mais amigo n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Não têes aqui senão aparelhado
O hospicio que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hóspedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas;
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quasi junto donde o sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade.
Alli, tua frota alegre recebendo,
Hum rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sábia guia.

LXIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz e raio santo.
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esprito ao mestre seu mandava,
Que as velas désse ao vento que assoprava.

LXV.

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de huma e de outra banda;
Levão gritando as âncoras acima,
Mostrando a ruda fôrça, que se estima.

LXVI.

Neste tempo que as âncoras levavão,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavão,
Por serem, dando á costa, destruidos:
Mas com vista de linces vigiavão
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles, como acordados os sentírão,
Voando, e não remando, lhe fugírão.

LXVII.

Mas ja as agudas proas apartando
Hião as vias humidas de argento:
Assopra-lhe galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto apêrto
A vida em salvo escapa por acêrto.

LXVIII.

Tinha huma volta dado o sol ardente,
E n' outra começava, quando vírão
Ao longe dous navios, brandamente
Co' os ventos navegando, que respirão:
Porque havião de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as velas vírão:
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX.

Não he o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano;
Que, como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia, e se a tivera
Mais damno resistindo recebêra.

LXX.

E, como o Gama muito desejasse
Piloto para a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,
Mas não lhe succedeo como cuidava:
Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse
A que parte dos ceos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

LXXI.

Louvão do rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade,
Porque ja lho dissera deste geito
O Cyllenêo em sonhos, e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea;
Quando hum e outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O presuroso sol, que o Ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito
O sêllo poz a quanto tinha feito;

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde ja se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte;
A cor purpúrea ao longe apparecia;
Sôão os atambores e pandeiros;
E assi entravão ledos e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a de outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Péga no fundo a âncora pezada:
Mândão fóra hum dos Mouros que tomárão,
Por quem sua vinda ao Rei manifestárão.

LXXV.

O rei, que ja sabia da nobreza
Que tanto os Poutuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto préza,
Quanto a gente fortissima o merece:
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que sahissem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domésticas, cevadas,
Com as fructas que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo e seu recado;
E logo manda ao rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado:
Escarlata purpúrea, côr ardente;
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E, como he fóra dellas, se endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na prática elegante,
Que co' o rei nobre as pazes concertasse;
E que de não sahir naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao rei se apresentasse,
Com estylo que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado que temido;
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas,
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto e sublimado.

LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente,
Que barbaro costume e usança feia,
Que não vedem os portos tamsomente,
Mas inda o hospicio da deserta areia?
Que má tenção, que peito em nós se sente?
Que de tão pouca gente se arreceia,
Que com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperâmos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegâmos,
Conduzidos do Intérprete divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que es de peito sincero, humano e raro.

LXXXIII.

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto ou praia.

LXXXIV.

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tẽes de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as merces, e o grande beneficio
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus puderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em prática fallando,
Louvavão muito o estomago da gente,
Que tantos ceos e mares vai passando.
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI.

E, com risonha vista e ledo aspeito,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito;
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não póde ter subido pensamento.

LXXXVII.

De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Aindaque me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavão;
E assi ledos a noite festejavão.

XC.

Não faltão alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio
Nas bombas que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o ceo ferião,
Instrumentos altisonos tangião.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente
Co'o raio volteando com zonido;
Anda em gyros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra: e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.

XCII.

Mas ja o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho;
E ja a mãe de Memnon, a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho:
Hião-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII.

Vião-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustrão os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV.

Hum batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas côres,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça huma fota guarnecida
De ouro, e de seda e de algodão tecida.

XCV.

Cabaia de damasco rico e dino,
Da Tyria côr, entre elles estimada;
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada;
C'hum resplandor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,
Em huma alta e dourada hástea enxerido,
Hum ministro á solar quentura veda
Que não offenda e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horrisono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concêrto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano
Nos seus batéis da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto préza.

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Italico modo a aurea espada,
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o murice excellente
A vária côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente.
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavão
Os animos alegres resoando;
Dos Mouros os batéis o mar coalhavão,
Os toldos pelas aguas arrojando.
As bombardas horrisonas bramavão,
Com as nuvens de fumo o sol tomando:
Amiudão-se os brados accendidos,
Tapão co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Ja no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Elle co'a cortezia que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
C'humas mostras de espanto e admiração
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse;
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que ja ouvio dizer que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E como por toda Africa se soa
Lhe diz dos grandes feitos que fizerão,
Quando nella ganhárão a coroa
Do reino, onde as Hesperidas vivêrão.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso merecêrão,
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria e adversidade
Dos mares exprimenta a furia insana;
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apollo
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achâmos bom, fido e jucundo.
Em quanto apascentar o largo Polo
As estrellas, e o sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Vivirão teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.
Mas, para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja;
E as trombetas canoras lhe tangião:
Co'os anafis os Mouros respondião.

CVII.

Mas despois de ser tudo ja notado
Do generoso Mouro que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto e ancorado
N'agua o batel ligeiro que os levava,
Por fallar de vagar co'o forte Gama
Nas cousas de que têe noticia e fama.

CVIII.

Em práticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes,
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia última, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta (lhe dizia) diligente,
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do comêço;
Que sem sabê-las, sei que são de preço.

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado;
Vendo os costumes barbaros, alheios,
Que a nossa Africa ruda tẽe criado.
Conta; que agora vem co'os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo sol, da fria Aurora trazem:
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

CXI.

E não menos co' o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro sol, para julgares
Que os Melindanos têe tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

CXII.

Commettêrão soberbos os Gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro e puro;
Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro.
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado.
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão he que queira eterna gloria
Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS.

CANTO TERCEIRO.

I.

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama;
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banhar-me Apollo n'agua soberana;
Senão direi que tẽes algum receio
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III.

Promptos estavão todos escuitando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esfôrço alheio,
Cousa he que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, e serei breve.

V.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer.
Mas porque nisto a ordem leve e siga
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a zona que o Cancro senhoreia,
Meta Septentrional do sol luzente,
E aquella, que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa; a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar Mediterrano.

VII.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha: mas o rio
Que dos montes Rhipheios vai correndo,
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do pólo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca fôrça tem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiverão sobre a humana antiguidade
Co'os que tinhão então a Egypcia terra.
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Ja que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informára,
Ao campo Damasceno o perguntára.

X.

Agora nestas partes se nomeia
A Lappia fria, a inculta Noroega;
Escandinavia ilha, que se arreia
Das victorias que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refreia
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
E outras várias nações, que o Rheno frio
Lava e o Danubio, Amasis e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro e o claro estreito
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida;
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que sobmettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino!

XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Áxio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o Ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

XIV.

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor ja muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, qne tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esfôrço, nações várias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em tôrno o cérca o reino Neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte.
Mas, despois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esfôrço veio e bellica arte:
Pobre está ja da antigua potestade:
Tanto Deos se contenta da humildade!

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequana e Rhodano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantão, que segundo
Antiguidades contão, quando ardêrão,
Rios de ouro, e de prata então corrêrão.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli da Europa toda;
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com fôrça ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esfôrço e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX.

Tẽe o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Ja forão contra a gente Mohometa;
Tẽe o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano;
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o Ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada;
Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.
Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos forão, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio-a a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi desta arte:

XXIII.

Hum Rei, por nome Affonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, fôrça e manha
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos para na guerra esclarecer-se,
Vinhão a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV.

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Erão de várias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos
Se mostrárão nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso que obras taes
Levassem premio digno e dons iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre nem prezado.
E, para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse:
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este despois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

6*

XXVII.

Ja tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada:
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Despois de ter Judea sobjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudárão,
Para seus senhorios se tornárão:

XXVIII.

Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deo a quem lho tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pae deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pae tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor (não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza)
Conta que a mãe, tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza.
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pae lhas dera.

XXX.

Mas o principe Affonso (que dest'arte
Se chamava, do avô tomando o nome)
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte.
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as cousas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo ja se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era maior.

XXXII.

Oh Progne crua! oh magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos paes, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea
São as causas deste êrro principais.
Scylla por huma mata o velho pai,
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII.

Mas ja o Principe claro o vencimento
Do padrasto e da iniqua mãe levava;
Ja lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava.
Porém, vencido de íra o entendimento,
A mãe em ferros asperos atava.
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneração aos paes se deve!

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injúria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado.
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo, foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cêrco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano ja aguardava
Que o Principe, a seu mando sobmettido,
Lhe désse a obediencia que esperava:
Vendo Egas que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A trôco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança;
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
(Dizia) eis aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado e da consorte;
Se a peitos generosos e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes;
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
Que ja na vida a morte tẽe bebido,
Põe no cepo a garganta, e ja entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido.
Mas, o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a íra, a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babylonias que tomára.

XLII.

Mas ja o Principe Affonso apparelhava
O Lusitano exército ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso;
Ja no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e bellicoso
Defronte do inimigo Sarraceno;
Postoque em fôrça e gente tão pequeno;

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos que o ceo regía;
Que tão pouco era o povo baptizado,
Que para hum só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia
Commetter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudárão,
E as que o Thermodonte ja gostárão.

XLV.

A matutina luz serena e fria
As estrellas do Polo ja apartava,
Quando na cruz o filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi que creio o que podeis!

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavão
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavão:
E diante do exército potente
Dos imigos gritando o ceo tocavão,
Dizendo em alta voz: Real! Real!
Por Affonso alto Rei de Portugal.

XLVII.

Qual, co' os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso
Contra o touro remette, que fiado
Na fôrça está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a fôrça horrenda se quebranta:

XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago accendido
Por Deos e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
Co'o animoso exército rompente.
Levantão nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocão á arma, ferve a gente;
As lanças e arcos tomão, tubas soão,
Instrumentos de guerra tudo atroão.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o sêcco mato vai queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se ateia,
Recolhe o fato, e foge para o aldeia:

L.

Dest'arte o Mouro attonito e torvado
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI.

Alli se vem encontros temerosos
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas sem dono e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Ja perde o campo o exército nefando;
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.

LIII.

Ja fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos e prêza rica.
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victória certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros por que Deos fôra vendido,
Escrevendo a memoria em vária tinta
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco cinco pinta,
Porque assi fica o número cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV.

Passado ja algum tempo que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI.

A estas nobres villas sobmettidas
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Sobjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiádes escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas águas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa;
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á fôrça Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno
Muitos com tenção sancta erão partidos.
Entrando a boca ja do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos ceos,
Foi posto cêrco aos muros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a lua se escondêra
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendêra
Ao duro cêrco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos ja desesperados.

LX.

Desta arte em fim tomada, se rendeo
Aquella, que nos tempos ja passados
Á grande fôrça nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujo podêr a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio e o Tejo amedrontados;
E em fim co'o Betis tanto alguns puderão,
Que á terra de Vandalia nome derão.

LXI.

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir á fôrça dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Ja lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas águas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás fôrças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os podêres:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.

LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente,
Onde ora as águas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente,
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantão nobremente,
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV.

Ja na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe socegar
Por estender co' o fama a curta vida.
Não se lhe pôde muito sustentar
A cidade; mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas sobjugada foi Palmella
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exército potente:
Sentio-o a villa, e vio-o o senhor della,
Que a soccorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado:

LXVI.

O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro
Co'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante:

LXVII.

Dest'arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura;
Sendo estes, que fizerão tanto abalo,
Não mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esfôrço, e arte e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o merece,
E ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece;
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece;
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe que estava presa.

LXX.

Que estando na cidade que cercára,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomára,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
Á batalha, onde foi vencido e preso.

LXXI.

Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina;
Nem ver que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti victoria indina.
Postoque o frio Phasis, ou Syene
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente
Temessem o teu nome geralmente:

LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos, e Colchos, cuja fama
O veo dourado estende; e os Cappadoces,
E Judea que hum Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos duos rios, cuja fonte
Está n' outro mais alto e sancto monte;

LXXIII.

E posto em fim que desd' o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Ja vencedor te vissem; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido;
Porque Affonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render, e ser despois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado
Do Sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyssea foi trazido:

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo
Com gente, e co' o belligero apparelho.
Sancho, d'esfôrço e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Co' o sanguê Mauro, barbaro e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobiçoso,
Ja não descansa o moço até que veja
Outro estrago, como este temeroso,
No barbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII.

Ja se ajuntão do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o ceo:
Ja vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana e ronca tuba
Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX.

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita ja trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esfôrço e acôrdo generoso,
Tudo provê com ánimo e prudencia;
Que em toda a parte ha esfôrço e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinhão ja obrigado
Os trabalhosos annos ao socêgo,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co' a idade.

LXXXI.

E co' a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, prêza rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminin só não fugio,
Porque antes de fugir, lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio
Dão louvores e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagárão seus annos deste geito
Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o chorárão,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagárão,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargárão
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Affonso, Affonso, os eccos: mas em vão!

LXXXV.

Sancho, forte mancebo, que ficára
Imitando seu pae na valentia,
E que em sua vida ja se exprimentára,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratára
Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercárão
Os golpes de seu braço em si provárão:

LXXXVI.

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tẽe cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea ja perdida.

LXXXVII.

Passavão a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exército em defesa
Da cidade onde Christo padeceo;
Quando Guido co'a gente em sêde accesa
Ao grande Saladino se rendeo
No lugar onde aos Mouros sobejavão
As aguas, que os de Guido desejavão.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Ja que em serviço vai do sancto marte.
Assi como a seu pae acontecêra
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado, Sylves toma,
E o bravo morador destrue e doma.

LXXXIX.

E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte:
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal, por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomárão,
Mas agora estruidos o pagárão.

XCI.

Morto despois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quem mandava era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãe Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão mao como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo seu tyrannizado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
Nem tinha como Phalaris achado
Genero de tormentos inhumanos.
Mas o reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

XCIV.

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso o bravo se chamou,
Despois de ter o reino segurado,
Em dilatá-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O Mouro mal querido ja de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania com fôrça e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino próspero florece
(Alcançada ja a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra ja tranquilla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o Reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas, despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias ja maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente
Quarto Affonso, mas forte e excellente.

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co' o peito desprezou firme e sereno;
Porque não he das fôrças Lusitanas
Temer podêr maior, por mais pequeno.
Mas porém, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entrárão pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrê-la.

C.

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o podêr excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei sublime Castelhano
A fôrça inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Ja perdido huma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pae ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CIII.

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha.
Podêr tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co' o pequeno podêr, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E, se não for comtigo soccorrido,
Ver-me-has delle, e do reino ser privada;
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela;
Rompe toda a tardança; acude cedo
Á miseranda gente de Castella.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pae o verdadeiro amor assella,
Acude, e corre pae; que se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.

CVI.

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pae favor pedia
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII.

Mas ja co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra co' o sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaezados.
A canora trombeta embandeirada
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E somente co'o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

CX.

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do podêr dos Christãos fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exército Agareno;
Que com titulo falso possuindo
Estão o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta e nua
Á nobre terra alheia chamão sua.

CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante
Só de pedras e esfôrço apercebido;
Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais póde a fé, que a fôrça humana:

CXII.

Dest'arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos; e não entende
Que está ajudado da alta fortaleza
A quem o inferno horrifico se rende.
Com ella o Castelhano e com destreza
De Marrocos o Rei commette e offende;
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças e espadas retinião
Por cima dos arnezes, (bravo estrago!)
Chamão, segundo as leis que alli seguião,
Huns Mafamede, e os outros Sant-Iago.
Os feridos com grita o ceo ferião,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavão,
Quando do ferro as vidas escapavão.

CXIV.

Com esfôrço tamanho estrue e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV.

Ja se hia o sol ardente recolhendo
Para a casa de Tethys, e inclinado
Para o Ponente o Vespero trazendo
Estava o claro dia memorado;
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario
Dos que morrêrão neste vencimento,
Quando as águas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exército sedento;
Nem o Peno, asperissimo contrário
Do Romano podêr de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro do Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não fôrça de braço, ó nobre Tito,
Que assi dos Vates foi prophetizado,
E despois por Jesu certificado.

CXVIII.

Passada esta tão próspera victoria,
Tornado Affonso á Lusitana terra
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceo da misera e mesquinha
Que despois de ser morta foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com fôrça crua
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres aspero e tyranno
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socêgo,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te respondião
As lembranças que na alma lhe moravão;
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus formosos se apartavão;
De noite em doces sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos que voavão;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pae sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria;

CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co' o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande pêso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV.

Trazião-na os horrificos algozes
Ante o Rei, ja movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da mágoa, e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava;

CXXV.

Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos;
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI.

Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co' a mãe de Nino ja mostrárão,
E co' os irmãos que Roma edificárão;

CXXVII.

Ó tu, que tẽes de humano o gesto e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem fôrça, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tẽes á morte escura della:
Mova-te a piedade, sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII.

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la não fez êrro.
Mas, se to assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpétuo e misero destêrro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Alli co' o amor intrinseco e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejão da mãe triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoão;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
Que desta sorte o quiz, lhe não perdoão.
Arrancão das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli pregoão.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

CXXXI.

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavão, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Sêccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co' a doce vida.

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memorárão;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformárão.
O nome lhe puzerão, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passárão.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas.
De outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concêrto fizerão duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este, castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios:
Fazer nos maos cruezas, fero e iroso,
Erão os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando justiçoso
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vêde da natureza o desconcêrto!)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito apêrto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido,
Ou foi que o coração sujeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez e fraco; e bem parece,
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

Do peccado tiverão sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz e permittio;
Os que forão roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio.
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruïo
De Benjamin? Bem claro no-lo ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem, Pœno próspero, o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII.

Mas quem póde livrar-se por ventura
Dos laços que Amor arma brandamente
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não; mas em desejo acceso?

CXLIII.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave, e Angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS.

CANTO QUARTO.

I.

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II.

Porque se muito os nossos desejárão
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitárão
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançárão,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenação dos Ceos divina
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou,
E, como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal! Portugal! alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo Dom João.

IV.

Alteradas então do Reino as gentes
Co' o odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com que sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrário lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
Co' o Castelhano está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pae succede,
Suas fôrças ajunta para as guerras,
De várias regiões e várias terras.

VIII.

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo
(Se foi) ja teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo
Ganhárão do tyranno e Mauro estado.
Não estimão das armas o perigo
Os que cortando vão co' o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co' os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavão.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavão,
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em tôrno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
Áquelles cujos golpes ja provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esfôrço crece,
Como a Samsão Hebreio da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha.
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos na vontade,
Em quem o esfôrço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade.
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade,
Negão o Rei e a patria, e se convem,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV.

Mas nunca foi que este êrro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

XV.

Como? da gente illustre Portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esfôrço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencêrão esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzerão em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxerão
Presos, a fóra a prêza que tiverão?

XVII.

Com quem forão contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes paes e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas fôrças o Rei novo;
Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem ja desbaratastes.
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da fôrça dura e infesta
A terra nunca de outrem sobjugada.
Em virtude do Rei, da Patria mesta,
Da lealdade, ja por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Ja para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das fôrças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida:

XXI.

Dest' arte a gente fórça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as últimas razões
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animaes cavalgão de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando á boca aberta:
Viva o famoso Rei que nos liberta.

XXII.

Das gentes populares, huns approvão
A guerra com que a patria se sostinha;
Huns as armas alimpão e renovão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofão, peitos provão;
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com lettras e tenções de seus amores.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sahe da fresca Abrantes:
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes.
Os primeiros armigeros regía
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o fero Hunno o foi primeiro
Para Franceezes, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita têe dos Lusitanos,
Apto para mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada, he capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde:
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavão pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mães, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.
Ja chegão as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores;
Alferezes volteão as bandeiras,
Que variadas são de muitas côres.
Era no sêcco tempo que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores,
Entra em Astrea o sol, no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terribil escuitárão,
Aos peitos os filhinhos apertárão.

XXIX.

Quantos rostos alli se vem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
He menor muitas vezes que o perigo:
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender ou vencer o duro imigo
Faz não sentir que he perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba e encontra, e a terra emfim semeia
Dos que a tanto desejão, sendo alheia.

XXXI.

Ja pelo espêsso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros voão;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soão;
Espedação-se as lanças, e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atroão;
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno que os apouca.

XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vão,
(Caso feio e cruel!) mas não se espanta;
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Patria se alevanta.
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

XXXIII.

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros:
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita 'stá o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros
Que os campos vão correr de Tetuão:
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com tôrva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio. Alli perecem
Alguns dos seus, que o ânimo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto pasto lhe buscára,
O pastor de Massylia lhos furtára:

XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII.

Vêdes-me aqui Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com fôrça tira; e deste unico tiro
Muitos lançárão o último suspiro.

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
D'huma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais com ânimo valente
Perigos vencerá do marcio jôgo,
Porfião: tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto e dão feridas,
Como a quem ja não doe perder as vidas.

XL.

A muitos mândão ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sant-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo e os fados.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres ao profundo;
Onde o trifauce cão perpétua fome
Têe das almas que passão deste mundo:
E, porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII.

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Têe as flores da propria cör mudadas.
Ja as costas dão e as vidas; ja fallece
O furor, e sobejão as lançadas;
Ja de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficárão; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da deshonra e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despôjo.

XLIV.

Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mães, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, destitosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande glória:
Com offertas despois, e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victória.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despójo, e o vencimento.
Ja de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores n' hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da fôrça Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
Erão os Castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada ja da gente,
Derão os vencedores aos vencidos;
Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo ja a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tethys inquieta
Abrindo as pandas azas vão ao vento
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

L.

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do ceo supremo quiz que povoasse.
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou quem o levou quem governasse
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI.

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gôsto co'a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em Fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino, e neste Rei
Não usou ella tanto desta lei.

LII.

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas empresas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida;
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida.
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizerão tanto.

LIV.

Mas Affonso, do Reino unico herdeiro,
(Nome em armas ditoso em nossa Hesperia)
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Podêr ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este póde colhêr as maçãas de ouro,
Que somente o Tyrinthio colhêr póde:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI.

Porém ellas em fim, por fôrça entradas.
Os muros abaixárão de diamante
Ás Portuguezas fôrças, costumadas
A derribarem quanto achão diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizerão cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porém despois, tocado de ambição,
E glória de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e várias gentes della,
Desde Cadix ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pae ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pae sanguinolento:
Mas ficou duvidoso o vencimento.

LIX.

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar matárão,
Nos Philippicos campos se vingárão.

LX.

Porém despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar póde homem terreno,
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passárão
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcárão,
Onde ja foi Parthenope enterrada:
Napoles, onde os fados se mostrárão,
Fazendo-a a várias gentes sobjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos
Co' o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegão;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
E dalli ás ribeiras altas chegão,
Que com morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras que se régão
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egyto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII.

Passão tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem nao passou;
Ficão-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

LXIV.

Entrão no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co' o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
Dalli vão em demanda da agua pura
(Que causa inda será de larga historia),
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV.

Virão gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, várias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morrêrão em fim e lá ficárão;
Que á desejada patria não tornárão.

LXVI.

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel e seus merecimentos
Esta empresa tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos.
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficára
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara)
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado no tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidão quando cahem;

LXVIII.

Estando ja deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são;
Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue a obrigação,
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em várias fórmas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta que súbia
Tão alto, que tocava a prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendêra,
Vio de antiguos, longinquos e altos montes
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias
Pelo monte selvatico habitavão:
Mil arvores sylvestres, e hervas várias,
O passo e o trato ás gentes atalhavão.
Estas duras montanhas, adversarias
De mais conversação, por si mostravão
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as rompêrão nunca pés humanos.

LXXI.

Das águas se lhe antolha que sahião,
Para elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos parecião,
De aspeito, inda que agreste, venerando.
Das pontas dos cabellos lhe cahião
Gottas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha.
E assi a água, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha;
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
Dest'arte para o Rei de longe brada:
Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisâmos que he tempo que ja mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro,
Est'outro he o Indo, Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tẽe primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu, por derradeiro
Com não vistas victórias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV.

Não disse mais o rio illustre e santo,
Mas ambos desparecem n'hum momento.
Acorda Emanoel c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento;
Veio a manhãa no ceo pintando as côres
Da pudibunda rosa e roxas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos forão grande admiração.
Determinão o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se puzesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia;
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom signal que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande e grave.

LXXVIII.

E com rôgo e palavras amorosas,
Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcanção com trabalho e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empresa, qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos sera leve.
Não soffri mais, mas logo: Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Álcides inventava;
O leão Cleoneo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava:
Descer em fim ás sombras vãas e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vós, ó Rei, o esprito, e carne he pronta.

LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d' amor e d' amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia, e de conselho,
D' experiencia em armas, e furor.
Ja de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valôr;
Todos de grande esfôrço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Forão de Emanoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi forão os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

LXXXIV.

E ja no porto da inclyta Ulyssea,
C'hum alvorôço nobre, e c'hum desejo,
(Onde o licor mistura e branca area
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados
De várias côres vem, e várias artes;
E não menos de esfôrço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados
Ondeão os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI.

Despois de apparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea côrte
Sustenta só co' a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tẽe da terra, para exemplo,
Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia,
Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente, concorria,
Saudosos na vista, e descontentes:
E nós co' a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os batéis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavão;
As mulheres c'hum chôro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavão:
Mães, esposas, irmãas, que o temeroso
Amor mais desconfia, accrescentavão
A desesperação e frio medo
De ja nos não tornar a ver tão cedo.

XC.

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
Desta cansada ja velhice minha,
Que em chôro acabará penoso e amaro,
Porque me deixas misera e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho charo,
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI.

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa,
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?

XCII.

Nestas e outras palavras que dizião
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguião,
Em quem menos esfôrço põe a idade.
Os montes de mais perto respondião,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca areia as lagrimas banhavão,
Que em multidão com ellas se igualavão.

XCIII.

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos ou mudarmos
Do proposito firme começado.
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado;
Que, postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

XCIV.

Mas hum velho d' aspeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente;
A voz pezada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d' experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

XCV.

Oh glória de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamámos fama!
Oh fraudulento gôsto, que se atiça
C'huma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI.

Dura inquietação d' alma, e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios!
Chamão-te illustre, chamão-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamão-te fama, e glória soberana,
Nomes com que se o povo nescio engana.

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d' algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D' ouro, que lhe faras tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que histórias?
Que triumphos? que palmas? que victórias?

XCVIII.

Mas ó tu, geração daquelle insano,
Cujo peccado e desobediencia
Não somente do reino soberano
Te poz neste destêrro e triste ausencia,
Mas inda d' outro estado mais que humano,
Da quieta, e da simples innocencia
Da idade d' ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d' armas te deitou;

XCIX.

Ja que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Ja que á bruta crueza e feridade
Puzeste nome, esfôrço e valentia;
Ja que prézas em tanta quantidade
O desprêzo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que ja
Temeo tanto perdê-la quem a dá;

C.

Não tẽes junto comtigo o Ismaelita,
Com quem sempre teras guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tẽe cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por victórias ser louvado?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da India, Persia, Arabia, e de Ethiopia?

CII.

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz em sêcco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e facundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas comtigo se acabe o nome e a glória.

CIII.

Trouxe o filho de Jápeto do ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras, grande engano!
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movêra!

CIV.

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pae, nem o ar vazio
O grande architector co'o filho, dando
Hum nome ao mar e o outro fama ao rio.
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, água, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! estranha condição!

OS LUSIADAS.

CANTO QUINTO.

I.

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E como he ja no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem. Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento,
E o mundo, que co'o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfêrmo e lento.
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

Ja a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavão:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra; e nella os olhos se alongavão.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavão;
E ja despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio,
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d' outra, mas suspeita.

V.

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajão quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecêra
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI.

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastão;
Gente que as frescas águas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastão:
A terra a nenhum fructo emfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastão,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII.

Passámos o limite aonde chega
O sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII.

Passadas tendo ja as Canarias ilhas,
Que tiverão por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andárão vendo ja nossas armadas:
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sant-Iago;
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano; e assi deixámos
A terra, onde o refrêsco doce achámos.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente;
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logrâmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambea as águas bebe;
As quaes o largo Atlantico recebe;

XI.

As Dorcadas passámos, povoadas
Das irmãas, que outro tempo alli vivião,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres d'hum só ôlho se servião.
Tu só, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas águas accendião,
Tornada ja de todas a mais feia,
De viboras encheste a ardente areia.

XII.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo gôlfão nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co' o cabo, a quem das Palmas nome demos.
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou, co' a ilha illustre que tomou
O nome d' hum, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós ja convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido pólo de Callisto,
Tendo o término ardente ja passado,
Onde o meio do mundo he limitado.

XIV.

Ja descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della.
Vimos a parte menos rutilante,
E, por falta d' estrellas menos bella,
Do pólo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d' hum ao outro pólo,
Por calmas, por tormentas e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas águas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande êrro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tẽe por mestra a longa experiencia,
Contão por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia;
E que os que tẽe juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vem do mundo os segredos escondidos,
Julgão por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a maritima gente tẽe por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas águas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
D'aqui levado hum cano ao pólo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava.
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima delle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'água em si tomada.

XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria, que imprudente
Bebendo a recolheo na fonte fria,
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Alli se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

XXII.

Mas despois que de todo se fartou,
O pé que tẽe no mar a si recolhe;
E pelo ceo chovendo emfim voou,
Porque co'a água a jacente água molhe.
Ás ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejão agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

XXIII.

Se os antiguos philosophos, que andárão
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passárão,
A tão diversos ventos dando as velas;
Que grandes escripturas, que deixárão!
Que influição de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas ja o planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

Á maneira de nuvens se começão
A descobrir os montes que enxergâmos;
As âncoras pezadas se adereção,
As velas, ja chegados, amainâmos;
E para que mais certas se conheção
As partes tão remotas onde estamos
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo e sabio;

XXVI.

Desembarcâmos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra, que outro povo não pizou.
Porém eu co'os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomárão por fôrça, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se víra nunca em tal extremo:
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est' outro leva.
Domesticos ja tanto e companheiros
Se nos mostrão, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço ja passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co' o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece, e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra, vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
Polo tomar; mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem; ve-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não forão ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida.
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão crescida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a côr vermelha levão desta feita.

XXXIV.

E sendo ja Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV.

Disse então a Velloso hum companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou então que tanto que passárão
Aquelle monte os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixárão,
Querendo, se não torna, alli matá-lo:
E tornando-se, logo se emboscárão,
Porque sahindo nós para tomá-lo,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porém ja cinco soes erão passados
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando huma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sôbre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se désse em vão n' algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?

XXXIX.

Não acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar robusta e válida;
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida;
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida;
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XL.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo.
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepião-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, só de ouvi-lo e ve-lo.

XLI.

E disse: Ó gente ousada mais que quantas
No mundo commettêrão grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas;
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha ja que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho;

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento;
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra
Que inda has de sobjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas.
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mor o damno, que o perigo.

XLIV.

Aqui 'spero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos.
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos:
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa, com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trara a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe tera dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos;
Despois de ter pizada longamente
Co' os delicados pés a areia ardente.

XLVIII.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na férvida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tẽe maravilhado.
A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezára:

L.

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passárão, fui notorio·
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o pólo Antarctico se estende:
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor; e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sôbre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizerão tomar tamanha empreza:
Todas as deosas desprezei do ceo,
Só por amar das águas a princeza.
Hum dia a vi, co' as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII.

Como fosse impossibil alcançá-la,
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la;
E a Doris este caso manifesto.
De medo a deosa então por mi lhe falla;
Mas ella, c'hum formoso riso honesto,
Respondeo: Qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'hum gigante?

LIV.

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que, com minha honra, escuse o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Enchêrão-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças.

LV.

Ja nescio, ja da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida.
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c' hum duro monte
De aspero mato e de espessura brava.
Estando c' hum penedo fronte a fronte,
Que eu polo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d' hum penedo outro penedo.

LVII.

Ó nympha a mais formosa do Oceano,
Ja que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado e quasi insano
Da mágoa e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII.

Erão ja neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E, como contra o ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizerão;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas águas se estendêrão:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo convertêrão
Os deoses; e por mais dobradas mágoas,
Me anda Thetis cercando destas ágoas.

LX.

Assi contava, e c' hum medonho chôro
Subito d' ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c' hum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto côro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI.

Ja Phlegon e Pyrois vinhão tirando
Co' os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo desta costa, começando
Ja de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII.

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiópes erão,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos recebêrão.
Com bailes e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vierão;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavão, gordo e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas;
Animaes que elles tẽe em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas
Co' o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV.

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratárão,
Trazendo-nos gallinhas e carneiros,
A trôco d' outras peças que levárão:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançárão,
Que désse algum signal do que buscâmos,
As velas dando, as âncoras levâmos.

LXV.

Ja aqui tinhamos dado hum grão rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o pólo Antarctico ficava:
Aquelle ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo, e descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co' o mar hum tempo andámos em porfias,
Que, como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII.

Era maior a fôrça em demasia
(Segundo para traz nos obrigava)
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava.
Injuriado Noto da porfia
Em que co' o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esfórça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Forão buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma ja contada gente,
N' hum largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

LXIX.

Desta gente refrêsco algum tomámos,
E do rio fresca água; mas com tudo
Nenhum signal aqui da India acháinos
No povo, com nós outros quasi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sahir nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova nem signal
Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos;
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar ja compellidos,
Por ceos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto ja e damnado o mantimento,
Damnoso e mao ao fraco corpo humano;
E além disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano.
Crês tu, que se este nosso ajuntamento
De soldados não fôra Lusitano,
Que durára elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII.

Crês tu, que ja não forão levantados
Contra seu capitão, se os resistíra,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a armada,
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a água da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao.
Para onde o mar na costa brada e geme
A proa inclina d' huma e d' outra nao:
Quando, indo o coração, que espera e teme,
E que tanto fiou d' hum fraco pao,
Do que esperava ja desesperado,
Foi d' huma novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que estando ja da costa perto,
Onde as praias e valles bem se vião,
N' hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
Batéis á vela entravão e sahião.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos ja pessoas que sabião
Navegar; porque entr' ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor communicavão:
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavão:
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavão;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

Pela Arabica lingua que mal fallão,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por naos que em grandeza igualão
As nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá donde sahe o sol, se abalão
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol; terra onde havia
Gente assi como nós da côr do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co' a gente, e com as novas muito mais:
Polos signaes que neste rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Signais:
Hum padrão nesta terra alevantámos;
Que para assignalar lugares tais
Trazia alguns: o nome tẽe do bello
Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e d' ostrinhos,
Nojosa criação das águas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas.
Dos hóspedes que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX.

Mas não foi, da esperança grande e immensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no Ceo sereno se dispensa,
Com esta condição pezada e dura
Nascemos: o pezar tera firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

E foi, que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararão
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultárão.
Quem havera que sem o ver o creia?
Que tão disformemente alli lhe inchárão
As gingivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII.

Apodrecia c' hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava:
Não tinhamos alli médico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne ja podre assi cortava,
Como se fôra morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Forão sempre comnosco aventureiros.
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Recebêrão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Ja seras sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dara saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso, aqui doce confôrto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste. E ves-aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

Agora julga, ó Rei, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem.
Crês tu, que tanto Eneas e o facundo
Ulysses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi, a podêr d' esfôrço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII.

Esse que bebeo tanto da água Aonia,
Sôbre quem tẽe contenda peregrina,
Entre si, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Chios, Argo, e Salamina;
Ess' outro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona e divina,
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co' o som se ensoberbece;

LXXXVIII.

Cantem, louvem e escrevão sempre extremos
Desses seus semideoses e encareção,
Fingindo magas Circes, Polyphemos,
Sirenas que co' o canto os adormeção:
Dem-lhe mais navegar á vela e remos,
Os Cicones, e a terra onde se esqueção
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas águas o piloto:

LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjão e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas ja passadas:
Que por muito e por muito que se affinem
Nestas fábulas vãas, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda grandiloqua escriptura.

XC.

Da boca do facundo capitão
Pendendo estavão todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d'ânimo e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descançar nos Tethyos braços;
E el Rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quão doce he o louvor e a justa glória
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes ja passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos
Themistocles despertão só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha glória e fama,
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima e ama
Com dons, mercês, favores, e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana glória voe.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fulvia certo que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra,

XCVI.

Vai Cesar sobjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'hũa mão a penna, e n' outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia.
O que de Scipião se sabe e alcança,
He nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsomente.
Sem vergonha o não digo; que a razão
D' algum não ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

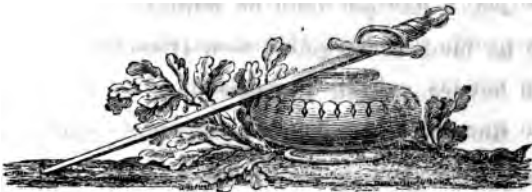
XCVIII.

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem havera, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Tão asperos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX.

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tẽe por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino e que o cantassem.

C.

Porque o amor fraterno, e puro gôsto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o presupposto
Das Tagides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

OS LUSIADAS.

CANTO SEXTO.

I.

Não sabía em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes:
Peza-lhe qne tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
Donde Hercules ao mar abrio caminho.

II.

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a polícia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegra e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados.

III.

Mas vendo o Capitão que se detinha
Ja mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Ja do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes Barões seu reino e estado:
E que em quanto seu corpo o esprito reja,
Estara de contino apparelhado
A pôr a vida e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V.

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha ja que vai buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa: e assi caminha
Ja mais seguro do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavão do Oriente
Ja nos mares da India, e enxergavão
Os thalamos do sol, que nasce ardente;
Ja quasi seus desejos se acabavão.
Mas o mao de Thyoneo, que na alma sente
As venturas que então se apparelhavão
Á gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII.

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não no póde estorvar, que destinado
Está d' outro podêr que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca e toma;
Entra no humido reino, e vai-se á côrte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e morão as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As águas campo deixão ás cidades,
Que habitão estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As areias alli de prata fina;
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystallina.
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d'ouro fino e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual o irado Baccho a vista pace:
E vê primeiro em côres variadas
Do velho chaos a tão confusa face:
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo apos elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII.

Estava a Terra em montes, revestida
De verdes hervas e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara fórma alli estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N' outra parte esculpida estava a guerra
Que tiverão os deoses co' os gigantes:
Está Typheo debaixo da alta serra
D' Ethna, que as flammas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Delle o cavallo houverão, e a primeira
De Minerva pacífica oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava ja aguardando,
E ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando,
De ver que commettendo tal caminho,
Entre no reino d' agua o rei do vinho:

XV.

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem co' os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus podêres:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos:
Oução todos o mal que toca a todos.

XVI.

Julgando ja Neptuno que sería
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão que chame os deoses da água fria,
Que o mar habitão d'huma e d'outra banda.
Tritão, que de ser filho se gloría
Do Rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pae e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos erão
Huns limos prenhes d'água, e bem parecem
Que nunca brando pentem conhecêrão:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se gerão;
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nu e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento:
Camarões e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento;
Ostras e misilhões de musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com fôrça ja tocava:
A voz grande canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Ja toda a companhia apercebida
Dos deoses para os paços caminhava
Do deos que fez os muros de Dardania,
Destruidos despois da Grega insania.

XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerára;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoára:
O propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pascer pela água amára,
Alli veio tambem: mas ja sabía
O que o Padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha.
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha
Que o corpo crystallino deixa ver-se;
Que tanto bem não he para esconder-se.

XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse:
O delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o sol vencesse:
Ambas vem pela mão; igual partido,
Pois ambas são esposas d'hum marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No número dos deoses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV.

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa;
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Ja finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Forão todos do Padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual.
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e a arabia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado ja o tumulto
Dos deoses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhoreias
D'hum pólo ao outro pólo o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreias
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo universal e o tẽes cercado,
E com justo decreto assi permittes
Que dentro vivão só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injúria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quemquer que por elle corra e ande;
Que descuido foi este em que viveis?
Quem póde ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

XXIX.

Vistes que com grandissima ousadia
Forão ja commetter o ceo supremo;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela e remo.
Vistes, e ainda vemos cada dia
Soberbas e insolencias taes, que temo
Que do mar e do ceo em poucos annos
Venhão deoses a ser, e nós humanos.

XXX.

Vêdes agora a fraca geração,
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração
A vós e a mi, e o mundo todo doma.
Vêdes o vosso mar cortando vão
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vêdes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI.

Eu vi que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abrírão,
Boreas injuriado e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistírão.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria assi sentírão,
Vós, a quem mais compete este vingança,
Que esperais? porque a pondes em tardança?

XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vós do ceo desci,
Nem da mágoa da injúria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi.
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII.

Que o grão Senhor, e Fados que destinão,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores que nunca determinão
De dar a estes Barões no mar profundo.
Aqui vereis, ó deoses, como ensinão
O mal tambem a deoses, que a segundo
Se vê, ninguem ja tẽe menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympo ja fugi,
Buscando algum remédio a meus pezares,
Por ver o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer; e não passou daqui,
Porque as lagrimas ja correndo a pares
Lhe saltárão dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d' água em fogo.

XXXV.

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mândão ja recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Proteo
Dizer neste negócio o que sentia;
E, segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
Neptuno sabe bem o que mandou.

XXXVII.

Ja lá o soberbo Hippotades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava;
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começão novas fôrças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este concelho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota:
Os do quarto da prima se deitavão,
Para o segundo os outros despertavão.

XXXIX.

Vencidos vem do somno e mal despertos,
Bocejando a miude se encostavão
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravão:
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravão:
Remedios contra o somno buscar querem,
Histórias contão, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

XLI.

Não he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra férvida e robusta
A nossa história seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo;
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendão
A Velloso, que conte isto que approva.
Contarei, disse, sem que me reprendão
De contar cousa fabulosa ou nova.
E porque os que me ouvirem daqui aprendão
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra;
E estes sejão os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Despois que socegado e livre o teve
Do visinho podêr que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,
E nobres cortezãos, acaso hum dia
Se levantou discordia em ira accesa:
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV.

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe darão feia infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De fôrças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos e parentes.

XLVI.

Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

Era este Inglez potente, e militára
Co' os Portuguezes ja contra Castella,
Onde as fôrças magnanimas provára
Dos companheiros e benigna estrella:
Não menos nesta terra exprimentára
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderião, se não érro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas
De vosso aggravo os fação sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d' affagos e d' amores
Lhe sejão vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro e forte esteio.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sôbre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tẽe cahido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI.

Ja chega a Portugal o mensageiro,
Toda a côrte alvoroça a novidade:
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade;
E só fica por bem-aventurado
Quem ja vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tẽe o leme do govêrno.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas e roupas d'uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavallos, e concertos de mil côres.

LIII.

Ja do seu Rei tomado tẽe licença
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Forão do Duque Inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro destro ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Dest'arte falla á forte companhia:

LIV.

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito ja de andar terras estranhas,
Por ver mais águas, que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis, e várias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he última linha,
Não for comvosco ao prazo instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi fareis o que he devido;
Mas se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, Fortuna ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.

LVI.

Assi diz, e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte:
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhára o patrio Marte;
Navarra, co'os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII.

Alli chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortão do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres ja fazem todos vias:
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos e amimados.

LVIII.

Chega-se o prazo e dia assignalado
De entrar em campo ja co' os doze Inglezes,
Que pelo Rei ja tinhão segurado:
Armão-se d' elmos, grevas, e de arnezes:
Ja as damas têe por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de côres e de sedas,
De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Sera o negócio assi na côrte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheção,
Postoque dous e tres dos seus falleção.

LX.

Ja n'hum sublime e público theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:
Estavão tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro,
De fôrça, esfôrço, e d'ânimo mais forte,
Outros doze sahir, como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigão os cavallos, escumando,
Os aureos freios com feroz sembrante:
Estava o sol nas armas rutilando
Como em crystal ou rigido diamante.
Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Virão todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço:
Ao Rei, e ás damas falla; e logo se hia
Para os onze, que este era o grão Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Ja dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma;
Picão d'esporas, largão redeas logo,
Abaixão lanças, fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavallo voa, que não dece,
Qual co'o cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algum dalli tomou perpétuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo;
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo.
Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
Que dous, ou tres ja fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais achão ja que arnez, escudo e malha.

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Maos do tempo com fábulas sonhadas.
Basta por fim do caso que entendemos
Que, com finezas altas e affamadas,
Co'os nossos fica a palma da victória,
E as damas vencedoras, e com glória.

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria;
Cozinheiros occupa e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora e cada dia,
Em quanto se detêe em Inglaterra,
Até tornar á doce e chara terra.

LXVIII.

Mas dizem que com tudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes:
E, como quem não era ja noviço
Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Ja teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teve hum fero desafio
C'hum Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Velloso, ja a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordão despertando
Os marinheiros d'huma e d'outra banda:
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Álerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI

Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperão os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem, c' hum ruido
Que o mundo parecèo ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente
Com subito temor e desacôrdo;
Que no romper da vela a nao pendente
Toma grão somma d' água pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar: não falte acôrdo:
Vão outros dar á bomba, não cessando:
Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba; e tanto que chegárão
Os balanços que os mares temerosos
Derão á nao, n'hum bordo os derribárão.
Tres marinheiros duros e forçosos
A manear o leme não bastárão:
Talhas lhe punhão d'huma e d'outra parte,
Sem aproveitar de homens fôrça e arte.

LXXIV.

Os ventos erão taes, que não pudérão
Mostrar mais fôrça d'impeto cruel,
Se para derribar então vierão
A fortissima torre de Babel.
Nos altissimos mares, que crescêrão,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo que se sostẽe nas ondas tanto.

LXXV.

A nao grande em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nao de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento.

LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subião
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver paréce que descião
As íntimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
Arruinar a máchina do mundo:
A noite negra e feia se allumia
Co' os raios em que o pólo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantárão,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas lhe causárão.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entrárão,
Fugindo á tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, donde sós vivêrão
Os dous, que em gente as pedras convertêrão.

LXXIX.

Quantos montes então que derribárão
As ondas que batião denodadas!
Quantas arvores velhas arrancárão
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçosas raizes não cuidárão
Que nunca para o ceo fossem viradas;
Nem as fundas areias que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao ceo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto e forte,
Que o impossibil póde, desta sorte:

LXXXI.

Divina guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, e mar e terra senhoreas;
Tu, que a todo Israel refúgio déste
Por metade das águas Erythreas;
Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das syrtes arenosas e ondas feas,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo;

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis ja passados,
Outras Syrtes e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderão
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiverão
A sancta Fé nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberão,
De quem ficão memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras della!

LXXXIV.

Assi dizendo, os ventos que lutavão
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavão,
Pela miuda enxarcia assoviando.
Relampagos medonhos não cessavão,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o ceo dos eixos sôbre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas ja a amorosa estrella scintillava
Diante do sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar com leda fronte.
A deosa que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo e d'ira.

LXXXVI.

Estas obras de Baccho são por certo,
Disse; mas não será que ávante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de várias côres
Sôbre cabellos louros á porfia.
Quem não dirá, que nascem roxas flores
Sôbre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinhão que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi; porque tanto que chegárão
Á vista dellas, logo lhe fallecem
As fôrças com que d'antes pelejárão,
E ja como rendidos lhe obedecem.
Os pés, e mãos parece que lhe atárão
Os cabellos que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya:

LXXXIX.

Não creias, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura he de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante.
Se ja não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor comtigo em medo se converte.

XC.

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto; que bem sabe
Que dias ha que em ve-la se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea;
Que o coração no peito lhe não cabe:
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

XCI.

Desta maneira as outras amansavão
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavão,
Amansadas as iras e os furores.
Ella lhe prometteo, vendo que amavão,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII.

Ja a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergárão terra alta pela proa.
Ja fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o Piloto Melindano:
Terra he de Calecut, se não me engano.

XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pôde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece:
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, férvido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV.

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcanção os que são de fama amigos
As honras immortaes, e graos maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos:

XCVI.

Não co'os manjares novos e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que affeminão os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tẽe sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII.

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas cruas;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul e regiões de abrigo nuas;
Engulindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento.

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro
Para o pelouro ardente, que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Dest'arte o peito hum callo honroso cria
Desprezador das honras e dinheiro;
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver fôrça o regimento
Direito, e não de affectos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

OS LUSIADAS.

CANTO SEPTIMO.

I.

Ja se vião chegados junto á terra
Que desejada ja de tantos fôra,
Que entre as correntes Indicas se encerra
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Ja sois chegados, ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo:
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia.

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco podêr vosso não pezais;
Vós, que á custa de vossas várias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas são as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV.

Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vede-lo em feias guerras occupado,
Que inda co'o cego error se não contenta;
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.

V.

Vede-lo duro Inglez, que se nomeia
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia:
Quem vio honra tão longe da verdade?
Entre as Boreaes neves se recreia,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tẽe a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terreste,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defendê-lo, nem guardá-lo,
Mas para ser contra elle e derribá-lo.

VII.

Achas que tẽes direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome santo?
Alli se hão de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luis, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastão as vidas, logrão as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tẽe de si inimigo:
Comtigo, Italia, fallo, ja submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX.

Oh miseros Christãos! pola ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vêdes a divina sepultura
Possuida de Cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X.

Vêdes que têe por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem exército inquieto,
Contra os povos que são de Christo amantes;
E entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vêdes que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areias?
Em Lydia, Assyria, lavrão de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veias;
Mova-vos ja sequer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a Casa santa.

XII.

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes da artilheria
Ja devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão: (duro tributo!)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas em tanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De Africa tẽe maritimos assentos;
He na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera, lá chegára.

XV.

E vejamos entanto que acontece
Áquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegárão,
Leves embarcações de pescadores
Achárão, que o caminho lhe mostrárão
De Calecut, onde erão moradores.
Para lá logo as proas se inclinárão;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuia.

XVII.

Além do Indo jaz, e aquem do Gange,
Hum terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adorão,
Alguns os animaes, que entre elles morão.

XVIII.

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre;
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre;
As fontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercão todo o pêso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre hum e o outro rio, em grande espaço,
Sahe da larga terra hũa longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar, com Ceilão insula confronta:
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antiguo conta,
Que os visinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantẽe das finas flores,

XX.

Mas agora de nomes e de usança
Novos e varios são os habitantes;
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra e gente, são mais abundantes:
Decanis, Oriás, que a esperança
Tẽe de sua salvação nas resonantes
Águas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI.

O reino de Cambaia bellicoso
(Dizem que foi de Poro, Rei potente),
O reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, qué de forte gente:
Aqui se enxérga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamão Gate:
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tẽe a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica e bella:
Samorim se intitula o senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a ve-lo todo o povo.

XXIV.

Entre a gente que a ve-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fôra na região da Barbaria,
Lá onde fôra Antheo obedecido:
Ou pela visinhança ja teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi ja assinalado de seu ferro:
Fortuna o trouxe a tão longo destêrro.

XXV.

Em vendo o mensageiro, com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava.
Mas vendo em fim, que a fôrça da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comêria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez accecita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fôra ja a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece:
Ambos se tornão logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina; e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX.

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: Ó gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não he sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d'outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado:
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII.

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antiguo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis he, mas d'hum só fôra
N'outro tempo, segundo a antigua fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido e inteiro.

XXXIII.

Porém como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem
(No qual me instituírão meus parentes);
Succedeo, que prégando convertessem
O Perimal: de sabios e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV.

Naos arma e, nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso
Onde o propheta jaz, que a lei publíca:
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio: faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV.

A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deo, se lhe apresenta:
Para este Calecut somente fica,
Cidade ja por trato nobre e rica.

XXXVI.

Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fábulas composta se imagina:
Andão nus, e somente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são; e a menos dina
Poleás tẽe por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII.

Porque os que usárão sempre hum mesmo officio,
D'outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa e apura.

XXXIX

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária:
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança vária.
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contrária
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL.

Bramenes são os seus religiosos;
Nome antiguo e de grande preeminencia:
Observão os preceitos tão famosos
D'hum, que primeiro poz nome á sciencia.
Não matão cousa viva, e temerosos,
Das carnes tẽe grandissima abstinencia:
Somente no venereo ajuntamento
Tẽe mais licença, e menos regimento.

XLI.

Geraes são as mulheres; mas somente
Para os da geração de seus maridos.
Ditosa condição, ditosa gente
Que não são de ciumes offendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos:
A terra he grossa em trato, em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Assi contava o Mouro. Mas vagando
Andava a fama ja pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
Ja vinhão pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandára
O Capitão da armada que chegára.

XLIII.

Mas elle, que do Rei ja tẽe licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado.
Das côres a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado:
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIV.

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Ja na terra nos braços o levava,
E n'hum portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece em que vá, (costume usado)
Que nos hombros dos homens he levado.

XLV.

Dest'arte o Malabar, dest'arte o Luso,
Caminhão lá para onde o Rei o espera:
Os outros Portuguezes vão ao uso
Que infanteria segue, esquadra fera:
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo ja passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama e o Catual hião fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entr'elles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde huma rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo ja chegavão,
Pelas portas do qual juntos entravão.

XLVII.

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em pao, e em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia:
Vem-se as abominaveis esculpturas,
Qual a Chimera em membros se varía:
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em fórma humana, estão maravilhados.

XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antiguo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tẽe de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX.

Aqui feita do barbaro Gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão:
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co'os que vem ver o estranho Capitão:
Estão pelos telhados e janellas
Velhos e moços, donas e donzellas.

L.

Ja chegão perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos.
Edificão-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo e na cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As histórias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver notícia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava hum grande exército que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
Rege-o hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava:
Tão proprio, que se alli estiver Semele,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII.

Mais ávante bebendo sécca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita ao feminino senhorio
De huma tão bella, como incontinente:
Alli tẽe junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV.

Daqui mais apartadas tremolavão
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira monarchia; e sobjugavão
Até ás águas Gangeticas undosas;
D'hum capitão mancebo se guiavão,
De palmas rodeado valerosas,
Que ja não de Philippo, mas sem falta,
De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victórias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançárão,
Quando o tempo futuro especulárão.

LVI.

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar fôrça tamanha,
Não valerá dos homens resistencia;
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Sera tal, que sera no mundo ouvido
O vencedor, por glória do vencido.

LVII.

Assi fallando entravão ja na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor.
No recostado gesto se assinala
Hum venerando e próspero senhor;
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto delle hum velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Bramene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais affastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo e geito
Da gente nunca d'antes delle vista.
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo:

LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil, com perpétua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda;
Ouvindo do rumor, que lá responde,
O ecco como em ti da India toda
O principado está e a magestade,
Vínculo quer comtigo de amizade.

LXI.

E por longos rodeios a ti manda
Por te fazer saber que tudo aquillo
Que sôbre o mar, que sôbre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desd'a fria plaga de Zelanda
Até bem onde o sol não muda o estylo
Nos dias, sôbre a gente de Ethiopia,
Tudo têe no seu reino em grande cópia.

LXII.

E se queres com pactos e lianças
De paz e de amizade sacra e nua
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Porque cresção as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e delle glória ingente.

LXIII.

E, sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estara prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas, e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça:
E da vontade em ti sôbre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV.

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia:
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente e terra que dissera.

LXV.

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Ja nisto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados forão juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente,
De seu Rei tinha ja por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Ja lhe pergunta prompto e curioso
Se tẽe notícia inteira e certa prova
Dos estranhos quem são; que ouvido tinha
Que he gente de sua patria mui vizinha.

LXVIII.

Que particularmente alli lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negócio se faria.
Monçaide torna: Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Somente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho e o sol no mar se banha.

LXIX.

Tẽe a lei d'hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãe; tal que por bafo está approvado
Do Deos que tẽe do mundo o regimento.
O que entre meus antiguos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece;
O que em nossos passados se parece.

LXX.

Porque elles com virtude sobrehumana
Os deitárão dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis e famosos:
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

LXXI.

Não menos tẽe mostrado esfôrço e manha
Em quaesquer outras guerras que aconteção,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns que do Pyrene deção.
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tẽe, que por vencidos se conheção;
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII.

E se esta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
Informar-te; que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e offende.
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a polícia
Portugueza na paz e na milicia,

LXXIII.

Ja com desejos o Idolátra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava:
Manda esquipar batéis; que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
Á capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV.

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tẽe campaes, aventureiras,
Desafios crueis; pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita Epicurea, experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrára á gente;
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co'o fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte; e o Mauritano
Os olhos põe no bellico transunto
De hum velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não póde ser defunto
Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha... Mas oh cego!
Eu que commetto insano e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vário?
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento tão contrário,
Que se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai que ha tanto tempo que cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace, que á morte se condena,
N'hũa mão sempre a espada, e n'outra a penna.

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança ja adquirida
De novo mais que nunca derribado;
Agora ás costas escapando a vida
Que d'hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI.

E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal prémio de meus versos me tornassem.
A trôco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventárão,
Com que em tão duro estado me deitárão.

LXXXII.

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memória,
Que merecerem ter eterna glória!

LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós, que eu tenho ja jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV.

Nem creais, Nymphas, não, que fama désse
A quem ao bem commum, e do seu Rei,
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por podêr com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum que use de seu podêr bastante,
Para servir a seu desejo feio;
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com hábito honesto e grave, veio,
Por contentar o Rei no officio novo,
A despir e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha que he justo, e que he direito,
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que he justo e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente:
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões apprende, e cuida que he prudente,
Para taixar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII.

Aquelles sós direi, que aventurárão
Por seu Deos, por seu Rei a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilatárão,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo, e as Musas, que me acompanhárão,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

OS LUSIADAS.

CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual, que víra estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
Quem era, e porque causa lhe convinha
A divisa que tẽe na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co'o nome, entre os engenhos mais perfeitos.
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III.

Foi filho e companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que contino usou.
Do Douro, e Guadiana, o campo ufano,
Ja dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar, aos ja cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV.

O ramo que lhe vês para divisa,
O verde thyrso foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra e avisa,
Que foi seu companheiro e filho amado.
Vês outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memória fica?

V.

Ulysses he, que faz a sancta casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem sera est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tẽe desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tẽe pintadas.

VI.

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este que vês, pastor ja foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tẽe de Roma a fama,
Vencedor invencibil, affamado:
Não tẽe com elle, não, nem ter pudérão
O primor que com Pyrrho ja tiverão.

VII.

Com fôrça não, com manha vergonhosa
A vida lhe tirárão, que os espanta;
Que o grande apêrto em gente, inda que honrosa,
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa,
Degradado, comnosco se alevanta:
Escolheo bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

VIII.

Vês? comnosco tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter valídas;
Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberão ser vencidas.
Olha tão subtis artes e maneiras
Para adquirir os povos, tão fingidas;
A fatidica cerva que o avisa:
Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

IX.

Olha est' outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros.
Despois de ter os Mouros superado,
Gallegos e Leonezes cavalleiros,
Á Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X.

Quem he, me dize, est'outro que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tẽe roto e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tẽe por tantas partes
A seus pés derribadas e estandartes!

XI.

Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma;
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando ja para os futuros.

XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiverão
Tão pequeno podêr, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos erão
Os que desbaratava este excellente;
Não creas que seus nomes se estendêrão
Com glórias immortaes tão largamente.
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII.

Este que vês olhar, com gesto irado,
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV.

Ve-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettêra ao Castelhano.
Fez com siso, e promessas levantar-se
O cêrco, que ja estava soberano:
Os filhos e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condena.

XV.

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante.
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Est' outro a si e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI.

Vês este que, sahindo da cilada,
Dá sôbre o Rei, que cérca a villa forte?
Ja o Rei tẽe preso e a villa descercada:
Illustre feito, digno de Mavorte.
Ve-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte.
Tomando-lhe as galés, levando a glória
Da primeira maritima victoria:

XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co' o fogo que accendeu junto da serra
De Abylá nas galés da Maura gente.
Olha como em tão justa e sancta guerra
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos, com justa palma.

XVIII.

Não vês hũ ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto:
Germanos são os martyres de Christo.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
He Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo, ergueo das Quinas a bandeira:

XX.

Ve-lo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E o Hispalico pendão derriba em terra.
Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pae co' os ossos cerra:
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba, e a sua exalta.

XXI.

Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias.
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII.

Não vês hum Castelhano, que aggravado
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, co'os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros infieis que traz comsigo.
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.

XXIII.

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar pôde a palma e o louro.
Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:
Ve-lo entre os duvidosos tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro:
Olha o signal no ceo que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esfôrço crece.

XXIV.

Vês? vão os Reis de Cordova e Sevilha
Rotos, co'os outros dous, e não de espaço;
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço.
Vês? ja a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa.

XXV.

Olha hum Mestre que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e ja nella
Não acha quem por armas lhe resista:
Com manha, esfôrço e com benigna estrella,
Villas, castellos toma á escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

XXVI.

Vês? com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com fôrça ingente:
He Dom Paio Correa, cuja manha
E grande esfôrço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres que em França e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII.

Ve-los? co' o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levárão
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitárão.
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiárão,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que póde não temer a Lei Lethea.

XXVIII.

Attenta n'hum que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta;
Que a patria que de hum fraco fio pende,
Sôbre seus duros hombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

XXIX.

Olha: por seu conselho, e ousadia
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só pôde, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês por industria, esfôrço e valentia,
Outro estrago, e victória clara e bella,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso e Guadiana habita?

XXX.

Mas não vês quasi ja desbaratado
O podêr Lusitano, pela ausencia
Do capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Ve-lo com pressa ja dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra podêr tamanho; e que viesse,
Porque comsigo esfôrço aos fracos désse?

XXXI.

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victória, que logo lhe daria.
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

XXXII.

Se quem com tanto esfôrço em Deos se atreve
Ouvir quizeres como se nomeia,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arreia.
Ditosa patria que tal filho teve!
Mas antes pae; que em quanto o sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê que prêzas ganha
Est' outro capitão de pouca gente!
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavão roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co' amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV.

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o último dano:
De Xerez rouba o campo e quasi alaga
Co' o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co' o rosto
Faz escudo ás galés, diante pôsto.

XXXV.

Olha que dezasete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor polos tomar se estendem:
Porém logo sentírão com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antiguo e no moderno.

XXXVI.

Sabe-se antiguamente que trezentos
Ja contra mil Romanos pelejárão,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustrárão.
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixárão,
Que os muitos, por ser poucos, não temamos;
O que despois mil vezes amostrámos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês? outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em fôrças e ousadia:
De podêr defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintarião;
Mas falta-lhe pincel, faltão-lhe côres,
Honra, prémio, favor, que as artes crião:
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, e se desvião
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL.

Aquelles paes illustres que ja derão
Princípio á geração que delles pende,
Pola virtude muito então fizerão,
E por deixar a casa que descende.
Cegos! que dos trabalhos que tiverão,
Se alta fama e rumor delles se estende,
Escuros deixão sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI.

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venhão;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esfôrço, e saber tenhão.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que côres vãas lhe não convenhão;
E como a seu contrário natural,
Á pintura que falla querem mal.

XLII.

Não nego que ha com tudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes
Sustentão a nobreza que lhe fica:
E se a luz dos antiguos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura:
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII.

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a vária tinta;
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artifice alli pinta.
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na históriá bem distinta:
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas que alli via.

XLIV.

Mas ja a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia,
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes, na noite mansa.

XLV.

Entretanto os haruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevem sempre os casos duvidosos
Por signaes diabolicos e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavão a arte e seus officios,
Sôbre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente, e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançára
Nas entranhas das victimas que olhára.

XLVII.

A isto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em fórma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas águas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas comsigo
Cuida que não he mais que sonho usado:
Torna a dormir quieto e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Têe mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, velo; e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Em quanto he fraca a fôrça desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque quando o sol sahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda vista:
Porém despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis.

LI.

Isto dito, elle e o somno se despede:
Tremendo fica o attonito Agareno:
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o férvido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao sol precede,
Mostrára rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII.

Diversos pareceres e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendião:
Astutas traïções, enganos varios,
Perfidias inventavão e tecião.
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendião
Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII.

Com peitas, ouro, e dadivas secretas,
Concilião da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas
Mostrão ser perdição dos naturaes;
Dizendo que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.

LIV.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia e de virtude interna,
E de sincero amor sejão dotados!
Porque, como estê pôsto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter notícia mais inteira,
Da que lhe der a lingua conselheira.

LV.

Nem tão pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n' hum pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encoberta.
E quando hum bom em tudo he justo e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavão,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavão.
Mas o Gama, que não pretende mais
De tudo quanto os Mouros ordenavão,
Que levar a seu Rei hum signal certo
Do mundo, que deixava descoberto;

LVII.

Nisto trabalha só; que bem sabia,
Que despois que levasse esta certeza,
Armas, e naos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei sobmetteria
Das terras e do mar a redondeza:
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da notícia falsa e indina
Não era d' espantar se s' espantasse;
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros;

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a fôrça da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende e atiça;
Que bem vê que grandissimo proveito
Fara, se com verdade e com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX.

Sôbre isto nos conselhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus podêres.
O grande Capitão chamar mandava;
A quem chegado disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu tẽes Rei, nem patria amada;
Mas vagabundo vás passando a vida:
Que quem da Hesperia última alongada,
Rei, ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir commetter com naos e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

LXII.

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tẽe a régia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças e dons altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que signal nem penhor não he bastante
As palavras d'hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
Como ja forão homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia ou morte;
Que por se sustentar em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava;
C'huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV.

Se os antiguos delictos, que a malícia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causárão que o vaso da iniquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpétua inimicicia
Na geração de Adão co'a falsidade
(Ó poderoso Rei) da torpe seita,
Não concebêras tu tão má suspeita.

LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito;
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário, que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interêsse
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII.

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo.
Mas se a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da última Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tẽe por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, e fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuzerão
De vencer os trabalhos e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppuzerão.
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretendêrão
De saber que fim tinhão, e onde estavão
As derradeiras praias que lavavão.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro.
Este, por sua indústria e engenho raro
N' hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

LXXII.

Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobrírão
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que huns succedendo aos outros proseguírão.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas virão,
Forão vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a última coluna.
Rompendo a fôrça do liquido estanho,
Da tempestade horrifica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV.

Esta he a verdade, Rei: que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco prémio,
Qual, não sendo isto assi, sperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Tethys, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV.

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tẽes por qual he, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gôsto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juizo póde ver-se;
Que facil he a verdade d' entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia:
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia:
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
Em fim ao Gama manda que direito
Ás naos se vá, e seguro d'algum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque e venda.

LXXVIII.

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Ja da Real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação; que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcação que o leve ás naos lhe pede:
Mas o mao regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios paços;
Onde, sem que seu Rei tenha notícia,
Faça o que lhe ensinar sua malícia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse;
Ou que para a luz crastina do dia
Futuro, sua partida differisse.
Ja com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle atelli não entendêra.

LXXXI.

Era este Catual hum dos que estavão
Corruptos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governavão
As cidades do Samorim potente:
Delle somente os Mouros esperavão
Effeito a seus enganos torpemente.
Elle, que no concêrto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;
E que assi lho mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
Por que razão lhe impede e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os Reis ja tẽe mandado,
Não póde ser por outrem derogado.

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil e astuto
Engano diabolico e estupendo;
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido estava vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Maumetanos,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolátra, que mandasse
Chegar a terra as naos que longe estão,
Porque melhor dalli fosse e tornasse.
Signal he de inimigo e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro e flamma
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama,
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava:
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que de raio solar sendo ferido,
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E, sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,
Trémulo aqui, alli dessocegado:

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrára
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co'os batéis, como ordenára:
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixára,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Maumetanos.

LXXXIX.

Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres, e igualá-los:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los:
Com militar engenho e subtil arte
Entender os imigos, e enganá-los;
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão que diga: Não cuidei.

XC.

Insiste o Malabar em te-lo preso,
Se não manda chegar a terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada:
Que antes quer sôbre si tomar o pêso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tẽe segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia; quando ordena
De se tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena,
Se sabe esta malícia; a qual asinha
Sabera, se mais tempo alli o detinha.

XCII.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commércio, busca guerra.
Postoque os maos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co' a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertão-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas em que venha;
Que os seus batéis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficão Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rôgo
No peito vil o prémio póde e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda;
Pois o Gama soltou pola fazenda.

XCV.

Por ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interêsse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle, vendo que ja lhe não convinha
Tornar a terra; porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia ja do cobiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Póde o vil interêsse, e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threïcio,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Póde tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a trôco do metal luzente e louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores e falsos os amigos:
Este aos mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os Reis.
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicão, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador e illude;
Mas não sem côr, com tudo, de virtude.

OS LUSIADAS.

CANTO NONO.

I.

Tiverão longamente na cidade
Sem vender-se a fazenda os dous feitores;
Que os infieis por manha e falsidade
Fazem que não lha comprem mercadores:
Que todo seu proposito e vontade
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

II.

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que despois em Suez se converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água Maumetana.

III.

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão, que esse reino possuia.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

IV.

Por estas naos os Mouros esperavão;
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commércio lhe tomavão,
Com flammas abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavão,
Que ja não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

V.

Mas o Governador dos ceos e gentes,
Que para quanto tẽe determinado
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influio piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este, de quem se os Mouros não guardavão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavão,
A tenção lhe descobre torpe e fera.
Muitas vezes as naos que longe estavão
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arabica Meca vem cada anno;
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII.

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama;
E que despacho ja não esperava
Melhor do Rei, que os Maumetanos ama;
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás naos: e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

IX.

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse, com verdade,
Que forão presos os feitores, quando
Forão sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'huns, que ás naos vierão
A vender pedraria que trouxerão.

X.

Erão estes, antiguos mercadores
Ricos em Calecut e conhecidos:
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas ja nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, huns puxão pela amarra,
Outros quebrão co'o peito duro a barra.

XI.

Outros pendem da vêrga, e ja desatão
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatão
A pressa, com que a armada se levava.
As mulheres e filhos, que se matão,
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixão que perdidos
Huns tẽe os paes, as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Maumetanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos.
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e tornando
Alguns negros, se parte, as velas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz; a qual pretende
Por firmar o commércio que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida ja deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos signaes levando do que achára.

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
Por fôrça, dos que ao Samorim mandára,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprára:
A sêcca flor de Banda não ficou,
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceilão he rica, illustre e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI.

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa;
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos;

XVII.

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceos e gentes;
Vir a lograr o prémio que ganhára
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada hum tẽe por gôsto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII.

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia ja de longos annos;
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava ja ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX.

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegárão,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causárão;
Ja trazia de longe no sentido,
Para prémio de quanto mal passárão,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal líquido e manso:

XX.

Algum repouso em fim, com que podesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta désse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das águas alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreio:
Que muitas tẽe no reino que confina
Da mãe primeira co'o terreno seio,
Afora as que possue soberanas
Para dentro das portas Herculanas.

XXII.

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tẽe titulo de bellas,
Glória dos olhos, dor dos corações,
Com danças e choreas, porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

XXIII.

Tal manha buscou ja, para que aquelle
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nelle
Tẽe todo seu podêr, fero Cupido;
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou ja, nest'outra a ajude e siga.

XXIV.

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ja foi convertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa ja partida,
No ar lascivos beijos se vão dando:
Ella por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

XXV.

Ja sôbre os Idalíos montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos; que pretende
Fazer huma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amando cousas, que nos forão dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI.

Via Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feio animal fero,
Foge da gente e bella fórma humana:
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana:
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII.

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem público imagina;
Vê nelles, que não tẽe amor a mais,
Que a si somente, e a quem Philaucia ensina.
Vê que esses que frequentão os reais
Paços, por verdadeira e sãa doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino e ao povo charidade,
Amão somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da feia tyrannia e de aspereza,
Fazem direito e vãa severidade:
Leis em favor do Rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

XXIX.

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja:
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co'a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX.

Muitos destes meninos voadores
Estão em várias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando:
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas frágoas immortaes, onde forjavão
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estavão,
Vivas entranhas inda palpitantes.
As águas onde os ferros temperavão,
Lagrimas são de miseros amantes:
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo he só que queima, e não consume.

XXXII.

Alguns exercitando a mão andavão
Nos duros corações da plebe ruda:
Crebros suspiros pelo ar soavão
Dos que feridos vão da setta aguda.
Formosas nymphas são as que curavão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos;
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Formosas são algumas, e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veias
Curão-no ás vezes asperas triagas.
Alguns ficão ligados em cadeias,
Por palavras subtis de sábias magas:
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertão de levar hervas secretas.

XXXIV.

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando:
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vem de amor nefando;
Qual o das moças, Bibli e Cinyrea;
Hum mancebo de Assyria; hum de Judea.

XXXV.

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vêdes;
E por baixos e rudos, vós senhoras,
Tambem vos tomão nas Vulcaneas redes.
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes:
Mas eu creio que deste amor indino
He mais culpa a da mãe, que a do menino.

XXXVI.

Mas ja no verde prado o carro leve
Punhão os brancos cisnes mansamente;
E Dione, que ás rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreve,
A recebê-la vem, ledo e contente;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está fundada;
Filho, em quem minhas fôrças sempre estão;
Tu que as armas Typheas tẽes em nada,
A soccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu ja de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço.
E porque tanto imitão as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o podêr nosso.

XXXIX.

E porque das insídias do odioso
Baccho forão na India molestados,
E das injúrias sós do mar undoso,
Pudérão mais ser mortos, que cansados;
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejão repousados;
Tomando aquelle prémio e doce glória
Do trabalho, que faz clara a memória.

XL.

E para isso queria que feridas
As filhas de Nereo no Ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos incendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo;
Todas n'huma ilha juntas e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei apparelhada,
De dons de Flora e Zephyro adornada:

XLI.

Alli com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos e rosas,
Em crystallinos paços singulares
Formosos leitos, e ellas mais formosas:
Em fim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as nymphas amorosas,
D'amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII.

Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella:
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella;
Porque entendão que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia val contra ella:
Mal havera na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas águas arde.

XLIII.

Assi Venus propoz; e o filho inico
Para lhe obedecer ja se apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cypria e inpudico
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa e celebre terceira,
Que postoque mil vezes lhe he contrária,
Outras muitas a tẽe por companheira:
A deosa gigantea, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV.

Vão-na buscar e mandão-na diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrára.
Ja murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhára:
Falla verdade, havida por verdade;
Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente
O coração dos deoses, que indignados
Forão por Baccho contra a illustre gente,
Mudando, os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Ja julga por mao zêlo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas
Huma apos outra; geme o mar co'os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros:
Cahem as nymphas, lanção das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros:
Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama;
Que tanto como a vista póde a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lũa,
Com fôrça o moço indomito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.
Ja não fica na aljava setta algũa,
Nem nos equoreos campos nympha viva;
E se feridas inda estão vivendo,
Sera para sentir que vão morrendo.

XLIX.

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
Que, vêdes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vem por cima da água Neptunina.
Para que tu reciproco respondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

L.

Ja todo o bello côro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em choreas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus as guiava.
Alli a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava:
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.

LI.

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
Desejando prover-se de água fria
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas, com subita alegria,
Houverão vista da ilha namorada;
Rompendo pelo ceo a mãe formosa
De Memnonio, suave e deleitosa.

LII.

De longe a ilha virão fresca e bella;
Que Venus pelas ondas lha levava,
Bem como o vento leva branca vela,
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegão a movia
A Acidalia, que tudo em fim podia.

LIII.

Mas firme a fez e immobil, como vio
Que era dos nautas vista e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva e quieta, cuja branca area
Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV.

Tres formosos outeiros se mostravão
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavão,
Na formosa ilha alegre e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavão
Do cume, que a verdura tẽe viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras águas ajuntar-se,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sôbre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil árvores estão ao ceo subindo,
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tẽe no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co'os pezos amarellos:
Os formosos limões, alli cheirando
Estão virgineas tetas imitando.

LVII.

As árvores agrestes, que os outeiros
Tẽe com frondente coma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos;
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he pôsto o ethereo paraiso.

LVIII.

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura;
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tẽe de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'huns cachos roxos e outros verdes.
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
Sobolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI.

Para julgar difficil cousa fôra,
No ceo vendo e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora,
As violas, da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

LXII.

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona.
Pois se as aves no ar cantando voão,
Alegres animaes o chão povoão.

LXIII.

Ao longo da água o niveo cisne canta,
Responde-lhe do ramo philomela:
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'água crystallina e bella.
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espêssa mata, ou timida gazella:
Alli no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavão
Ja das naos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavão
Andar as bellas deosas, como incautas.
Algumas doces citharas tocavão,
Algumas arpas e sonoras frautas,
Outras co'os arcos de ouro se fingião
Seguir os animaes, que não seguião.

LXV.

Assi lho aconselhára a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que vista dos Barões a prêza incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fórma descoberta
Do bello corpo estavão confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixão na água pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punhão os pés, de terra cobiçosos;
Que não ha nenhum delles, que não saia,
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidão que sem laço ou redes caia
Caça naquelles montes deleitosos
Tão suave, doméstica e benina,
Qual ferida lha tinha ja Erycina.

LXVII.

Alguns que em espingardas e nas béstas
Pàra ferir os cervos se fiavão,
Pelos sombrios matos e florestas,
Determinadamente se lançavão:
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavão
Ao longo d'água, que suave e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começão de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos várias côres;
Côres de quem a vista julga e sente,
Que não erão das rosas ou das flores;
Mas da lãa fina e seda differente,
Que mais incita a fôrça dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, he esta:
Se inda dura o Gentio antiguo rito,
A deosas he sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX.

Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras.
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lanção a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixão ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e d'outra as fraldas delicadas:
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de indústria cahe, e ja releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sôbre ella, empecendo, tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vão topar
Com as deosas despidas, que se lavão:
Ellas começão subito a gritar,
Como que assalto tal não esperavão.
Humas fingindo menos estimar
A vergonha que a fôrça, se lançavão
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vão negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
Á vergonha da deosa caçadora,
Esconde o corpo n' água; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que têe fóra.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi e calçado (que co'a mora
De se despir ha medo que inda tarde)
A matar na água o fogo que nelle arde.

LXXIV.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar n' água a ave ferida,
Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que sôe o estouro, mal soffrido
Salta n'água, e da prêza não duvida;
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remette á que não era irmãa de Phebo.

LXXV.

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavalleiro, e namorado,
A quem amor não dera hum só desgosto,
Mas sempre fôra delle maltratado;
E tinha ja por firme presupposto
Ser com amores mal affortunado;
Porém não que perdesse a esperança
De inda podêr seu fado ter mudança;

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura, que corria
Apos Ephyre, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deo para dar-se a natureza.
Ja cansado correndo lhe dizia:
Ó formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

Todas de correr cansão, nympha pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo:
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tẽe dito ja aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh não na creas, porque eu qua[illegible]a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Não canses; que me cansas: e se queres
Fugir-me, porque não possa tocar-te,
Minha ventura he tal, que inda que esperes,
Ella fara que não possa alcançar-te.
Espera: quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo busca de escapar-te:
E notarás no fim deste successo,
Tra la spiga e la man qual muro é messo.

LXXIX.

Oh não me fujas! assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura!
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a fôrça dura.
Que Imperador, que exército se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei me vai seguindo?
O que tu só faras não me fugindo.

LXXX.

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
Levas-me hum coração, que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou despois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos peza?

LXXXI.

Nesta esperança só te vou seguindo,
Que ou tu não soffrerás o pêzo della,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Se lhe mudará a triste e dura estrella:
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que amor te ferirá, gentil donzella;
E tu me esperarás, se amor te fere;
E se me esperas, não ha mais que espere.

LXXXII.

Ja não fugia a bella nympha, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto ja sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cahir se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!
E que mimoso chôro que soava!
Que affagos tão suaves! que íra honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passão na manhãa e na sesta,
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he exprimenta-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não póde exprimentá-lo.

LXXXIV.

Dest' arte em fim conformes ja as formosas
Nymphas, co' os seus amados navegantes,
Os ornão de capellas deleitosas
De louro, e de ouro, e flores abundantes:
As mãos alvas lhe davão como esposas:
Com palavras formaes e estipulantes
Se promettem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV.

Huma dellas maior, a quem se humilha
Todo o côro das nymphas e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto bello se parece;
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão illustre, que o merece,
Recebe alli com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI.

Que despois de lhe ter dito quem era,
C' hum alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influição do immobil fado,
Para lhe descobrir da unida esphera
Da terra immensa e mar não navegado
Os segredos, por alta prophecia,
O que esta sua nação só merecia:

LXXXVII.

Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cume d'hum monte alto e divino,
No qual hũa rica fábrica se erguia
De crystal toda, e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passão do dia
Em doces jogos e em prazer contino:
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Assi a formosa, e a forte companhia,
O dia quasi todo estão passando
N'huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa o mundo está guardando
O prémio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada.
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.

XC.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sôbre as azas inclytas da fama
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso;

XCI.

Não erão senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os barões, que esfôrço e arte
Divinos os fizerão, sendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
Todos forão de fraca carne humana.

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos
De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai ja do somno do ocio ignavo,
Que o ânimo de livre faz escravo.

XCIII.

E ponde na cobiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tyrannia infame e urgente:
Porque essas honras vãas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor he merecê-los sem os ter,
Que possui-los sem os merecer.

XCIV.

Ou dae na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustrão tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados;
Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos ja passados:
Impossibilidades não façais;
Que quem quiz sempre pôde: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS.

CANTO DECIMO.

I.

Mas ja o claro amador da Larissea
Adúltera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentaes:
O grande ardor do sol Favonio enfrea
Co' o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a água serena, e despertava
Os lirios e jasmins que a calma aggrava:

II.

Quando as formosas nymphas co' os amantes
Pela mão, ja conformes e contentes,
Subião para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes;
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d' altos manjares, excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem de cansada natureza.

III.

Alli em cadeiras ricas crystallinas
Se assentão dous e dous, amante e dama;
N'outras, á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A que não chega a Egypcia antigua fama,
Se accumulão os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV.

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno;
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'água fria.

V.

Mil práticas alegres se tocavão,
Risos doces, subtis e argutos ditos,
Que entre hum e outro manjar se alevantavão,
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos não faltavão,
Quaes no profundo reino os nus espritos
Fizerão descansar da eterna pena,
Com a voz d'huma angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella Nympha, e co'os accentos
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando.
Hum subito silencio enfreia os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As águas e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N'hum globo vão, diaphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse; e na memória
Recolheo logo a nympha a clara história.

VIII.

Materia he de cothurno, e não de socco,
A que a nympha apprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gôsto de escrever, que vou perdendo.

IX.

Vão os annos descendo, e ja do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual ja não me jacto, nem me abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono:
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á nação minha.

X.

Cantava a bella deosa que virião
Do Tejo pelo mar que o Gama abríra,
Armadas que as ribeiras venceriāo,
Por onde o Oceano Indico suspira.
E que os gentios Reis, que não darião
A cerviz sua ao jugo, o ferro e íra
Provarião do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI.

Cantava d'hum, que tẽe nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós que dera d'amizade,
Soffrerá suas cidades e lugares
Com ferro, incendios, íra e crueldade
Ver destruir do Samorim potente,
Que taes odios tera co'a nova gente.

XII.

E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si o mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano.
O pêso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o férvido Oceano,
Quando mais n'água os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

XIII.

Mas ja chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes
Nos braços do salgado e curvo rio;
Desbaratará os Naires infernaes
No passo Cambalão, tornando frio
De espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão Reis de Bipur e de Tanor
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor:
Fara que todo o Naire em fim se mova.
Que entre Calecut jaz e Cananor,
D'ambas as leis imigas para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar tera admirado.
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.

XVI.

Ja não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas:
Acceso de íra o cão, não vendo lassos
Aquelles que as cidades fazem razas,
Fara que os seus, da vida pouco escassos,
Commettão o Pacheco, que tẽe azas,
Por dous passos n'hum tempo: mas voando
D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá alli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce e anime;
Mas hum tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Ja não verá remedio, ou manha boa,
Nem fôrça, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições e vãos venenos;
Mas sempre (o Ceo querendo) fara menos.

XVIII.

Que tornará a vez septima, cantava,
Pelejar com o invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho peza e aggrava;
Mas com tudo este só o fara confuso:
Trara para a batalha horrenda e brava
Máchinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas;
Que atelli vão lhe fôra commettê-las.

XIX.

Pela água levará serras de fogo
Para abrazar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte e engenho logo
Fara ser vãa a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no Marcio jôgo,
Que nas azas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma:
E perdoe-me a illustre Grecia ou Roma.

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados;
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes coros invocados
Descerão a ajudá-lo, e lhe darão
Esfôrço, fôrça, ardil e coração.

XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios
O grão podêr de Dário estrue e rende;
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermopylas defende;
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o podêr Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas neste passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em chôro,
O grande esfôrço mal agradecido.
Ó Belizario, disse, que no côro
Das Musas serás sempre engrandecido;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tẽes com quem podes consolar-te!

XXIII.

Aqui tẽes companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro:
Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao Rei, e á lei servem de muro.
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIV.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'huma apparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos,
Á lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-nos logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
Se não es para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII.

Tambem farão Mombaça, que se arreia
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e feia
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India, andando cheia
De lenhos inimigos e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fara extremos.

XXVIII.

Das grandes naos do Samorim potente
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fara pedaços leme, mastro, vela.
Despois, lançando arpeos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fara só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,
(Que ella só sabe o bem de que se serve)
O pora onde esfôrço nem prudencia
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas d'Egypto e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esfôrço só com fôrça rende,
Os ventos, que faltárão, e os perigos
Do mar, que sobejárão, tudo o offende.
Aqui resurjão todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se apprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passára,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração que lhe ficára:
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co'a alma o corpo se liára.
Ella sôlta voou da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança ja lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem ja dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos crueis e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pae com animo estupendo,
Trazendo furia e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre íra lhe vinha promettendo
Que o sangue fara dar pelos giolhos
Nas inimigas naos; senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV.

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho ou alta faia,
E o ar ferindo, as fòrças exprimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada affia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fara 'spalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos têe por malhas.
Á de Melique Yaz acautelada
Co'os pelouros, que tu Vulcano espalhas,
Fara ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores:
Quanto alli sentirão olhos e ouvidos,
He fumo, ferro, flammas e alaridos.

XXXVII.

Mas ah! que desta próspera victória
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa glória
Hum successo que triste e negro vejo.
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não tera pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tirárão toda a India e Egyto.

XXXVIII.

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderão;
E rudos paos tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizerão.
Occultos os juizos de Deos são:
As gentes vãas, que não os entendêrão,
Chamão-lhe fado mao, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
(Dizia a nympha, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias, que se chamão
De São-Lourenço, e em todo o Sul se affamão!

XL.

Esta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusão o jugo honroso e brando.
Alli verão as settas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra qnem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI.

Alli de sal os montes não defendem
De corrupão os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate:
Até que á fôrça só de braço apprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que Victoria a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vãa de medo ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
Em que a torne a tomar; que esfôrço e arte
Vencerão a fortuna e o proprio Marte.

XLIII.

Eis ja sôbre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos e touros
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV.

Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada.
As settas venenosas que fizeste,
Os crises com que ja te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos faras ao Luso obedientes.

XLV.

Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma íra que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes
Dar extremo supplicio pela culpa
Que a fraca humanidade e amor desculpa.

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura;
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas c'huma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus huma íra insana não refreia,
Põe na fama alva noda negra e feia.

XLVIII.

Vio Alexandre a Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se n'hum cêrco duro e urgente.
Sentio Cyro, que andava ja abrazado
Araspas de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomára em guarda, e promettia
Que nenhum mao desejo o venceria.

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa que vencido
Fôra de Amor, que em fim não tẽe defensa,
Levemente o perdoa; e foi servido
Delle n'hum caso grande em recompensa.
Por fôrça, de Juditha foi marido
O ferreo Balduino; mas dispensa
Carlos pae della, posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.

L.

Mas, proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca e Giddá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme.

LI.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Ja pelo nome antiguo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa;
Della dara tributo á Lusitana
Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na tôrre erguida
Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII.

Tambem Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de água cheas,
Verá, e o porto Arquico alli visinho;
E fara descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII.

Virá despois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa, que cá tera provado:
Castigará de Ormuz soberba o êrro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem, tu Gama, em pago do destêrro
Em que estás, e serás inda tornado,
Co'os titulos de Conde e honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.

LIV.

Mas aquella fatal necessidade,
De que ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co' a Regia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade
He maior na prudéncia que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória delle fique.

LV.

Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Commettendo as bombardas, que nos ares
Se vingão só do peito que as commette;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete,
De cobiça triumpha e incontinencia;
Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI.

Mas despois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas;
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas.
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injúrias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas e sobmettas.

LVIII.

Mas na India cobiça e ambição,
Que claramente põe aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgôsto.
Quem faz injúria vil e semrazão,
Com fôrças e podêr em que está posto,
Não vence; que a victória verdadeira
He saber ter justiça nua e inteira.

LIX.

Mas com tudo não nego que Sampaio
Será no esfôrço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fara cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cuitale, com quanta armada tenha.

LX.

E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá de grande e ousada,
Fara co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo têe o leme:
De Chale as tôrres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme.
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém; que nelle geme
Melique, porque á fôrça só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

LXII.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros affugenta;
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fara em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No govêrno do imperio; cujo zêlo
Com medo o Roxo mar fara amarello.

LXIII.

Das mãos do teu Estevão vem tomar
As redeas hum, que ja será illustrado
No Brasil com vencer e castigar
O pirata Francez, ao mar usado.
Despois, Capitão mor do Indico mar,
O muro de Damão soberbo e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dara na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecut; que a si com quantos veio
O fara retirar de sangue cheio.

LXV.

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvída,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo:
Em si verá Beadala o Marcio jôgo.

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos imigos,
Virá despois com sceptro a governá-la,
Sem que ache resistencia nem perigos;
Que todos tremem delle, e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que víra ja Beadala:
De sangue e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita e feia.

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
O nome tẽe co'as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
Portuguez tera sempre levantado:
Conforme successor ao succedido;
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII.

Persas feroces, Abassís, e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes;
Que mil nações ao cêrco feras vem;
Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes
Porque huns poucos a terra lhe detem:
Em sangue Portuguez jurão descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX.

Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta Mascarenhas co'os barões,
Que tão ledos as mortes tẽe por certas:
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.

LXX.

Fernando hum delles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado e ao ceo subido.
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tẽe o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

LXXI.

Eis vem despois o pae, que as ondas corta
Co'o restante da gente Lusitana;
E com fôrça, e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana:
Huns, paredes subindo, escusão porta,
Outros a abrem na fera esquadra insana:
Feitos farão tão dignos de memória,
Que não caibão em verso ou larga história.

LXXII.

Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte e intrepido ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcão do braço triumphante
Que castigando vai Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII.

Estes e outros barões, por várias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta ilha,
Varrendo triumphantes estandartes,
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas nymphas e estas mesas,
Que glórias e honras são de arduas empresas.

LXXIV.

Assi cantava a nympha; e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davão,
Com que festejão as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravão.
Por mais que da fortuna andem as rodas,
(N'huma consona voz todas soavão)
Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor, e fama gloriosa.

LXXV.

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Virão os altos feitos, que descobre;
Tethys, de graça ornada e gravidade,
Para que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI.

Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
Suprema de co'os olhos corporais
Veres o que não póde a vãa sciencia
Dos errados e miseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudencia,
Por este monte espesso, tu co' os mais.
Assi lhe diz: e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Não andão muito, que no erguido cume
Se achárão, onde hum campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis taes, que presume
A vista, que divino chão pizava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superficie, claramente.

LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e hum centro a todos só têe posto.
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca s'ergue, ou se abaixa; e hum mesmo rosto
Por toda a parte têe, e em toda a parte
Começa e acaba em fim por divina arte:

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás e irás, e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande máchina do mundo,
Etherea, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto e profundo,
Que he sem princípio e meta limitada.
Quem cérca em derredor este rotundo
Globo e sua superficie tão limada,
He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende;
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI.

Este orbe, que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos que em si têe;
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambêe,
Empyreo se nomeia; onde logrando
Puras almas estão d'aquelle bêe
Tamanho, que elle só se entende e alcança;
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão: porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos póde dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso.

LXXXIII.

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que têe prudencia,
Governa o mundo todo que sustenta.
Ensína-o a prophetica sciencia
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os maos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui pintura que varía,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
A seus deoses ja dera, fabulando:
Que os Anjos da celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nego que esse nome preeminente
Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

LXXXV.

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando, a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste círculo, onde as mundas
Almas divinas gozão, que não anda,
Outro corre tão leve e tão ligeiro,
Que não se enxerga: he o Mobile primeiro.

LXXXVI.

Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tẽe no seio:
Por obra deste, o sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento e sobjugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII.

Ólha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que tambem nelle tẽe curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Ólha por outras partes a pintura
Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
Ólha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda e seu pae, e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopea a formosura,
E do Orionte o gesto vê tremendo;
Ólha o Cysne morrendo, que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nao e a doce Lyra.

LXXXIX.

Debaixo deste grande firmamento
Vês o ceo de Saturno, deos antigo;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo;
O claro ôlho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os Amores traz comsigo,
Mercurio de eloquencia soberana:
Com tres rostos abaixo vai Diana.

XC.

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'huns grave e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, o ar, o vento e neve:
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E têe, co'o mar, a terra por seu centro.

XCI.

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentão
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil exprimentão;
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentão
Várias nações, que mandão varios Reis,
Varios costumes seus e várias leis.

XCII.

Vês Europa christãa, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza;
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda cheia de bruteza,
Co'o cabo, que atéqui se vos negára,
Que assentou para o Austro a natureza:
Ólha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotapa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua;
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua.
Nasce por este incognito hemispherio
O metal por que mais a gente sua.
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama.

XCIV.

Ólha as casas dos negros; como estão
Sem portas confiados, em seus ninhos,
Na justiça Real e defensão,
E na fidelidade dos visinhos.
Olha: delles a bruta multidão,
Qual bando espêsso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

XCV.

Ólha lá as alagoas, donde o Nilo
Nasce, que não souberão os antigos;
Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Christo amigos:
Ólha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos.
Vê Meroe, que ilha foi de antigua fama,
Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI.

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovão o nome seu:
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso e charo:
O Rapto rio, nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII.

O cabo vê ja Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do affamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres.
Este como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa; e as melhores
Povoações, que a parte Africa tem,
Maçuá são, Arquico, e Suanquem.

XCVIII.

Vês o extremo Suez, que antiguamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade;
Outros dizem que Arsinoe; e ao presente
Tẽe das frotas do Egypto a potestade.
Ólha as águas, nas quaes abrio patente
Estrada o grão Moysés na antigua idade.
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX.

Ólha o monte Sinai, que se ennobrece
Co'o sepulchro de Sancta Catharina:
Ólha Toro, e Gidá, que lhe fallece
Água das fontes doce e crystallina.
Ólha as portas do estreito, que fenece
No reino da sêcca Ádem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

C.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomão, todas da gente vaga e baça;
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça.
Ólha a costa, que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
O cabo, que co'o nome se appellida
Da cidade Fartaque alli sabida.

CI.

Ólha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras.
Mas attenta: ja cá dest'outra banda
De Roçalgate e praias sempre avaras
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII.

Ólha o cabo Asabóro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barém, que o fundo ornado
Tẽe das suas perlas ricas e imitantes
Á cor da Aurora; e vê na água salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

CIII.

Ólha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo e nos cavallos,
Que se injuría de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerúm, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome despois, e a glória teve.

CIV.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provára
Ja seu braço em Ampaza, que deixada
Tera por terra a fôrça só de espada.

CV.

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dons usados della:
Carmania teve ja por appellido.
Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Ólha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a íntima enseada;
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada.
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII.

Vês corre a costa célebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori,
Ja chamado Corí, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tẽe de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Tera victórias, terras, e cidades:
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII.

As provincias, que entre hum e o outro rio
Vês com várias nações, são infinitas;
Hum reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tẽe o Demonio leis escritas.
Ólha que de Narsinga o senhorio
Tẽe as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, varão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX.

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica:
Os idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé que no mundo se publíca,
Thomé vinha prégando, e ja passára
Provincias mil do mundo, que ensinára.

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e não duvída
Podêr tira-lo a terra com possantes
Fòrças d'homens, de engenhos, de elephantes.

CXI.

Era tão grande o pêzo do madeiro,
Que só para abalar-se nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabía bem que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova.
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Bramenes o tēe por cousa nova:
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perder autoridade.

CXIII.

São estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha a inveja;
Buscão maneiras mil, buscão desvios
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz; que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura e fera,
Como a virtude falsa da sincera.

CXIV.

Hum filho proprio mata: logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente:
Dá falsas testemunhas, como se usa:
Condemnárão-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador; e será crido
Por testemunho o seu mais approvado.
Vírão todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pae ser homicida.

CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na água santa,
E muitos após elle: hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Bramenes se enchêrão de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinão matá-lo em fim de tudo.

CXVII.

Hum dia que prégando ao povo estava,
Fingírão entre a gente hum arruido:
Ja Christo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, ja a tudo offerecido:
Hum dos maos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Chorárão-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pizaste;
Mais te chorão as almas, que vestindo
Se hião da sancta Fé que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do Ceo, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a prégar a sancta Fé?
Olhai que se sois sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

CXX.

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Ja com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada.
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixa, de roupas abastada:
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejão grandes peccadores,
Esta água sancta os lava e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia que se preza
De abundante; mas ólha que está posta
Para o Austro, daqui virada a costa.

CXXII.

Ólha o reino Arracão, ólha o assento
De Pegu, que ja monstros povoárão;
Monstros filhos do feio ajuntamento
D'hũa mulher e hum cão, que sós se achárão.
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumão; o que usárão
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII.

Ólha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido;
Tenassarí, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli têe produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samatra, que ja d'antes
Juntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foi dita; e das prestantes
Veias d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntárão:
Alguns que fosse Ophir imaginárão.

CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás naos se estreita:
Daqui tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião que estes e outros mais sujeita.
Ólha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamão, de selvages vidas:
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente; usança crua.

CXXVII.

Vês passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das águas se interpreta;
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos e inquieta:
Tẽe as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e glória tẽe despois da morte
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII.

Este receberá placido e brando
No seu regáço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais affamada que ditosa.

CXXIX.

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata he do pao cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama;
E de Ainão vê a incognita enseada.
Aqui o soberbo imperio, que se affama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX.

Ólha o muro e edificio nunca crido,
Que entre hum imperio e o outro se edifica;
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba e rica.
Estes, o Rei que tẽe, não foi nascido
Principe, nem dos paes aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoso
Por cavalleiro sabio e virtuoso.

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais affamar-se.
Esta, meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
He Japão, onde nasce a prata fina;
Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII.

Ólha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vê Tídore e Ternate, co'o fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas:
As árvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue Portuguez inda compradas.
Aqui ha as aureas aves, que não decem
Nunca a terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Ólha de Banda as ilhas, que se esmaltão
Da vária côr que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que alli saltão,
Da verde noz tomando seu tributo.
Ólha tambem Borneo, onde não faltão
Lagrimas, no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que camphora he chamado;
Com que da ilha o nome he celebrado.

CXXXIV.

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero e cheiroso:
Olha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente, do sertão que as terras anda,
Hum rio diz que tẽe miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao que nelle cahe.

CXXXV.

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammas trémulas vapora,
A fonte que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Ólha em Ceilão que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tẽe por cousa santa,
Pola pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famosa;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
De São-Lourenço vê a ilha affamada,
Que Madagascar he d'alguns chamada.

CXXXVIII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão, que no Ponente
D'um Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vêdes a grande terra que contina
Vai de Callisto ao seu contrário pólo,
Que soberba a fara a luzente mina
Do metal, que a côr tẽe do louro Apollo.
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Várias provincias tẽe de várias gentes,
Em ritos e costumes differentes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co'o pao vermelho nota:
De Sancta-Cruz o nome lhe poreis:
Descobri-la-ha a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antarctico pólo vai da Linha,
D'uma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra alli visinha;
E mais avante o Estreito que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII.

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que ja deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes apprendido
Trabalhos que vos fação ser acceitos
Ás eternas esposas e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas:

CXLIII.

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo, para a patria amada.
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levão refrêsco e nobre mantimento,
Levão a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

CXLIV.

Assi forão cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houverão vista do terreno
Em que nascêrão, sempre desejado.
Entrárão pela foz do Tejo ameno;
E á sua patria e Rei temido e amado
O premio e gloria dão, por que mandou;
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

Nó mais, Musa, nó mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não; que está mettida
No gosto da cobiçà, e na rudeza
D'huma austera, apagada e vil tristeza.

CXLVI.

E não sei por que influxo do destino
Não tẽe hum ledo orgulho e geral gosto,
Que os animos levanta de contino
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII.

Olhai que ledos vão por várias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pelouros;
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolátras e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII.

Por vos servir a tudo apparelhados,
De vós tão longe, sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes.
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Commetterão comvosco; e não duvido
Que vencedor vos fação não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desaliv'ai-os;
Que assi se abre o caminho á sanctidade:
Os mais exprimentados levantai-os,
Se com a experiencia tẽe bondade
Para vosso conselho; pois que sabem
O como, o quando e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios,
Segundo tẽe das vidas o talento:
Tenhão Religiosos, exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vicios
Communs: toda ambição terão por vento;
Que o bom Religioso verdadeiro
Gloria vãa não pretende, nem dinheiro.

CLI.

Os Cavalleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido e fervente
Estendem não somente a Lei de Cima,
Mas inda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dous inimigos vencem; huns os vivos,
E, o que he mais, os trabalhos excessivos.

CLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos e Inglezes
Possão dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portuguezes.
Tomai conselhos só d'exprimentados
Que virão largos annos, largos mezes;
Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormião philosopho elegante
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se apprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

CLIV.

Mas eu que fallo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho; que aqui vereis presente
Cousas que juntas se achão raramente.

CLV.

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás Musas dada:
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLVI.

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante;
A minha ja estimada e leda Musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

NOTAS.

NOTAS.

CANTO I.

Est. 1. V. 5. *Em perigos e guerras*]. Ambas as ed. orig. Mas aqui necessariamente ha vicio, porque a construcção he forçada, e o sentido fica escuro por falta de ligação. Emendou Faria e Sousa este deffeito, repetindo o relativo *Que*, e dando assim o Verso

Que em perigos e guerras esforçados.

Não mal. Mas será esta a verdadeira lição? Temos que não; porque o poeta se propõe cantar: *Os varões assinalados que descobrirão, e conquistárão a India oriental; e tambem as memorias gloriosas daquelles Reis que forão dilatando a Fé e o imperio, e aquelles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando.* E sendo commum o relativo ás duas primeiras orações, desnecessario he repeti-lo; e mais natural parece que a segunda fosse ligada á primeira por meio da conjuncção *E*. Corrobora esta conjectura achar-se a mesma conjuncção logo no principio da Estancia immediata, seguida do adverbio *tambem:* o que denota que ja antecedentemente havia sido empregada. Acresce mais que na 2ª. ed. se vê restituida a dita conjuncção, ainda que, por novo descuido do impressor, collocada fóra do seu lugar. Por onde nos não fica dúvida alguma, que, transportando-a agora do principio do 7º. verso, onde abunda, para o do 5º., onde falta, damos pela primeira vez a verdadeira lição.

Est. 5. V. 6. *Que a Marte tanto ajuda*]. Ambas as ed. orig. Mas a lição he viciosa, assim porque os deoses não carecem de auxilio humano, como porque, dizendo o poeta mais adiante (Est. 36) que Marte, no concelho dos deoses, tomára a defesa dos Portuguezes contra Baccho,

não he verosimil dissesse aqui agora que os Portuguezes ajudavão a Marte, quando este deos não tinha outra empresa entre mãos, que a de os favorecer e ajudar a elles. E assim supprimimos a preposição *a*, aqui introduzida por mão alheia, dando o verso como se lê no 1º manuscripto achado por Faria e Sousa, que he evidentemente como o poeta o escreveo.

Est. 47. V. 6.] *Adagas e terçados.*] Todas as ed. Mas he erro de impressão introduzido nas 1.as porque parece mais natural que o poeta, descrevendo as armas de que usavão os Africanos, fallasse das offensivas e defensivas, e porque o mesmo poeta nos tira de toda a duvida, dizendo neste mesmo Canto Est. 87.

Co'a adarga e co'a hastea perigosa.

Por isso restituimos *adarga.*

CANTO II.

Est. 13. V. 8. *Na moça de Titão.*] Erro palpavel das duas 1.as ed. e de quasi todas as seguintes. Corrigimos *Da moça*, como se lê na edição de Paris de 1759 e n'outras.

Est. 20. V. 3. *Cloto* por *Doto*]. Todas as ed. Dom J. M. de Sousa restituio *Doto.* Adoptámos a sua emenda, assim porque, tendo Venus convocado as Nereidas para lhe ajudarem a desviar as naos do porto, não tinhão alli que fazer as Parcas, como porque, servindo-se aqui o poeta daquella imagem de Virgilio, En. l. 9. V. 102

Quales Nereia Doto
Et Galatea secant spumantem pectore pontum.

Qual a Nereia Doto e Galatea
Cortão co'o peito as espumantes ondas.

nada mais natural, que servir-se tambem do mesmo nome da Nympha.

Est. 36. V. 5. *Da alva petrina.*] Aqui nada temos que observar, quanto ao texto; mas como Dom J. M. de

Sousa julgou que o ignorar a verdadeira significação da palavra *petrina* lhe dava jus e autoridade bastante para reprehender severamente a Faria, que a tomou, como devia, polo cinto de Venus; advertimos aos leitores que não tiverem cabal conhecimento da lingoa Portugueza, que esta palavra nunca significou, senão cinto: nem foi, como pensou aquelle editor, introduzida por Camões; porque muito antes delle a havia usado Garcia de Resende na Chronica de Dom João II. como ja vulgar em seu tempo. Quer Duarte Nunes de Leão, que venha do Francez *poitrine*, Dom J. M. de Sousa, do Provençal *peictrina:* nós nos inclinamos antes a crer que venha do Latim *petrinus, a, um;* cousa que tem pedras; e se désse este nome ao cinto, depois que o luxo introduzio o costume de se ornarem com pedras preciosas.

Est. 55. V. 6. *Que mostrou o aggravado Lusitano*]. Todos as ed. Mas, não estando ainda descoberto o estreito de Magalhães no tempo em que o poeta finge este colloquio entre Jupiter e Venus, não he verosimil que sem necessidade alguma quizesse commetter um tal anachronismo, e dar aqui por feita uma cousa, que elle mesmo no Canto X. Est. 138 diz que ainda se havia de fazer. Corrigimos portanto

Que mostrará o aggravado Lusitano,

sem embargo de ficar a synalepha um pouco mais dura; poisque essa dureza não obstou a que o poeta dissesse (Canto III. Est. 116.)

Não matou a quarta parte o forte Mario,

quando, se quizesse lizongear o ouvido á custa do entendimento, mui bem podia dizer

Não mata a quarta parte o forte Mario.

CANTO III.

Est. 65. V. 5. *Sentio-o a villa, e vio-o a serra della*]. Ambas as ed. orig. Erro solemne, que Faria e Sousa mui bem corrigio, substituindo a *serra, senhor.* O Morgado de

Matheus, sem discernimento algum, rejeitou a emenda, restabelecendo o antigo erro. Mas vendo que o sentido que dava, era tamanho absurdo, como o de fazer andar uma serra, metteo este verso entre parenthesis, para fazer dizer ao poeta o que nunca lhe veio ao pensamento. Mas o mesmo poeta o desmente na Estancia logo seguinte, dizendo que este senhor

O Rei de Badajoz era, alto mouro.

Est. 71. V. 4. *Victoria dina*]. 1ª e 2ª ed. Mas o vicio he manifesto, porque não he possivel que um poeta que tão severamente reprehende o crime, chamasse *digna* a victoria de Cesar sobre Pompeio: quando com termos tão asperos reprova o comportamento de Coriolano e Catilina, e até o do mesmo Sertorio, que tomárão as armas contra a patria; ainda que da rebellião deste ultimo resultou por muitos annos a segurança da Lusitania. Corrigimos portanto *indina*, como se lê no 2º manuscripto achado por Faria e Sousa, que he a verdadeira lição.

Est. 110. V. 6. *Está o famoso nome*]. Todas a ed. Mas he erro, porque o sentido do poeta he: *que os netos de Agar estão repartindo entre o seu exercito as terras dos Christãos; que assim como estão possuindo com falso titulo o famoso nome Sarraceno, assim tambem com falsa conta á nobre terra alheia chamão sua.* Emendamos portanto *Estão.*

CANTO IV.

Est. 11. V. 7. *Matadores* por *moradores*. Erro palpavel de ambas as ed. orig., porque o poeta está fallando dos diversos povos de Hespanha que se armárão em peso, para vir contra os Portuguezes; e não he natural, que só a respeito da Guipuscua e das Asturias quizesse fazer uma excepção, limitando o numero dos que tomárão as armas, somente aos salteadores e assassinos: nem o epitheto de soberbos, aqui dado por distincção, convinha a tão vil relé. Pelo que á palavra *matadores* substituimos *moradores*, como

se lê no 1º manuscripto achado por Faria, que he a verdadeira lição.

Est. 16. V. 4. *Vencestes*]. Ambas as edições de 1572. Mas os que no reinado de João I. deliberavão sobre se devião ou não resistir aos Castelhanos, não os podião ter vencido, debaixo das bandeiras do grande Henriques. Por outra parte o dizer: *Não sois vós os descendentes daquelles que vencestes esta gente?* he um erro de grammatica em que não cahiria um principiante da escola, quanto mais um mestre da lingoa como Camões. Emendámos portanto *vencérão*, que he como o escreveo o poeta.

Est. 29. V. 4. *He maior muitas vezes que o perigo*]. Todas as ed. Mas aqui muito mais palpavel e de maior consequencia he o vicio. Em primeiro lugar, esta sentença, bem examinada em si mesma, he falsa; porque indaque, geralmente falando, os effeitos sejão proporcionados ás causas que os produzem, não succede assim a respeito do medo. Este terrivel affecto, apenas se apodera do coração do homem, de tal sorte lhe offusca o entendimento e escandece a imaginação, que sempre lhe antolha muito maior, mais certo, e mais imminente o mal que teme. Por isso não tem lugar o dizer-se, por modo de excepção, como aqui faz o poeta,

> Que nos perigos grandes o temor
> He maior muitas vezes que o perigo.

Porem não he só falsa a sentença: he tambem aqui mal trazida; e não serve, antes directamente se oppõe á intenção do poeta. Senão vejamos pelo que antes tem dito, se poderia aqui dizer isto.

Os poucos Portuguezes, que em Abrantes se havião reunido, capitaneados por seu Rei, abalão contra o inimigo (Est. 23). As mulheres, sexo timido por natureza, estão por cima dos muros, temerosas e quasi frias de medo, rezando e promettendo jejuns e romarias; mas o medo de que estão possuidas, he (diz o poeta, Est. 26) um alegre

medo; isto he; um medo acompanhado de um certo presagio de victoria, porque confião no favor do Ceo, e sabem o que tem em seus paes, irmãos, maridos, filhos e parentes. E portanto o seu temor he muito menor que o perigo, a que se vão expor tão poucos contra tantos.

Affrontão-se os dous exercitos, que reciprocamente se recebem com grandes gritos: e os poucos, olhando o immenso numero dos contrarios; os muitos, assombrados da destemidez e arrôjo de tão poucos, uns e outros concebem grande duvida da victoria: e não diz o poeta *medo*.

Dá-se o signal: as mesmas cousas insensiveis parece que se amedrentão: o Guadiana, como rio de menos monta, torna atraz as ondas de medroso: o Douro e a terra transtagana ouvem-no com sobresalto: mas o Tejo, postoque duvidoso, continua comtudo no seu costumado curso: e as mães que escutão o som terribil, apértão contra os peitos os filhinhos. Mas nos combatentes apenas se observa demudada a côr do rosto: e isso he (diz o poeta) porque o sangue acode ao coração, que em tão arriscada crise lhes era mais necessario que nunca.

Ora esta mudança de côr, este acudir do sangue ao coração não he, senão aquelle ordinario effeito das trombetas, ainda nos simulacros de guerra, de que falla o mesmo poeta no Canto 1º, Est. 5. quando diz:

> Dai-me uma furia grande e sonorosa,
> E não de agreste avena ou frauta ruda;
> Mas de tuba canora e bellicosa,
> Que o peito accende e a côr ao gesto muda.

E assim até ao 2º Verso da Est. 29, em que estamos, não temos visto, senão aquella torvação, que não podem deixar de experimentar ainda os mais valentes animos no momento fatal, em que se vai decidir da sorte da sua patria, ainda sendo iguaes as forças, quanto mais sendo tal a disparidade. Mas nenhum volta costas ao inimigo; antes obstinados todos na

sua heroica resolução, ardem por chegar ás mãos, e não aguardão senão a voz de seus capitães. Pois se atéqui nem sombra de medo temos visto, como he que o poeta agora de repente nos diz

> **Que nos perigos grandes o temor**
> **He maior muitas vezes que o perigo?**

Por impossivel tenho que tal dissesse um Camões: mormente quando este excessivo temor encontra a verdade historica; pois he um facto attestado por todos nossos chronistas e de paes a filhos transmittido em tradição, que esses poucos Portuguezes tão longe estavão de temer, que com bailes e folias festejárão a apparição dos Castelhanos: o que tanto assombrou o Rei de Castella e o embaixador de Franca, que o acompanhava, que o primeiro esteve em duvida, se peleijaria ou não com homens tão decididos, e o segundo lhe aconselhou, que não; porque, se fosse vencido, para sempre ficava escurecida a reputação das armas de Hespanha, se vencesse, pequena gloria alcançava.

Mas se pelo que o poeta disse antes se mostra a incoherencia de uma tal sentença, muito mais se mostra ainda pelo que diz immediatamente depois:

> **E, se o não he, parece-o.**

E porque o parece? porque *o furor de offender ou vencer o duro imigo Faz não sentir que he perda grande e rara, Dos membros corporaes, da vida chara.* Pois se o furor de offender o inimigo lhes faz ter em pouco as vidas, claro está que nelles podia mais o furor, que o temor; e então necessariamente era o temor menor que o perigo: porque sendo o a que se achavão expostos aquelles poucos Portuguezes, o maior que se póde encontrar na guerra, se o seu temor inda fosse maior que o perigo, devêrão seus effeitos ser igualmente os maiores que o temor tem produzido: e portanto devêrão largar as armas e fugir com maior precipitação e desordem, que nunca exército algum fugio.

Assim que tão palpavel e manifesto he o vicio neste lugar, que julgaramos fazer offensa a nossos leitores, se para o demonstrar gastassemos mais palavras. E ou se hade conservar, attribuindo-se ao poeta um tal absurdo, ou se hade corrigir, imputando-se á ignorancia e descuido dos impressores e editores, que em tantos outros lugares desfigurárão e corrompêrão miseravelmente o texto. Nós, julgando que toda a superstição he damnosa, e que os erros se devem attribuir a quem he mais capaz de os commetter; á palavra *maior*, não duvidamos substituir a sua contraria, que o texto altamente reclama; tanto mais convencidos de que foi aqui introduzida por mão alheia, quanto entre *maior* e *menor* era facil a equivocação.

Est. 32. V. 8. *Julio Magno*]. Ambas as ed. orig. e seg. Corrigio Faria e Sousa: *Julio e Magno*, como se lê no 2º. manuscripto, por elle descoberto; que he sem duvida alguma como o poeta o escreveo. Dom J. M. de Sousa, sem dar razão alguma segundo o seu costume, rejeitou a emenda: nós a adoptamos, porque por Julio se entende Cesar, e por Magno aqui, como na Est. 62, V. 4, se entende Pompeo.

Est. 39. V. 5. *Tinge o ferro o fogo ardente*]. Todas ed. Mas por aqui tambem andou mão estranha, porque não he possivel que o poeta dissesse que fogo tinge, não sendo proprio do fogo o tingir, mas aquentar, queimar, enflammar, abrazar, reduzir a cinza &c. E por isso emendamos *Tinge o ferro o sangue ardente*, como se lê no 2º. manuscripto achado por Faria; porque não póde ser outra cousa.

Est. 67. Esta malfadada Estancia parece não ter sido entendida, não obstante ser tão clara que mais não póde ser. Alguns annos depois da morte de Camões, se moveo entre os litteratos uma longa e mui renhida contenda sôbre os dous ultimos versos della, sustentando uns que o poeta peccára contra as leis da epopeia, fingindo um sonho feliz á primanoute; outros que tal não havia; porque o sonho fôra sôbre

manhãa. Fundavão-se aquelles em que o tempo, em que a luz clara foge, he ao anoutecer; estes em que o tempo, em que as estrellas cahem, he ao romper do dia: e uns e outros tinhão igual razão, porque os dous tempos se achão alli mui bem declarados. Mas nem os que o increpavão nem os que o defendião, entendião o poeta: até que Franco Barreto, homem alias douto e mui estimavel philologo e poeta, para conciliar as duas opiniões descobrio um meio engenhoso; que foi juntar em um só os dous tão distinctos tempos, fazendo preposição do *a*, que era artigo, e escrevendo

> **No tempo, que á luz clara**
> **Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,**
> **A repouso convidão quando cahem.**

E não só em um discurso apologetico, para esse fim composto, mas tambem na sua ORTOGRAPHIA se esforçou em provar ser esta a verdadeira lição.

Não será fóra de proposito transcrevermos aqui as suas mesmas palavras, para que se veja com quanta attenção se devem ler os poetas, e com quanta facilidade até nas cousas mais claras ainda os homens doutos se enganão.

"He tão importante (diz elle) a observancia dos ac-"centos, que por falta della foi mal entendido um lugar do "nosso Camões, Canto IV. Est. 67. Adonde disserão alguns "criticos, e em particular o Licenciado Manoel Pires de "Almeida, que o poeta não fizera consideração do tempo "como devêra: porque os sonhos dos poemas epicos vem "em um de tres tempos: ou á prima noute, ou á meia "noute, ou ante manhãa. Que os sonhos de prima noute "são desastrados e infelices; os da meia noute não são pe-"nosos, nem trazem comsigo calamidades totaes; e uns e "outros carecem de certeza... Os de ante manhãa são "bem assombrados e verdadeiros... E logo mais abaixo "declarando o lugar apontado do poeta, diz, que o sentido "delle he quando anoutece e sahem as estrellas a allumiar

"o mundo. Respondeo-lhe doutissimamente o Doutor João
"Soares de Brito com uma apologia que tirou á luz. Po-
"rem nem elle, nem Manoel de Faria e Sousa em o seu
"commento ao poeta advertírão que, pondo um accento
"agudo sôbre o articulo *a, á luz clara,* fica conhecido ser
"o tempo do sonho a madrugada, como o critico queria
"que dissesse Camões; sem gastar tantas palavras em de-
"fender o que per si não ha mister defensa, e he o sen-
"tido do poeta: porque o tempo que foge á luz clara he o
"da manhãa, e então se diz que cahem as estrellas: e neste
"mesmo sentido disse Virgilio:

"Et jam nox humida cœlo
"Præcipitat, suadentque cadentia sydera somnos."

E ja a humida noute apressurada
Se retira do ceo, e ao grato somno
As cadentes estrellas persuadem.

Mas o que realmente se vê de toda esta questão, he que nem o critico, nem o Doutor, nem Faria e Sousa, que commentou o texto, nem o mesmo Franco Barreto, que o emendou, entendêrão este lugar do poeta. Porque elle não faz aqui mais que preparar o leitor para o sonho que vai trazer, expondo a causa por que a ElRei Dom Manoel veio aquelle sonho; que foi, andar elle sempre occupado do pensamento da descoberta da India, que de seus antepassados lhe ficára como herança. E o sonho e o tempo em que teve lugar, nas seguintes Estancias mui bem declarado está; porque, combinados os dous ultimos versos da 68 com os da 75, não só se vê claramente que foi sobre manhãa, mas que não podia ser antes,

Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias fórmas lhe apparece,

e bem não era acabado o sonho (que não durou senão o tempo necessario para Dom Manoel ser arrebatado á prima esphera, e de lá ver aquellas terras d'Asia e ouvir a mensagem dos rios Indo e Ganges; que serião alguns momentos)

Veio a manhãa no ceo pintando as côres
De pudibunda rosa e roxas flores.

He pois o verdadeiro sentido do poeta: que a noute e o dia encontravão a Dom Manoel sempre occupado daquelle pensamento. A periphrasis he aqui diversa, mas a ideia he a mesma que no Soneto 169 onde diz:

Contente me acha aqui, me deixa o dia.

E ambos estes lugares são imitação daquelle de Virgilio, Geor. l. IV. v. 465

Te, dulcis conjux, te solo in litore secum
Te veniente die, te decedente canebat.

A ti, doce consorte,
A ti na erma praia só comsigo
Cantando o encontrava a noute e o dia.

E eis-aqui a tea de aranha, em que se enredárão tantos entendimentos.

João Franco Barreto não achou outro meio de sahir da difficuldade, senão o de alterar o texto. A sua emenda comtudo offerecia um sentido plausivel, e que não fazia deshonra a Camões. Mas a do Morgado de Matheus, que tanto reprehende o atrevimento daquelle, alem de muito mais atrevida, he absolutamente inepta, porque desfigura toda a Estancia, desconjuntando-lhe os membros com um desmesurado parenthesis, para fazer cahir o poeta em tamanho absurdo, como o de pôr o sonho em dous tão distinctos e oppostos tempos, como são prima noute e ante manhãa.

Est. 74. V. 5. *Est' outro he o Indo Rei.*] Todas as ed. Mas he érro de pontuação, porque este Rei não he o Indo: he Dom Manoel, com quem está fallando o Ganges. Deve portanto escrever-se

Est' outro he o Indo, Rei, &c.

Est. 102. v. 5. *Alto e profundo*]. Todas as ed. Mas evidentemente he érro de impressão, porque não era possivel que o poeta, sem necessidade alguma, rimasse *pro-*

fundo com *profundo*. Por isso corrigimos: *facundo*, como se lê no 1º manuscripto descoberto por Faria e Sousa; que he a verdadeira lição.

CANTO V.

Est. 33. V. 6. *Tecida* por *crescida*]. Erro da 1ª ed. Na 2ª por estarem as letras apagadas no ex. da bibliotheca de Paris, de que nos servimos, apenas se póde ler: *cida;* mas como quer que se leia nesta edição, o certo he que não póde ser senão crescida, como mui bem observou Faria e Sousa: por isso adoptamos a sua emenda.

Est. 86. V. 1. *Julgas agora, Rei, se houve no mundo*]. 1ª e 2ª ed. Mas he vicio manifesto; porque o poeta não pergunta, diz ao Rei que julgue, *se houve no mundo gentes que taes caminhos commettessem.* E as duas interrogações que se seguem logo depois, derão certamente causa a introduzir-se aqui este êrro. Na edição de Faria, e n'outras mais antigas se lê: *Agora julga, ó Rei.* E esta he a verdadeira lição.

CANTO VI.

Est. 14. V. 5. *Ás portas o recebe*]. Todas as ed. Mas aqui se encontra o mesmo vicio que no Canto I. Est. 1. V. 5.; isto he a suppressão da conjuncção *E,* absolutamente necessaria para ligar o sentido. E assim a restituimos pela mesma razão que alli o fizemos. Além deste ha inda outro, que he ter ponto final no fim do 8º verso, quando o sentido desta Estancia tem a sua clausula na seguinte; o qual tambem corrigimos pondo a pontuação competente.

Est. 18. V. 7. *Ostras e Camarões*]. 1ª e 2ª ed. N'outras se lê: *Ostras e breguigões.* Uma e outra lição he viciosa: porque nem he verosimil que o poeta repetisse a mesma palavra n'uma Estancia, nem o epitheto — *de musgo sujos* convem a Camarões nem a breguigões. Pelo que as desprezamos, restituindo a palavra *misilhões,* assim porque esta se acha no 1º manuscripto descoberto por Fa-

ria, como porque a circunstancia — *de musgo sujos*, perfeitamente convem a esta especie de marisco, porque tem certo musgo com que se apega aos rochedos.

Est. 39. V. 6. *Estregando*]. 1ª e 2ª ed. Mas he visivelmente êrro de impressão, porque em nenhum autor classico, nem no mesmo Camões, fóra deste lugar, se encontra semelhante verbo; e quando o poeta o trouxesse do Latim *extergere* ou do Castelhano *estergar*, por isso mesmo que o introduzia de novo, escreveria *estergar*, e não *estregar*, a fim de ser entendido. Emendamos portanto *esfregando*, como se lê na edição de Faria e Sousa.

CANTO VII.

Est. 10. V. 5. *Entre vós*]. Todas as ed. Mas aqui, da mesma sorte que no Canto I. Est. 1. V. 5., e no mesmo v. da Est. 14. Canto VI. falta a conjuncção *E*, que, sendo necessaria ao sentido, e não lesando a harmonia do verso, não podia ser supprimida, senão por descuido do impressor. E portanto a restituimos.

Est. 77. V. 1. *Com elle os Gamas junto*]. Todas as ed. Mas não póde ser. Dous Gamas forão nesta expedição; Vasco, heroe do poema, e Paulo, seu irmão. Quando o Catual veio a bórdo da capitaina, achava-se Vasco retido em terra: por essa razão Paulo, que na ausencia do Almirante enchia as suas vezes, fez áquelle magistrado as honras do recebimento. E como só um era presente, só um se podia levantar. Este he um daquelles lugares, que mostrão claramente o quanto este poema foi viciado nas primeiras edições. Corrigimos

Alça-se em pé, com elle o Gama junto.

Est. 73. V. 8. *Se aproveitar dos homens*]. 1ª e 2ª ed. Na de Vicente Alvares, impressa em Lisboa em 1612 se lê. *Se approveitar de homens:* e esta lição mais se achega á verdadeira, porque para ser perfeita, lhe não falta senão um *m* depois do *se*, que os antigos supprião muitas vezes com

um til sobre o *e*, o qual facilmente podia escapar na composição Por isso adoptamos a lição vulgar

Sem aproveitar de homens força e arte,

que he evidentemente a do poeta.

CANTO VIII.

Est. 15. V. 6 e 7. *Assi* por *a si.* Erro das primeiras edições, emendado nas seguintes, e por Dom J. M. de Sousa ultimamente reproduzido, sem dar a razão por que.

Est. 47. V. 1. *Um devoto*]. Ambas as ed. orig. Corrigio Faria e Sousa: *a um devoto.* Adoptamos a emenda, porque a preposição he aqui necessaria para aclarar o sentido.

Est. 87. V. 8. *Trémulo aqui e alli, e dessocegado*]. Ambas as ed. Mas he impossivel que o poeta assim escrevesse este verso. Supprimimos as duas conjuncções, porque não servem ao sentido, e destruem toda a belleza do verso.

Est. 93. V. 2. *Com que venha*]. Todas as ed. Mas he erro manifesto. Corrigimos: *em que venha.*

CANTO IX.

Est. 16. V. 8. *Temidos e ledos.*] Erro solemne de ambas as ed. orig., porque o sentido he este: *Levando alegres novas e resposta da parte oriental para Lisboa; timidos e ledos outra vez commettendo os duros medos do mar incerto.* Deste, e de muitos outros lugares se vê que o poeta não assistio á impressão da sua obra, nem corrigio as provas. Emendamos, *timidos e ledos*, como se lê na edição de Faria e Sousa.

Est. 21. V. 6. *Da primeira c'o o terreno seio*]. Ambas as ed. Mas não ha vicio mais manifesto; ou se olhe ao sentido, ou ao material do verso. Em primeiro lugar, se destas sós palavras o poeta quizesse formar um mao verso, seguramente escrevêra

Da primeira com o terreno seio.

Mas a elisão do *m* na preposição *com*, prova com toda a evidencia que este verso, da maneira que o poeta o havia organizado, se achava tão perfeitamente cheio até á 6ª sylaba, que havia necessidade de synalepha; e como se lê nas primeiras ed., além de não ter os accentos nos seus devidos lugares, vem-lhe a faltar uma sylaba. E, não se podendo esta juntar ás palavras que o compõe, segue-se que houve suppressão de uma palavra, e que esta era monosylaba.

Diz o commentador Manoel Correa que na palavra — *primeira* — se deve dividir o diphtongo, e pronunciar *prime-ira;* e affirma que assim o ouvíra ao poeta: mas o mesmo poeta o desmente com fazer a synalepha que dissemos. Porque grandissimo disparate seria unir em uma só duas vogaes distinctas e separadas, para desunir violentamente duas tão inseparaveis por sua natureza uma da outra, que ambas não devem formar mais que uma. Isto quanto ao material do verso. Vamos agora ao sentido.

Diz o texto: *Que Venus, para refocilar os navegantes, lhes tinha apparelhada no meio das águas uma ilha deliciosa; que muitas tem no reino que confina da primeira co'o terreno seio, a fóra as que possue para dentro das portas Herculanas.* Mas que reino he esse que confina com o terreno seio da peimeira? e que se entende aqui por primeira? O reino, claro está que he o de Neptuno, o mar, por onde vinhão os navegantes. Por primeira, segundo o que está escripto, não se póde entender, senão *ilha.* Mas qual será a primeira ilha? Será a primeira em que a deosa teve culto? Paphos, Cithere, Cypro, Gnido, ou Amathunta? Não; que essas estão para dentro das portas Herculanas, e portanto exceptuadas pelo poeta. Então será a primeira, indo ou vindo do Sul para o norte, ou do norte para o sul? Não; que não era possivel que um poeta como Camões se exprimisse de ũa maneira tão vaga. Logo he evidente que este terreno seio não he o da primeira ilha, mas sim o da mãe primeira, da terra; porque

na linguagem dos Oraculos e dos poetas por mãe se entende a terra, que o he de todos; e por mãe primeira se entende a Asia, onde dizem ter sido o paraiso terreal. E tanto he esta a verdadeira lição deste lugar, que restituida a palavra *mãe*, que he o monosylabo que faltava nas primeiras edições, temos verso e temos sentido; supprimida, nem verso nem sentido temos.

Sustentou portanto Manoel Correa a maior das falsidades, e commetteo o Morgado de Matheus o mais indesculpavel dos erros em desprezar a emenda feita e approvada por homens incomparavelmente mais doutos, só por seguir ás cegas a autoridade dessas edições originaes, em tantos lugares convencidas de infieis.

Est. 46. V. 2. *No coração dos deoses*]. Todas as ed. Mas que he êrro, não ha dúvida, porque *o louvor grande* não mudou nos corações; mudou os corações dos deoses, tornando propicios os que atélli erão contrarios.

Est. 50. V. 4. *Os guiava*]. Erro do 1ª. ed., emendado na 2ª. Dom J. M. de Sousa reproduzio o erro: nós tornamos a emendar *as guiava*; porque o poeta está fallando das Nymphas.

Est. 59. V. 7. *Entregai-vos ao damno*]. Estranha cousa parece á primeira vista, que o poeta aconselhe ás peras que, para se conservarem na sua árvore, se deixem picar dos passaros; mas quem reflectir bem no que o poeta diz antes e depois, atinará facilmente com a razão deste conselho.

Está o poeta encarecendo a fertilidade e as delicias desta ilha imaginaria, aqui maravilhosamente introduzida para significar o quanto he diverso de todos os mais prazeres aquelle prazer divino, que sentem as almas grandes em ter feito acções heroicas e sublimes. Os ares são alli mais puros, mais fertil o terreno, mais limpidas as águas, a relva mais viçosa, as flores mais bellas e mais fragrantes, mais suave o cantar dos passarinhos, os fructos mais abundantes e melhores, que em nenhum outro paiz do mundo.

> Encosta-se no chão, que está cahindo
> A cidreira co'os pesos amarellos;
> Os formosos limões alli cheirando
> Estão virgineas tetas imitando;

e tão doces, tão saborosas são as peras piramidaes, que os passaros as comem; e tantas e tamanhas, que grande beneficio he para ellas, que os mesmos passaros com os bicos lhes diminuão o peso; porque de outra sorte não poderião conservar-se nas pereiras. E por isso o poeta lhes diz:

> E vós, se na vossa árvore fecunda,
> Peras piramidaes, viver quizerdes,
> Entregai-vos ao damno que co'os bicos
> Em vós fazem os passaros inicos.

Um dos commentadores antigos, Manoel Correa, se bem nos lembramos, explicou este lugar de um modo que se approximava um pouco desta nossa intelligencia. Manoel de Faria e Sousa julgou que o poeta fallava aqui por ironia. Entre as duas interpretações escolherá o leitor a que lhe mais agradar. Mas, segundo nós a entendemos, he esta expressão do poeta summamente engenhosa e delicada, e segundo a entende Faria, vem a ser a maior das puerilidades.

E, pois entramos em explicações de texto, permitta-senos fazer mais uma, que poderia escapar aos mais dos leitores, para que melhor se entenda e apprecie a allegoria desta admiravel ficção; e he: Que para significar a immensa distancia, que separa os heroes do vulgo, collocou o nosso poeta o seu templo da Gloria n'uma ilha remota e apartada de todo o commercio humano, figurando nos procellosos mares que a circundão, quão trabalhoso e arriscado he o caminho da virtude.

Este prodigioso quadro, com que o poeta quiz alegrar a severidade do seu assumpto, digão embora que he lascivo, com tanto que confessem, que não tem igual em toda a poesia descriptiva.

Est. 81. V. 5. *Lhe mudarás*]. 1ª e 2ª ed. *Se lhe mudará*: lição vulgar. A primeira he viciosa, porque não he possivel que o poeta dissesse que a Nympha havia de mudar a estrella de Leonardo na virtude do seu gesto lindo. A segunda lição não deixa nada a desejar, e o mesmo poeta a confirma dizendo logo depois. *E se se lhe mudar.*

CANTO X.

Est. 10. V. 1. *Cantando*]. Erro da 1ª ed., emendado na 2ª Dom J. M. de Sousa, sem critica nenhuma reproduzio a primeira lição.

Est. 86. V. 6. *Turbulento*]. Todas as ed. Mas he vicio, porque não he possivel que o poeta rimasse *turbulento* com *horrendo*. Emendamos *tremendo*, como se lê no 2º manuscripto achado por Faria, que he a verdadeira lição.

Est. 105. V. 4. *Da natura e dos dons*]. Ambas as ed. orig. *Da natureza e dons:* lição vulgar; mas não ha razão para se rejeitar a primeira, que he a do poeta.

Estes são os mais notaveis erros typographicos das edições anteriores, emendados na presente. Mas alem destes, corrigimos ainda outros, de que julgamos ocioso dar a razão, por ser obvia a todo o leitor.

ADVERTENCIA.

Estando ja impresso este volume, sahio á Luz mais uma traducção do poema dos Lusiadas na lingoa Alemãa por Donner, impressa em Stuttgart anno de 1833, a qual se deve ajuntar ás duas, que mencionámos no prologo.